Una historia de
Powerless

Fearful



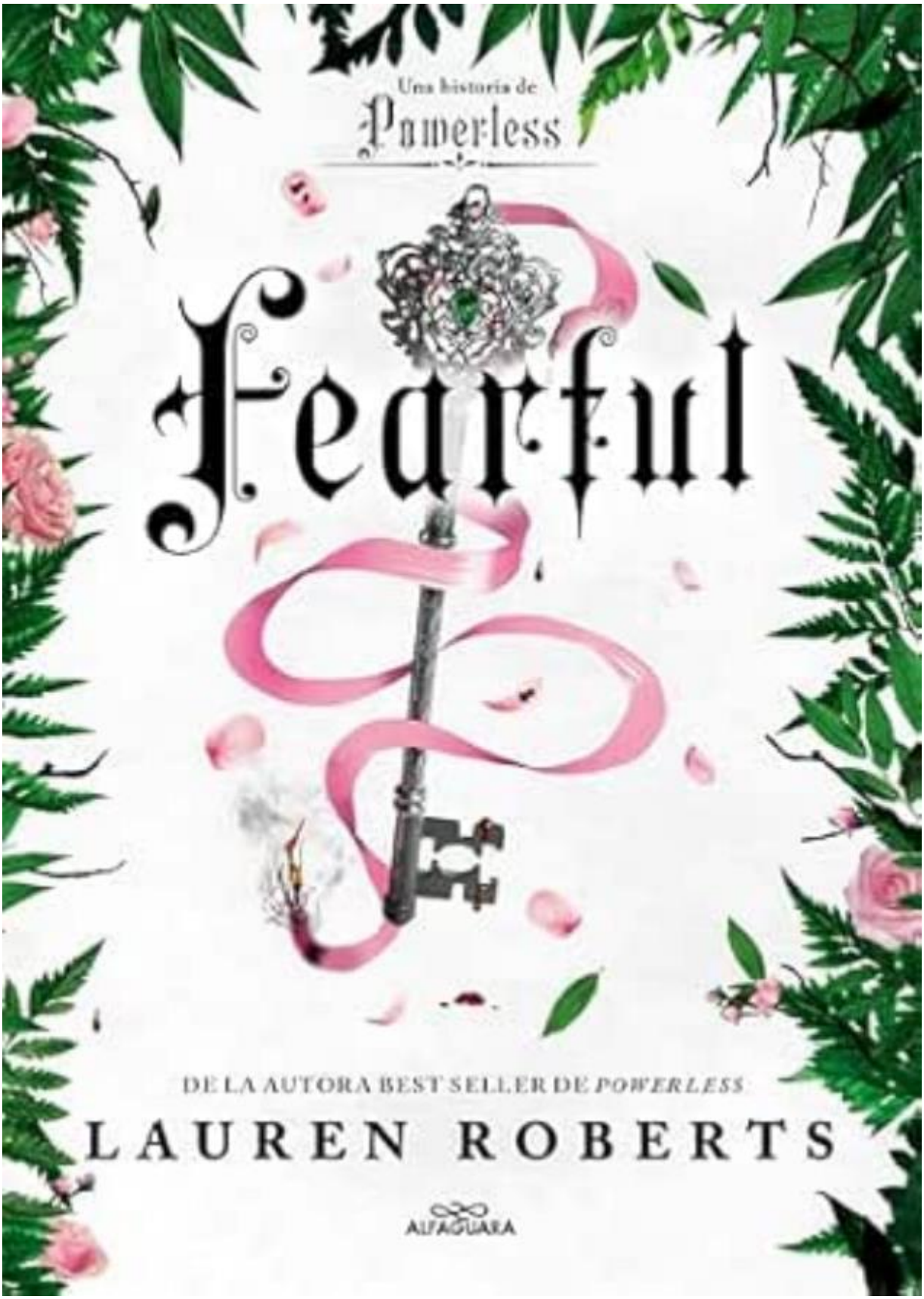
DE LA AUTORA BEST SELLER DE *POWERLESS*

LAUREN ROBERTS

ALFAGUARA

Índice

Medroso
Prólogo. Mara
Capítulo 1. Kitt
Capítulo 2. Mara
Capítulo 3. Kitt
Capítulo 4. Mara
Capítulo 5. Mara
Capítulo 6. Kitt
Capítulo 7. Mara
Capítulo 8. Kitt
Capítulo 9. Mara
Capítulo 10. Mara
Capítulo 11. Kitt
Capítulo 12. Mara
Capítulo 13. Kitt
Capítulo 14. Mara
Capítulo 15. Mara
Capítulo 16. Kitt
Capítulo 17. Mara
Capítulo 18. Mara
Capítulo 19. Mara
Capítulo 20. Kitt
Capítulo 21. Mara
Capítulo 22. Kitt
Capítulo 23. Kitt
Capítulo 24. Mara
Capítulo 25. Kitt
Capítulo 26. Mara
Capítulo 27. Kitt
Capítulo 28. Mara
Epílogo. Kitt
Sobre este livro
Sobre Lauren Roberts
Créditos


Una historia de
Powerless
Fearful
DE LA AUTORA BEST SELLER DE *POWERLESS*
LAUREN ROBERTS
ALFAGUARA

Fearful

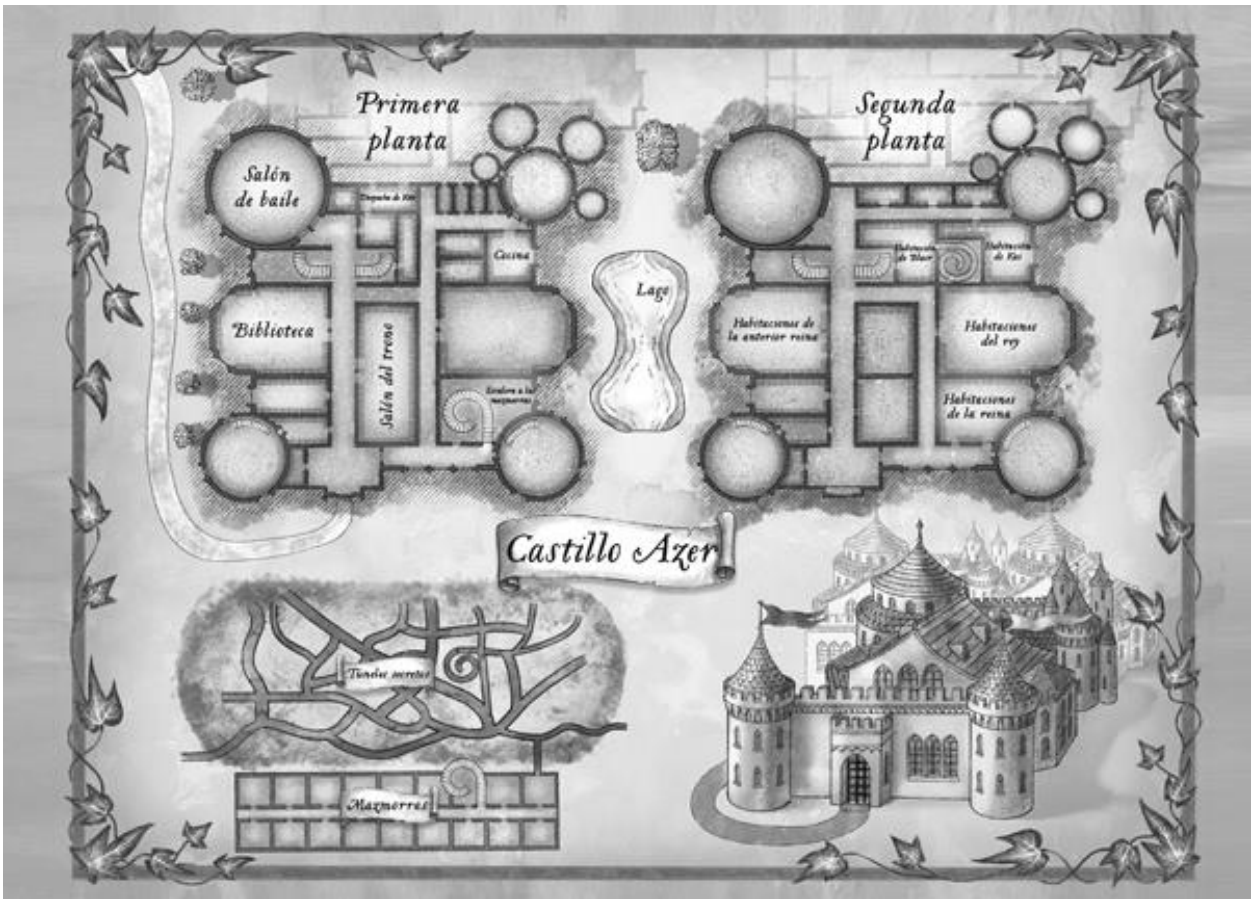
LAUREN ROBERTS

Traducción de
Cristina Macía



ALFAGUARA

Para aqueles que têm medo,
sobre amor ou outras coisas:
Você é mais corajoso do que pensa.


Primera planta
Segunda planta
Salón de baile
Cocina
Lago
Biblioteca
Sala del trono
Habitaciones de la anterior reina
Habitaciones del rey
Habitaciones de la reina
Castillo Azer
Túneles secretos
Mazmorras


Ilya
Astrio
Zando
Ignotus
Dor
El Mors



PRÓLOGO
Mara

Os mortos resistem como se ainda tivessem algo pelo que viver.

Este corpo parecia mais pesado que os outros enquanto seguia os passos da Morte. Mas não era pelo cansaço de um humano arrastando um cadáver, pois a Morte possui todo o equipamento necessário para condenar os mortos. Quando reúne suas forças, Essa é a resposta dela . Quando a tentação se faz necessária, ela usa a beleza como armadura. E quando precisa fazer jus à sua reputação implacável, a Morte certamente o faz.

É importante não esquecer isso.

Não, o que a impede é o peso da alma do homem. Uma escuridão que envolve seu coração parado, que cobre sua pele fria com pecados do passado, escorregadia como a... Óleo sob o toque da Morte. Ela arrasta o homem suplicante pelo tornozelo, através do lamaçal, segurando-o apenas com o mínimo de dedos. A Morte não gosta de sujar as mãos. O homem pode estar morto no mundo dos vivos, mas aqui, a morte é um favor a ser conquistado, então o corpo rígido se contorce na lama enquanto Ele implora por misericórdia e sua boca aberta se enche de lama negra.

A morte não olha para trás. Ela já conhece a face do dever. Ela é tão condenada quanto as almas que carrega.

A densa névoa rasteja pelo mundo mergulhado na decadência. Ela sufoca o homem que arrasta consigo, rodopiando no caminho da Morte. Em meio aos vapores ameaçadores, a Morte hesita sob uma árvore apodrecida. para recuperar o fôlego. Felizmente, o mar de neblina em que o homem agora se afoga diminuiu o fedor de sua alma profanada. A morte aproveita o momento de calmaria para espreitar entre os galhos nus que se estendem em direção a um céu sempre cinzento. Árvores retorcidas brotam da lama como dedos ossudos, apontando para a vida que jaz além deste cemitério pretensioso.

A Morte permanece impassível diante da natureza sinistra de seu local de nascimento (que é sinistro, metaforicamente falando, é claro); ela caminha entre as árvores

esbranquiçadas, sua alma sempre a seguindo. Musgo pende de cada galho e acaricia seu rosto como um véu fantasmagórico. Como uma noiva que retorna após ter fugido.

O Mors dá as boas-vindas ao seu povo.

A morte continua a nos arrastar. A alma entre as árvores esqueléticas ri enquanto abre caminho através das cortinas de musgo. As árvores adoram fofocar. Algumas apenas ouvem o sussurro do vento entre os galhos, mas aquelas que viram a morte em pessoa sempre a reconhecem nas vozes alheias.

Ossos rangem aos pés da Morte. A alma, com o tornozelo machucado sob os dedos delicados de uma mulher . Com seu charme enganoso, ele grita quando um fêmur amputado arranha sua pele enlameada (até a Morte admite que exagerou um pouco nos ossos). O sangue escorre pelo seu braço e encharca a terra pútrida, que absorve avidamente uma vida que raramente lhe é permitida provar. O homem uiva quando, sob ele, o chão começa a respirar como a criatura babante que é.

-Ainda não —A morte repreende gentilmente o apetite voraz da terra.

A resposta é uma vibração suave sob ela enquanto a alma continua a lutar violentamente.

Com a mão livre, a Morte desembainha uma longa espada enegrecida e usa a ponta manchada de almas para afastar os ossos que bloqueiam seu caminho (porque ela também não gosta de sujar as botas).

Ao ver a folha, que Agora, um vapor tão negro quanto tinta escorre do homem, que uiva novamente:

—Por favor! Me deixe ir, por favor! Eu...!

"Não precisa gritar." A voz da Morte é suave, talvez até sincera. Pela primeira vez desde que a arrebatou do meio dos vivos, ela se vira para olhar a alma que está arrastando consigo. "É fascinante como ela é esquecível", pensa enquanto observa a cena. Com olhos âmbar, cabelos castanho-escuros e o rosto coberto de lama. Mas há medo em seu rosto, e isso é entediante, embora também familiar. "Ninguém pode te ouvir aqui", ela conclui.

O homem pisca, assustado.

—M-mas... você consegue me ouvir...

A morte concede a si mesma um momento de compaixão para com essa alma.

—Eu não sou a pessoa a quem você gostaria que atendesse às suas orações.

A ponta de A espada negra pende de sua mão e arrasta-se pelo chão seco, levantando faíscas em seu rastro. O homem murmura algo.

—Não se preocupe com os ossos—responde a Morte. —Eu os coloquei ali pelo efeito que eles causam.

—O quê? —o homem engasga.

—Os seres humanos têm muitas expectativas sobre a morte. Todos a temem, sim, mas passam a vida se perguntando se ela será tão terrível assim. —A morte umedece os lábios e fala... a verdade, como sempre. Ela não tem tempo para aparências—. Não quero te decepcionar.

Por sorte, o homem para de se debater.

—Então, os ossos... não são reais?

"Que pergunta boba." A adorável franqueza da Morte retornou. "Principalmente considerando que você já sabe a resposta."

A cooperação de Alma não durou muito tempo.

A Morte suspira e solta o tornozelo do homem. Árvores cinza-escuras se erguem acima deles, e a alma pisca enquanto contempla o musgo nos galhos, proveniente da terra corrompida. A Morte tira um lenço de sua capa para limpar a imundície da alma pecadora de suas mãos.

—Você pode ir agora.

O homem se senta de repente. Lama escorre pelo seu queixo. Assim como a incredulidade que transborda de sua boca.

—P-posso… ir embora?

"Ou você pode ficar aí deitado, se quiser." A Morte dá de ombros. E isso, só isso, faz o homem estremecer a seus pés. É um gesto indiferente, como se ele estivesse vestindo uma pele humana que não lhe servisse direito. "Você pode fazer o que quiser", ele simplesmente aponta.

—Mas… o que eu tenho? "O que fazer?", pergunta o homem, hesitante.

—Encontre a saída de Mors. —A morte dá um passo para trás—. Ou não.

A alma se ergue da melhor maneira possível antes de começar a fazer perguntas:

É possível sair daqui? O que devo procurar? Conseguirei voltar para casa?

A morte não responde a ninguém. Ela deixa uma promessa à qual muitos se apegam por toda a eternidade.

—Você está completamente sozinho aqui. A menos que que você encontre a saída.

Então ele se vira e condena aquela alma à solidão.

Mas, na realidade, o homem nunca estará completamente sozinho.

A Morte ergue o olhar e vê um enxame de almas, quase um mar. É como um cobertor ondulante; os corpos cobrem cada centímetro da terra árida. Há desespero em cada rosto, em cada alma que busca a libertação. Elas se atravessam umas às outras, Ignorantes de tudo, exceto da solidão que os devora por dentro.

A morte os atravessa, ceifando-os como uma foice que corta as sombras.

Olhando para trás, ele vê a alma mais recente, buscando uma saída na terra rachada. A esperança ilumina seus olhos enquanto ela cava na lama, alheia às dezenas de outras almas que fazem o mesmo ao seu redor.

A morte desvia o olhar, desapontada.

No fim, todos se desgastam, desaparecem. O isolamento devora suas mentes, mas aqueles que não conseguem aceitar seu destino continuam buscando uma saída. O zumbido constante dos lamentos dessas almas é a canção de ninar ao ritmo da qual a Morte caminha. Porque, muitas vezes sem saber, eles harmonizam sua dor.

Há choro, claro (essa é a reação). (o mais óbvio). Depois, há as almas que encaram fixamente o céu opaco; estão ali há muito tempo e já não têm energia para fazer mais nada. E há também aqueles que vasculharam cada centímetro de Mors em busca da sua liberdade e perderam a cabeça.

Há uma alma em particular (a Morte conhece cada uma de suas vítimas, e essa mulher está em Mors há quase um milênio) que Está golpeando uma árvore sussurrante.

—Deixe-me entrar! Deixe-me entrar! Eu sei que você está aí dentro!

A Morte desvia o olhar e passa por uma mulher que implora por refúgio sob uma árvore. Seu sussurro soa familiar; a alma que ali reside é amigável. Então, a Morte se senta entre as raízes retorcidas da árvore e encosta a cabeça no tronco cinzento. Ela fecha os olhos. E ela

puxa as cordas desgastadas das quais todos os humanos estão pendurados. A morte não escolhe quem deixar cair da corda bamba, apenas quem agarrar primeiro quando caírem.

Este é o seu destino: acompanhar os outros em sua direção.

Inúmeras esperanças brotam da mente da Morte como uma intrincada teia de aranha. Ela brinca com aquelas que já estão se desfazendo: uma mulher que ela quase atropelou. Um cavalo desgovernado; uma criança colocando na boca uma fruta tão suculenta quanto venenosa; um homem cujos inimigos espreitam em um beco escuro. Mas a Morte não perde tempo com perigos potenciais, com ameaças do fim. Não, ela busca uma vida que já está se esvaindo, uma alma que perdeu o equilíbrio na corda bamba.

Um homem aparece na mente da Morte. Ele tem cabelos dourados e despenteados. e seus olhos verdes enlouquecidos. Ele grita, perturbado, embora as palavras cheguem até ele abafadas.

Mas não é isso que assusta a Morte, e poucas coisas costumam assustá-la. Aquelas feições lhe parecem familiares, como uma lembrança distante que a faz parar abruptamente.

Rostos sombrios o cercam, passando rapidamente pela mente da Morte antes que ela sinta seu fio da vida se desfazer. Sem remédio.

O homem leva uma pequena garrafa aos lábios e bebe.

O destino corta a corda outrora forte, pondo fim a uma jovem vida prematuramente.

A morte abafa uma exclamação. Algo arde em seu peito vazio.

Esta morte é diferente. É pessoal, íntima.

A Morte, surpresa, franze a testa e tenta compreender a ligação que ela tem com ele. Poucos humanos... Eles haviam conseguido despertar sua curiosidade, e nenhum deles se parecia com ele. Pelo menos não nesta vida.

Este homem experimentou a morte por sua própria vontade. Ele renunciou ao seu futuro. E o guardião de Mors gostaria de saber por quê.

Ele se senta. Balança a cabeça negativamente. Chega até a esboçar um sorriso.

A Morte havia jurado que morreria antes de pôr os pés em Ilya novamente.



CAPÍTULO 1
Kitt

A peste queima minha garganta.

Este deve ser o gosto do poder.

Os protestos dos curandeiros são um murmúrio abafado que se mistura aos gritos dos estudiosos que nos rodeiam.

Vejo a onda de incredulidade se abatendo sobre seus rostos embaçados.

Ordenei que me trouxessem a dose perfeita.

Agora eles Cabe a eles me manter vivo.

Insensato, imprudente, louco… Não me importo.

Tenho grandes planos para Ilya.

Só preciso escapar da Morte.



CAPÍTULO 2
Mara

A vida é muito mais entediante do que quando a Morte a tinha. Isso a entristece um pouco. Ela estava preparada para se impressionar com a humanidade.

É uma pena. Ela respira fundo, desaprovando (o ar tem gosto de fumaça e folhas podres estalam sob suas botas) e segue o rastro da alma que anseia por se reunir a ela. Claro, A morte não precisa de ar nos pulmões, mas é difícil abandonar certos hábitos, como encher os pulmões para sobreviver. Porque a Morte decidiu valorizar detalhes que os humanos às vezes consideram banais, e respirar é um deles.

Assim, com seus órgãos inúteis cheios de ar úmido, a Morte atravessa os jardins do castelo com passos firmes, como se pertencesse àquele lugar. à família real.

Apesar da monotonia que cobre o reino, há algo vagamente familiar aqui. As árvores são retorcidas, curvadas sob a mão implacável do tempo. Até o céu parece ter perdido seu brilho habitual, enquanto a morte acaricia as pálidas pedras do castelo.

Sim, tudo é muito menos brilhante do que parece. Eu me lembrei.

Os guardas passam por ela como uma procissão apática, sem dar atenção ao olhar atento da Morte. Ela não se importa que não a reconheçam, que ninguém a note. Pelo contrário, aprendeu a apreciar este nicho tranquilo de onde observa os vivos. A Morte desempenha uma tarefa muito complexa, como se pode imaginar, mas os problemas triviais da vida não a afetam. Os seres humanos são distraídos.

Uma pessoa preocupada com uma imperfeição que apareceu em sua pele. Outra comendo, a contragosto, uma tigela de mingau que considera insuficiente. E outra ainda discutindo com o(a) parceiro(a) por causa do que claramente é um mal-entendido.

Aparentemente, são essas coisas que fazem a vida valer a pena. E a Morte acha isso hilário. Seu passatempo favorito, Quando não está coletando almas e conduzindo-as a uma solidão enlouquecedora, ele se dedica ao que muitos chamariam de espionagem, embora seja um erro considerá- la dessa forma. Não, sua observação deriva da curiosidade, da

pesquisa para contribuir com sua ocupação principal, de sua paixão pelo trivial (seres humanos) e pelo trágico (suas vidas tediosas).

Porque a morte é muito mais do que aquilo que... O próprio nome dela já sugere isso. Afinal, ela é uma dama, e esse fato por si só já deveria ser bastante interessante. E uma dama não pode ter hobbies?

A morte percorre lentamente os incontáveis corredores do castelo. Não tem pressa, ao contrário dos vivos. Além disso, quase não há nada de novo para explorar. O tempo deixou esta parte do castelo praticamente intocada. O passado. É evocativo, mas a Morte não gosta dele. Ela não gosta de ser lembrada de seu maior erro.

A Morte se aconchega nas dobras de seu manto e caminha através dos raios de luz que acariciam o tapete. A pressão em seu peito se intensifica a cada passo que dá enquanto se move em direção à alma na outra ponta da corda. Porque, em todos os seus anos como Morte, eu nunca tinha visto um azer tão ansioso para se despedir do poder.

Reis geralmente não morrem com graça, nem com dignidade. É exatamente por isso que ela gosta de passar tempo com essas pessoas. Mesmo quando a observam do chão lamacento de Mors, eles permanecem imponentes. É fascinante ver como um ser humano poderoso gradualmente percebe o que se tornou: uma alma à deriva. À deriva, preso na teia do destino.

—Com todo o respeito, Vossa Majestade, está ciente de que isto é uma loucura?

Uma descrença educada emana de um quarto pouco iluminado para o qual a Morte é atraída. A alma em seu interior a chama, desmoronando sob o peso de uma decisão irreparável. A ligação da Morte com os humanos é profunda, como se ela fosse uma só com eles. Em suas veias pulsam e seus corações batem ao ritmo da mesma melodia. Seu coração esfriou há muito tempo e já não se move dentro dele, mas a Morte se reconhece naquele que bate a poucos passos de distância e em breve deixará de fazê-lo.

Essa alma é tola o suficiente para nutrir esperanças.

Assim como a Morte, já faz tanto tempo.

—Eu sei—, responde outra voz masculina, esta bem mais Com cuidado. Ele não parece estar prestes a morrer. Mas precisa ser feito. Posso contar com você?

A Morte hesita no corredor, curiosa, adiando sua entrada e o encontro para o qual se dirige. Não há necessidade de assustar a alma moribunda na frente de outros. A Morte não é um monstro. Sua conexão com este homem permite o contato físico, a possibilidade de se verem. Mas a Morte não é Ela está acostumada a ser vista pelos vivos, ou pelos quase vivos. Vai ser uma experiência nova e estranha para ambos.

"Sim, Vossa Majestade." É a primeira voz novamente. A Morte percebe que soa como se seu dono estivesse acostumado a falar em tom cômico, quase como se fosse incapaz de se levar a sério. "Conte comigo. Só espero que... hum... que você viva para contar a história."

Este comentário, Aliado à sua curiosidade insaciável, isso faz com que a Morte estenda um fio de seu poder em sua direção. Sua alma não está destinada a Mors. Pelo contrário, ele vê sua vida com clareza, e ela será longa e mais feliz do que a da maioria.

A Morte suspira. Pela enésima vez em décadas, ela se maravilha com a importância que os humanos atribuem a si mesmos. Não existe alma que não se considere digna da Morte. Eu a segui pessoalmente. Mas a verdade é que ela é uma mulher muito ocupada. Ela não pode perder tempo com a paranoia do homem sobre a possível presença dela.

Para chamar a atenção da Morte, você precisa morrer.

"Vamos torcer para que Blair se comporte." Novamente, a voz era firme. "Se precisar de alguma coisa, estarei aqui."

Ouve-se o farfalhar das roupas enquanto eles se movem, e uma sombra se enrola no tapete. Um homem, vestido de branco reluzente, para à porta. Ele vira o rosto, coberto por uma máscara, em direção ao rei.

"Não que vá me ser útil, mas o que vocês fazem pelo reino é admirável. E o Calum é um cara ótimo. Espero poder ser útil a vocês dois."

"Que sincero", pensa a Morte. Mas não adianta dizer mais nada.

A morte valoriza muito as palavras carregadas de significado. Emoções significativas, aquelas que enchem os olhos de lágrimas e amolecem até o coração mais duro. Sentimentos são uma das poucas coisas que os seres humanos fazem bem.

—Obrigado, Lenny — respondeu o rei em voz baixa.

A Morte pensa que está hesitando. Na realidade, ela tem muitos pensamentos, quase todos ao mesmo tempo, mas nenhum deles se reflete em sua feição plácida. Sua postura e expressão são estoicas. com o profissionalismo que vem da prática.

Para a idade dela, ela é muito atenciosa.

Lenny entra no corredor com um sorriso que se desfaz à medida que caminha. Ele parece nervoso, seu rosto sardento exibindo uma expressão inquieta que não costuma usar. A Morte o observa atentamente, notando as mechas de cabelo ruivo que se mexem a cada passo desajeitado. Então, quando ele se vira repentinamente para ela, leva o maior susto da sua vida (como costumam dizer os vivos, embora seja um exagero óbvio para o qual ele nunca deu seu consentimento).

Lenny franze a testa, incerto. Então, seus olhos bondosos encontram o olhar frio da Morte.

Permanece fixado na parede como um troféu de caça. Depois de viver (metaforicamente, é claro) entre os Nas sombras por décadas, invisível, livre do fardo da identidade, ela de repente se sente observada. Este menino, que cheira a amido — um detalhe que não escapa à atenção da Morte — é o primeiro a sentir sua presença.

Ele não sabe bem o que pensar.

Olhe além do plano físico e examine a alma deles. É como puxar uma cortina para ver a próxima camada do seu ser por trás dela. E isso A alma é luminosa, brilha com um fulgor dourado, exatamente como a Morte havia previsto.

Lenny desvia o olhar e balança a cabeça negativamente.

"Droga", ele murmura. "Estou ficando paranoico."

Após essa declaração de derrota, ele começa a caminhar pelo corredor novamente.

A Morte lança um olhar melancólico para o jovem que parte, depois para a parede que a separa da alma hesitante e azul que ainda permanece em seu interior. o escritório.

Ele bate o pé ritmicamente no chão. Às vezes, gosta de fingir que esse ritmo é a batida do seu coração. Isso lhe traz um certo conforto, embora ele não se preocupe em descobrir o porquê.

Após muita deliberação, a Morte segue o leve aroma de amido pelos corredores do castelo. Ela justifica o desvio salientando que nenhum outro ser vivo jamais sentiu sua presença.

O mistério do homem engomado vale bem o precioso tempo da Morte. Além disso, o rei ainda estará morrendo quando ela retornar.

A morte é bastante direta. Sensibilidade não é um requisito necessário para o seu trabalho.

Siga o guarda até o pátio de treinamento, onde o uniforme branco brilha ainda mais à luz do sol. Ele se aproxima cautelosamente de uma jovem que Ela aproveita a escassa sombra oferecida por uma árvore generosa. Deita-se na grama, com mechas de seu cabelo lilás grudadas em sua testa suada.

Ele parece estar treinando. Que desperdício de vida.

A mulher franziu a testa ao ouvir o farfalhar do uniforme se aproximando. Sua expressão se tornou ainda mais carrancuda ao ouvir o homem falar:

—Nossa, você está suando. Quase parece humano.

A Morte vê isso como um começo promissor para uma conversa. Talvez ela aprenda alguma fofoca interessante para compartilhar com as árvores quando voltar para casa.

A jovem abre os olhos e o examina de cima a baixo.

—O amido está afetando seu cérebro. Acho que você não sabe com quem está falando.

(A morte se sente amparada pela menção de um cheiro tão excessivo; há momentos em que) Aqueles que são gratos por não precisarem respirar, e este é um deles).

É tudo o que a mulher se digna a dizer antes de se deitar novamente na grama e fechar os olhos. Ela parece apreciar o silêncio, satisfeita, com os dedos entrelaçados sobre a barriga.

"Ora, ora. Você ainda está aqui." A Morte olha para a mulher, que se senta e suspira. "Caso você não tenha entendido, deixei bem claro..." que você poderia ir embora.

A voz dele é tão condescendente que chega a ser impressionante.

"Eu faria isso com prazer, garanto." Lenny levanta as mãos num gesto de rendição irônico. "Mas, infelizmente para você e para mim, não posso."

"Espere." Aquele cabelo cativante suaviza os traços marcantes da mulher. Seu sorriso é sarcástico. "Deixe-me ajudá-la."

De repente, as botas do guarda Eles decolam do chão, e ele mal consegue conter um grito:

—O rei me envia! Venho em nome do rei!

Então, esta é a famosa Blair, aquela que faz os homens temerem por suas vidas. Ela é poderosa, isso é óbvio. Mas, como todas as elites, ela não fez nada para merecer o poder que tem. É emprestado, roubado.

A morte senta-se na relva para assistir ao espetáculo. Mas ele fica desapontado, porque não dura muito. A TV (como ele acha engraçados esses títulos bobos!) se levanta antes de deixar o guarda cair no chão. Assim que se levanta, Lenny passa a mão enluvada no rosto e tenta recuperar a compostura.

Blair não esconde um pingo de desprezo quando olha para ele.

—Você estava a um palmo do chão. Ou nem isso.

-Suficiente "Ter pena daqueles que são mais altos do que eu", murmurou Lenny.

A Morte e Blair olham para Lenny. Ele não os impressiona.

O jovem pisca, abre e fecha os olhos castanhos por trás da máscara, os mesmos olhos que, sem saber, se fixaram nos da Morte.

"Estou só brincando", acrescenta ele, indiferente.

—Claro. Agora, me explique por que eu não estou rindo.

"Deixe-me adivinhar." — Voz do guarda Parece estar cheio de alegria fingida... Porque você não sabe?

A morte olha para eles alternadamente.

"Não, porque o normal é rir de algo engraçado", responde Blair com uma careta muito ensaiada.

Lenny solta um suspiro de derrota.

"Bem, vamos acabar logo com isso." Ele junta as mãos como se estivesse se preparando para o que ia dizer. "Paedyn voltou."

Blair engole em seco rapidamente. Nada escapa à morte.

—E daí? Que me importa que tenham prendido aquele traidor?

—O rei tem planos para ela. Planos que a manterão viva para ajudar Ilya.

"Vou perguntar de novo", respondeu a TV temperamental, irritada. "Que me importa?"

De repente, o guarda tira a máscara, revelando mais uma dúzia de sardas. Ele tem o nariz reto e Seu queixo é forte. Seus olhos são expressivos. A Morte sente nele a necessidade de Blair ver cada emoção estampada em suas feições. Ele está desesperado para criar uma conexão genuína entre eles.

Que gesto humano da parte dele.

Blair dá um passo para trás. A Morte, perplexa, sente a necessidade de imitá-la.

Ela consegue ler as emoções, o convite silencioso para compartilhar. Algo. Mas a Morte conquistou o direito de não sentir. Ela não gosta de sentimentos indesejados nem de suas consequências, então ficar ali tão perto dessas emoções a deixa tensa.

"Você sabe o que Paedyn vai tentar fazer com você", sussurra Lenny.

—Sim. —Seus olhos castanhos quase desaparecem quando ela os revira para trás, atrás de mechas de cabelo lilás—. E Você tem razão, ele vai tentar.

A morte é fascinante. A vida após a morte nunca é tão teatral.

"Paedyn não vai parar por nada." O olhar do guarda era urgente. "Principalmente se vocês dois moram no castelo. O rei quer que vocês estejam seguros."

“Aquela mendiga é uma traidora”, cuspiu Blair. Fazia muito tempo que a Morte não ouvia aquele insulto. “Por que ela deveria morar aqui?” Entre luxos, com…?

"Você vai descobrir em breve", interrompe Lenny, engolindo em seco . "A única coisa que você precisa saber agora é que eu vou... eu vou ser seu guarda-costas pessoal. Para te proteger do Paedyn."

Um silêncio tenso se instala. Então, Blair cai na gargalhada, pegando os dois de surpresa.

"Muito bem!" ele bufa e ri. "Essa sim é uma piada!"

O guarda sai para escapar de uma risadinha fraca e sem jeito.

—Você não vai achar graça quando perceber que estou falando sério.

A Morte cogita a possibilidade de sorrir diante de uma cena tão fascinante. Claro que não. Ela reserva sorrisos para ocasiões muito especiais.

Blair dá um passo à frente. Sua voz soa gélida.

—Você? Vai me proteger? Do Paedyn Gray?

—Eeeh. —Lenny retorna para Levantem as mãos—. Não... joguem o mensageiro para o alto com o poder da mente, ok? Eu obedeço a ordens.

A televisão parece aterrorizante naquele momento. Mais do que a morte costuma parecer para a maioria das pessoas. A mãe dos Mors não se incomoda com isso. Ela prefere ser subestimada. Dessa forma, ela acha mais gratificante atrair o olhar aterrorizado dos humanos.

Não, a morte não é nada Monstro. Ele só está entediado.

"E quem te disse isso?", interrompe Blair.

—Eu já te disse, foi…

De repente, a TV estende um braço e levanta Lenny do chão novamente.

—Foi o sargento?

O guarda se contorce, luta com a presa mental e está empalidecendo.

"O sargento?" Sua voz falha. "Seu pai é general, não é..."

—Alguém tinha que convencer "Preciso de proteção contra uma mulher vulgar", brada Blair, furioso. "Isso é obra dela. Ela quer me humilhar."

A morte não deixa escapar nenhum detalhe.

"O quê? Escuta..." O guarda está ofegante. "Não sei do que você está falando. O rei não quer que Paedyn lute com você, só isso. Ele acha que eu sou a pessoa certa para ficar entre vocês dois. Pae não me machucaria nem para se vingar do assassino." da sua melhor amiga.

Essa menção indireta faz com que a Morte se sinta incluída na conversa.

O olhar furioso de Blair se torna distante. Seu rosto carrega a expressão de alguém que revive uma memória, um momento crucial. A Morte inclina a cabeça para o lado. É um gesto típico dela quando alguém a intriga. Porque ninguém conhece a face do arrependimento tão intimamente quanto ela.

O poder da televisão (esses títulos ainda o divertem) vacila, e Lenny retorna ao chão que tanto almejava pisar. Em sua idade, poucas coisas surpreendem a Morte. Só nos maravilhamos quando nos falta experiência. Mas quando o guarda se dirige a Blair, nem mesmo a Morte esperava aquela repentina demonstração de audácia.

Ele para a poucos centímetros da missão que lhe foi confiada por... Rei. Seus corpos estão tão próximos que quase se tocam.

Blair ergue o queixo, lançando-lhe um olhar fulminante.

Lenny faz o que pode para retribuir o desafio.

A Morte sabe que as árvores não acreditarão nela quando ela lhes contar o que aconteceu.

A raiva estampada no rosto do guarda parecia estranha, como se ele não soubesse bem como expressar aquela emoção.

—Acredite ou não, não existe Nada me agrada mais do que passar tempo com você. —Ela solta uma risada arrepiante— . Mas o rei ordenou que você permaneça em seus aposentos até que ele ordene o contrário e, por causa do meu relacionamento com Paedyn, tenho o azar de ser eu quem tem que protegê-lo dela.

Parecia impossível, mas Blair franziu ainda mais a testa.

—Você era o oficial imperial designado para protegê-la.

guardas da morte Ele memorizou aquela palavra para uso futuro. Não sabia que os guardas agora tinham um título novo e mais elegante. Ilya adorava se fazer parecer importante.

Lenny acena com a cabeça, confirmando o que a TV disse. A calma de Blair é perturbadora.

—E qual é o seu poder?

"Essa é a sua primeira pergunta?" O Imperial balança a cabeça negativamente. A Morte decide que o título tem um certo charme. Você não quer saber meu nome ou algo assim...?

"Não me importo nem um pouco com o seu nome, cenourinha", provocou Blair. "Que poder você tem?"

Lenny suspira.

—Eu sou hiperativo.

"Um hipermercado..." Uma risada desdenhosa acompanha o tom incrédulo. "Bem, ainda bem que não preciso me proteger de uma mulher vulgar; senão, já estaria morto."

Agora a Morte se sente um pouco excluída. Ela não sabe muito bem. Ele admira as habilidades da elite, embora saiba que o poder é relativo. O que lhe parece estranho é a pompa com que tudo isso acontece. Humanos não deveriam ser capazes de nomear uma força assim.

"Estou morrendo de rir", diz Lenny, embora seu tom não demonstre o menor divertimento. "Bem, vamos para o seu quarto antes que ..."

"Como posso ter certeza de que você não está inventando isso?", interrompe Blair.

O imperial que antes "Ele chamou isso de 'cenoura'", diz ele, apontando para si mesmo em um gesto de exasperação.

—Você acha que estou me divertindo?

Blair bufa sem perder um pingo de desdém na voz.

—Então devemos pôr fim ao seu sofrimento, não é?

A morte se aproxima um pouco mais quando a televisão levanta o braço e se prepara para liberar seu poder (o seu próprio, no sentido mais genérico da palavra). contra o imperial. Mas Lenny inclina a cabeça para o lado. Ele parece intrigado. A curiosidade que a Morte sente parece refletir-se nos olhos do jovem.

—Não… —diz o autoproclamado “hiperativo” calmamente—. Você não quer me matar.

Oh.

A morte discorda. Para a personificação do fim da vida, é evidente que a televisão pretende se livrar dela. Mas os humanos são seres humanos. Muito confuso. Ela pode ter interpretado mal a situação (é improvável, mas ela está disposta a admitir que cometeu um erro, desde que isso lhe seja comprovado).

Blair abre a boca, sem saber o que dizer.

Os chamados "encolhimentos de ombros" que servem de incentivo.

—Talvez você seja humano.

A morte pondera as palavras em silêncio, impassível, como costuma fazer com quase tudo (embora também pudesse). Ela pode pular ao lado de um casal apaixonado, derramar uma lágrima pelas almas que reúne ou rir de uma piada que ouviu; mas não vê sentido em demonstrar emoções porque não tem com quem compartilhá-las. É melhor não sentir nada do que sentir tudo sozinha. Será que é isso que significa ser humano: valorizar a vida dos outros, reconhecer o valor, a beleza de ter algo pelo que viver? A morte já não se lembra de nada.

Um ser tão poderoso quanto a Morte só precisa olhar para Blair para ver provas de humanidade. Curiosa, ela abre o véu espiritual para espiar outro reino. A alma de Lenny brilha em dourado, enquanto a de Blair se agita com um verde turvo.

A morte pisca.

Pode até ter escapado. uma exclamação, embora ninguém a tenha testemunhado.

Ele se levanta muito devagar. Caminha ao redor do casal, bem perto deles, muito lentamente. Já não ouve o que eles estão dizendo.

Nada existe fora deste instante em que duas almas, duas almas tão opostas, se procuram.

A morte está cada vez mais próxima desse fenômeno. Se respirasse, faria cócegas na pele deles com seu hálito. O foco está nos fios que brotam dessas almas. Eles se agitam e fluem como uma onda tímida; a esmeralda se estende em direção ao ouro num instante predestinado há muito tempo.

As almas não estão entrelaçadas como o destino dos amantes, não completamente, mas também não estão desconectadas como aquelas que nunca se unirão.

Eles são algo muito diferente; eles têm um vínculo criado por eles mesmos.

O A morte permanece tão imóvel quanto o seu nome sugere.

O que a surpreende não é a união das almas. Não, ela conhece muito bem esse conceito. Mas o que ela vê nesses dois mortais não se encaixa de forma alguma. Porque a Morte testemunhou e sofreu a conexão das almas. E isso não pode ser algo tão sagrado.

Só por essa razão, ele decide ver o que acontecerá com essas almas indecisas. É um encontro marcado. É tão lamentável que chega a ser ridículo. Sem dúvida, o destino pregou uma peça cruel neles ao uni-los.

No mínimo, promete ser divertido.

—… te estrangular enquanto você dorme — Blair ameaça quando a Morte, com um suspiro, senta-se novamente.

Parece que a televisão obedecerá às ordens do rei, embora a contragosto.

Lenny sorri, e é incrível o quão longe ele consegue ir. Despojar o gesto de qualquer emoção.

—Isso seria misericordioso, então você não vai fazer isso.

A Morte recosta-se e apoia-se nas palmas das mãos para observá-los discutir.

"Se aqueles que foram feitos um para o outro não conseguem sobreviver a um entrelaçamento de almas tão fatídico, esses dois acabarão se matando", pensa ela amargamente.

Porque a morte Ele tem coração.

Mais ou menos.

O único problema é que não bate bem para ele.



CAPÍTULO 3
Kitt

Pela centésima vez, examino com o olhar as linhas manuscritas e legíveis.

Conheço de cor a mensagem de despedida do meu pai, e a verdade que ela contém me assombra. Se fecho os olhos, vejo as frases diante de mim, saboreio a sucessão de sílabas na minha língua.

Deixei meu olhar cansado percorrer a página escrita até alcançar aquele segredo. Assustador.

Como rei de Ilya, você agora é o guardião de seus segredos. Assim como meu pai fez comigo, deixo-lhe a verdade. A praga que nos concedeu esses poderes não foi um acidente. Ela foi criada para fortalecer nosso reino, e foi isso que fez... embora não da maneira que Favian Azer pretendia.

Sem qualquer cuidado, devolvo a carta à gaveta onde a encontrei.

Mas eu não preciso. Ter as palavras diante de mim; a voz do meu pai ainda ecoa em minha mente.

"Ninguém sabe disso, exceto os eruditos e curandeiros da corte, e assim deve permanecer. Este poder pertence somente a Ilya. Nunca mais seremos um reino fraco. E se eu não conseguir eliminar os vulgares restantes, você terá que assumir essa tarefa. Eles são uma falha, a consequência de não aperfeiçoar a..." peste; uma doença que deve ser eliminada do nosso legado."

Pela centésima vez, balanço a cabeça em sinal de reprovação ao pensar nas exigências do meu pai.

Que desperdício do poder que possuímos. Que desperdício de anos desperdiçados acreditando que meu pai estava se dedicando a uma grande causa, a algo que compensasse sua constante desaprovação em relação a mim.

Eu movo meus dedos sobre a mesa descascada, ao ritmo. Do fundo do meu coração.

"Era esse o plano mestre? Será que o temível Edric Azer não conseguiu pensar em nada melhor do que livrar Ilya de alguns covardes vulgares?"

Algumas batidas na porta dissipam a crescente agitação que sinto. Limpo a garganta.

-Avançar.

Os estudiosos entram no escritório em uma procissão solene, seguidos por um grupo de curandeiros que aparentam ser igualmente sombrios. Eles cercam o Mesas, rígidas e inflexíveis; alguns seguram pergaminhos com gestos nervosos, outros preparam potes contendo diversas plantas de aparência inquietante. Essa emboscada diária me horroriza, embora eu não possa culpar ninguém além de mim mesma.

"Vossa Majestade", cumprimentou-me secamente o curandeiro-chefe da corte.

É estranho pensar que o homem que curou os ferimentos de Kai e os meus, quando Éramos crianças, ele é o guardião do segredo da peste. Aceno com a cabeça para o curandeiro experiente.

—Como você está, Eli?

Como de costume, ele examina meu pescoço com seus dedos frios.

—A verdade é que ainda estou chateado com você, meu jovem rei.

Essa audácia me faz sorrir.

—Agradeço sua franqueza.

"Sou um homem velho agora", diz ele. "Posso dizer o que quiser. A verdade é..." Isso é uma verdadeira vantagem.

Com um aceno de cabeça, ele me faz sinal para ficar de pé, recitando suas observações em voz alta para que os outros curandeiros as registrem. Em seguida, coloca as palmas das mãos sobre a espada para sentir minha respiração. Ele canaliza um pouco de seu poder para mim, e uma sensação de formigamento percorre minha espinha.

Passam-se dez minutos e continuo ali, imóvel, sob as mãos frias de Curandeiro. Como todos os dias nos últimos três, desde que fui infectado pela peste.

"Beba isto", ordena Eli, enquanto me oferece uma garrafa com um conteúdo turvo.

Encaro o líquido marrom com ceticismo.

—Você insistiu para que eu não pegasse a peste, e agora quer que eu beba… isto?

—Você nos pediu para mantê-lo vivo. —Ele não faz nenhum esforço para esconder sua irritação—. Mesmo sabendo que outra dose da praga poderia ser fatal para um membro da elite, você a tomou antes que eu pudesse impedi-lo. —O velho balança o dedo na minha frente, completamente indiferente à coroa na minha cabeça—. Então agora você vai beber esta poção porque meu poder não pode mais ajudá-lo, e não sabemos se algo poderá salvá-lo .

Por um breve instante, questiono se deveria. Para repreender o curandeiro audacioso. É isso que meu pai faria, claro. Ele exigiria respeito, mesmo que não o merecesse.

"Mas eu não sou meu pai."

Assenti com a cabeça e levei a garrafa aos lábios.

"Serei muito maior do que ele."

O tônico queima minha garganta; o gosto é tão pútrido que ameaça voltar. Agarro o encosto da cadeira com uma mão e tusso. Com violência.

"Uau", murmurei. "É uma experiência e tanto..."

"Vamos torcer para que seja uma experiência benéfica." Eli contorna a mesa para dar uma olhada nas anotações dos curandeiros. "Não temos ideia do que fazer com você."

"Eu sei", admito. "Eu estava ciente dos riscos."

As lembranças daquela noite inundam minha mente: os curandeiros discutindo sobre os perigos, o Os estudiosos imploravam que reuníssemos nosso poder. Desde que descobri a carta de meu pai e exigi uma reunião com aqueles que sabiam a verdade sobre nosso poder, ouvi suas queixas e súplicas uma dúzia de vezes. Mas, a essa altura, eu já havia tomado minha decisão.

"E se você sobreviver?", sussurra Eli. "E se você se tornar a elite mais poderosa?" Ele franze a testa. "Você não pode continuar assim." Pode prosseguir com isso.

"Eu sou o seu rei", admoesto-o, e agora uso o tom implacável que meu pai costumava exigir que eu usasse. "Ou você aceita o que eu digo, ou terei que obrigá-lo."

Eli sustenta meu olhar por alguns segundos, talvez se lembrando dos tempos em que era fraco e facilmente manipulável.

—Sim, meu rei—ele finalmente diz, e dá um passo para trás para se juntar aos outros curandeiros.

-Majestade?

Desvio Dou uma olhada rápida em um acadêmico que ainda está fazendo anotações em um pergaminho e reprimo um suspiro.

—Não, não tenho nenhum sintoma.

"Nem mesmo dores de cabeça?", insiste ele, relembrando os últimos dias. "Falta de ar? Tosse? Perda de memória?"

"Já se passaram três dias", respondi. "Estou muito bem. Agora, se você já terminou de me incomodar..." Gesticulei para os pergaminhos espalhados sobre a mesa. "Tenho trabalho a fazer."

Relutantemente, as elites reunidas em volta da mesa inclinam a cabeça. Observo-as saírem do escritório em fila; o curandeiro mais velho, ficando para trás, vira-se para mim com uma expressão abatida.

—Que a peste seja leve sobre ti, meu jovem rei.

As palavras permanecem no ar muito tempo depois que ela se foi. Meu suspiro quebra o silêncio ao meu redor; então, vasculho os documentos que Eles estão sobre a mesa.

Um leve arrepio percorre minha espinha.

Limpo a garganta enquanto me pergunto se deixei a janela aberta.

—Qual é o trabalho que você tem que fazer?

Primeiro, me assusto com as palavras sussurradas e, depois, com a pessoa desconhecida de quem elas vêm.

Uma mulher está me observando, parada perto da lareira onde o fogo crepita. Ela tem cabelos como A cor de uma brasa roubada. Pisquei, convencida de que era fruto da minha imaginação. Talvez a peste esteja me afetando, afinal. Não existe ser tão sublime quanto ela.

Mas lá está ela, e o olhar em seus olhos castanhos me paralisa.

Ela é a mulher mais linda que eu já vi.

"O que você está fazendo aqui?", consegui gaguejar.

A expressão serena de seus traços perfeitos permanece. inalterado.

—Satisfaço minha curiosidade mórbida.

"Você é curandeiro(a)?" Eu balanço a cabeça negativamente. "Não, eu teria te notado antes."

—O que te faz pensar que eu não sou um acadêmico?

Ela não faz a pergunta com malícia, como Paed yn faria, nem finge estar ofendida, como Andy tanto gosta. Não, suas palavras são sinceras e seu tom denota fascínio.

Eu pigarreio e tento responder com humor:

—Você não parece tão entediado assim.

—Hum. —Não é riso, mas o som de alguém fazendo uma anotação mental—. Bem, no que você está trabalhando?

—Ah. —Ainda estou com dificuldade para organizar meus pensamentos—. Assuntos relacionados à coroa, principalmente. Mas também alguns… pessoais.

"Não vou interferir como fazem os acadêmicos", explica ele, com naturalidade.

Apoio as mãos na mesa e rio entre os dentes.

"A verdade é que é bom conversar com alguém. Só compartilho meus pensamentos nas cartas que escrevo. É..." Esfrego a nuca. "É meu jeito de clarear a mente."

Ela entrelaça os dedos em frente ao seu vestido preto que a envolve.

—Você explicou para aquelas cartas por que queria ingerir aquela praga da qual não sabia nada?

—Que você não sabia de nada? —Isso Uma risada me escapa. "Agora eu sei mais do que nunca. Sei que os estudiosos a criaram há um século para fortalecer nosso exército contra invasões. Então, por acidente ou por desígnio, a peste se espalhou por toda Ilya." Tamborilo os dedos em um pergaminho aberto. "Isso é mais do que meus súditos sabem. Eles não gostam de se deter na tragédia, apenas no que ganhamos em troca."

Ele solta um resfolego áspero que lembra um pouco uma risada.

—Foi isso que eles te disseram?

—E o que mais você poderia me dizer? —ouso perguntar.

—Talvez tenha sido assim que aqueles grandes estudiosos criaram a peste há cem anos.

Minha voz fica mais séria. Apoio os cotovelos na mesa e me inclino para observá-la.

—Você sabe de algo que seus colegas curandeiros não sabem?

—Não é difícil saber mais do que homens.

Ele diz isso com tanta seriedade que não consigo evitar sorrir.

—Existem também mulheres curandeiras. Você é a prova disso.

Suas feições serenas parecem tremer, como se uma emoção repentina as atravessasse. Então, ela acena com a cabeça quase imperceptivelmente.

Há algo enigmático e fascinante naquela mulher. Ela fala em tom monótono, mas parece escolher as palavras com cuidado. As palavras que valem a pena dizer.

"Não me ocorreu pedir detalhes", admito finalmente. "Suponho que sejam complexos demais para eu entender."

—Hum. —Aquele som de novo, como uma risada abafada—. Tenho certeza que é.

As palavras da mulher flutuam no espaço entre nós até que o silêncio crescente as engole. Ela permanece do outro lado do estúdio, absorta em seus pensamentos. Em uma

imobilidade quase absurda e, ao mesmo tempo, perfeitamente relaxada, enquanto as chamas se refletem em seus cabelos castanho-avermelhados.

—Sim, eu expliquei isso para as cartas.

As palavras escapam da minha boca num sussurro, embora eu não saiba bem porquê.

O estranho não responde, mas a curiosidade transparece naqueles profundos olhos castanhos.

—Eu expliquei às cartas por que as escolhi. "Peste", esclareço. "Ordenei que me trouxessem uma dose aperfeiçoada porque preciso salvar as elites da extinção. Nosso poder tem diminuído, e todos os anos a febre dizima alguns de nós. Agora sei que é porque a peste não estava pronta para uso. Mas os estudiosos aperfeiçoaram o que foi propagado há um século."

A diversão que aparece em seu rosto é como uma sombra fugaz.

"Então quero ver o que acontece quando um membro da elite toma outra dose", declarei firmemente. "E dessa forma poderei fortalecer todos os reinos com a praga."

Reflita sobre minhas palavras por alguns instantes.

—Para testar essa teoria, qualquer membro da elite poderia ter corrido o risco; não precisava ser você.

“Eu sou o rei”, expliquei. “E os planos para o reino são meus. O certo a fazer era fugir.” o risco.

-Zumbir.

Ergo as sobrancelhas, incrédula.

-O que está acontecendo?

Ele dá de ombros por um instante e depois relaxa. É o primeiro sinal de movimento que vejo nele.

—Você não parece ser o tipo de pessoa que mente.

"Nossa", digo com um sorriso. "Você acha que estou mentindo?"

—Acho que suas motivações não eram inteiramente altruístas.

—Tudo bem. —Engoli meu orgulho e pronunciei as seguintes palavras—: Meu pai sempre me considerou fraco . Ele me dizia isso todos os dias. Talvez, em parte, eu quisesse uma dose a mais de força, muito maior do que ele jamais foi. — Mantenho esse olhar impassível —. E também quero ser um rei maior do que ele.

Ele fixa seus olhos escuros em mim.

—Hum. Vocês têm praga suficiente para infectar os outros reinos?

"Não precisamos de muito", garanto-lhe. "Temos cerca de..." de um frasco do líquido escuro em sua forma pura e não diluída. Mas eles passaram um século aperfeiçoando a dosagem. Agora, bastam apenas algumas gotas ou um objeto revestido com a substância.

Pergunte sem hesitar:

—E o que acontecerá quando você não estiver mais vivo para governar essas cidades de elite como você espera?

—“Quando?” —Eu rio sem humor—. Me dê pelo menos uma chance de sobreviver.

—Você já tem "Você teve essa oportunidade", explicou o estranho. "Na verdade, você teve a oportunidade de ter uma vida longa. Mas escolheu obter mais poder."

Eu balanço a cabeça negativamente.

"É evidente que você é um curandeiro. Você fala como eles." Eu mexo nos papéis empilhados sobre a mesa, só para ter algo para fazer. "Mas eu estou bem. Vou ficar bem. Tenho certeza disso."

—Ninguém que nasce na elite tem A peste nunca foi combatida antes. E desta segunda vez não será tão fácil para você. — Ele me observa com a cabeça inclinada. A expressão de perplexidade em seu rosto é a maior emoção que aquelas feições serenas revelaram até agora. — É incerto como você enfrentará seu destino; é um mistério até para mim.

Agora é a minha vez de olhá-la com a cabeça inclinada.

—Você é bastante mórbido, Você não acha?

"Você não faz ideia", diz ele, com um lampejo de divertimento nos olhos.

—Qual é o seu nome? —Eu estava com essa pergunta na ponta da língua há muito tempo, e finalmente a fiz.

Ela caminha em direção à porta, como se lhe fosse difícil me responder. Então, em voz baixa e hesitante, a estranha revela sua identidade.

—Mara.



CAPÍTULO 4
Mara

O Imperial foi confinado a um canto do quarto de Blair.

Ela recebeu um generoso espaço de um metro no chão para ficar em pé, então Lenny se encosta na parede e lança um olhar hostil para sua protegida por cima da barricada de móveis que ela empilhou ao redor dele. Uma escrivaninha balança. Sob o peso de um baú enorme, enquanto a cômoda está encostada em uma penteadeira repleta de livros. E ela moveu tudo com um simples pensamento; o quarto obedeceu aos comandos da televisão para criar uma espécie de gaiola.

É realmente espetacular; a Morte gosta. Quando seus deveres de escoltar almas para Mors o permitem (ah, os prazeres de um trabalho para toda a eternidade…), Mara dedica-se a perseguir esse par de almas relutantes. Inicialmente, foi o rei quem a atraiu de Mors, mas esses dois seres em constante conflito tornaram Ilya um lugar mais tolerável.

A morte espreita na sala, seu manto deslizando pelo chão, um leve sorriso nos lábios.

Eles estão fadados um ao outro.

—É assim que você me agradece por Fica vigiando a porta o dia todo?

Lenny tenta chamar a atenção de Blair pela enésima vez. Ela está deitada no único móvel que não usou para aprisionar sua prisioneira, apoiada em um cotovelo, folheando as páginas de um livro. A enorme cama tem uma colcha grossa e travesseiros fofos (muito macios; a Morte confirmou isso). Portanto, é compreensível que Blair não tenha se levantado. já que Lenny a trouxe esta manhã.

Mara, por outro lado, não pode se dar ao luxo de descansar, embora os mortos não precisem. É um grande desafio dividir seu tempo entre a curiosidade despertada por três seres vivos e os incontáveis falecidos. Ela teve que deixar os humanos discutindo no pátio de treinamento (porque até a Morte respeita esses momentos de privacidade). mesmo que seja apenas ocasionalmente, ir encontrar-se com o rei.

Desde então, ela não parou de pensar na conversa deles , naqueles olhos verdes que se estreitavam com uma expressão sincera, embora Mara jamais admitisse tal absurdo. É

evidente que o rei é um idiota perigoso e esperançoso; ele ingeriu uma dose de uma praga que não compreende. O que ele busca não existe. Esse poder puro e perfeito. Algo tão temível não pode ser controlado. A morte sabe disso por experiência própria.

Ela vai morrer. E levará sua alma para Mors.

Ela não quer se deter nisso. Nem na determinação fútil do rei de viver, nem em como foi difícil para Mara se lembrar do próprio nome. Faz uma eternidade que ela não precisa desse nível de intimidade. Mas foi uma dádiva. A despedida da morte para o rei. Ele não tem muito tempo para proferi-la, e Mara estará ao seu lado quando o fizer pela última vez. Ela quer testemunhar esse último suspiro e todos os que se seguirão. É uma pena, mas sua curiosidade por esse jovem só aumentou.

A Morte pode mais uma vez considerar Ilya seu lar ao observar essas três almas. Mesmo que seja apenas por um curto período.

"Bem, é isso aí." Lenny se afasta da parede e dá um passo à frente para ocupar o último espaço restante. "Vou revistar suas coisas."

É uma tarefa muito atraente, e Mara se aproxima. Ela espia por cima da barricada para ver o Imperial abrir uma gaveta da escrivaninha e examinar o caos lá dentro. Então, ela se aproxima do hipermercado (ainda não concluído). (Ela sabe a que tênue poder o título se refere) com uma hesitação nervosa. O jovem não a notou novamente, então Mara está expectante e, ao mesmo tempo, tenta não chamar sua atenção.

"Certo, está claro que organização não é o seu forte", murmura Lenny. "Nem gentileza. Nem fazer prisioneiros."

Ela vasculha a pilha de papéis e utensílios de escrita até que…

"Ah, não sabia que você tinha algo divertido", resmunga ele, incrédulo, e pega uma bola roxa da gaveta. Ele a joga contra o pequeno espaço aos seus pés e observa-a retornar obedientemente às suas mãos. "Isso é muito infantil, não pode ser seu. Seu último prisioneiro a esqueceu aqui ?"

A morte começa a encontrar esse imperial espirituoso, que joga o brinquedo fora mais uma vez.

—Por mil pragas, você realmente gosta de roxo, não é…?

Dessa vez, a bola voou direto em direção ao seu rosto.

Lenny soca a bola com força quando ela atinge seu nariz, e, num instante, ela voa em direção à mão de Blair. Ela levanta a cabeça, com os lábios franzidos. Seus cabelos lilás caem em cascata sobre o ombro.

—Continue falando e você verá como seu espaço diminui, cenourinha.

(A Morte não soube dizer se admirava ou detestava essa mulher com o mesmo entusiasmo; mas isso acontece com muitos humanos).

Os móveis arrastam-se pelo chão de madeira enquanto Blair usa o poder da sua mente para puxá-los alguns centímetros para mais perto da barricada imperial. A Morte espreita novamente por trás da barricada e vê que a mala que o jovem carrega agora ocupa metade do espaço que lhe restava. Lenny simplesmente encosta a cabeça na parede, derrotado.

—Eu só entrei para conversar sobre como iríamos dormir e você…

"Apresentei uma solução", comenta Blair com um sorriso presunçoso. "Você dorme lá."

Mara sente um pouco de pena do homem imperial, que solta uma risada impotente.

—Você quer que eu durma aqui? Em um metro de chão? Não, desculpe, agora são 75 centímetros.

A TV Ela fecha o livro com força. Aparentemente, o sofrimento alheio a irrita. A Morte entende isso muito bem.

—Você também pode ir dormir no seu quarto, Imperial. Não serei eu quem o impedirá.

O guarda gesticula em direção à barreira precária.

—Bem, você está me impedindo de fazer isso.

"Não tente ser engraçada, cenourinha, você não leva jeito para isso", resmunga Blair.

Lenny suspira E apoia os braços na cômoda. A Morte faz o mesmo. É um gesto muito humano, mas ela não vê razão para não imitá-lo.

"Já discutimos isso", rosna o Imperial. "O rei me ordenou que a vigiasse de perto, então tenho que dormir com você neste quarto. Preferiria muito mais estar nos alojamentos imperiais. Acredite em mim", acrescenta, só para garantir que não restasse nenhuma dúvida.

Mas É tarde demais. Blair já está ignorando completamente a presença dele.

Com esses dois, nunca há um momento tedioso.

Lenny murmura uma série de insultos e volta a examinar o conteúdo da gaveta. Ele retira um pedaço de pergaminho amassado e um pedaço de carvão rasgado e os coloca sobre a cômoda. Mara muda de posição para se afastar, mas o oficial imperial não lhe dá atenção.

(Isso a decepciona. E ela não sabe.) (Bem, por quê?)

Lenny rabisca uma mensagem às pressas no papel amarelado e o dobra em forma de planador. A Morte o observa com um saudável ceticismo. Então, o jovem fecha um olho e aponta para Blair antes de jogar o bilhete.

Ela resmunga quando o papel bate em sua testa.

—Você quer que eu te enterre debaixo dos móveis?

"Pelo menos leia o bilhete primeiro, né?" disse Lenny, ofendido.

A Morte se aproxima da cama e observa Blair enquanto ele desdobra o papel com um resmungo.

Deixe-me ir.
Meus pés adormecem.
Vou trazer bolinhos de mel para você, teletirano.

Mara acha que é uma tática interessante.

Blair simplesmente encara o bilhete com indiferença.

—É só isso que você tem a oferecer?

—Os pãezinhos de mel estão em alta demanda.

—Não me surpreende. —O tirano da TV amassa o papel—. Na melhor das hipóteses, são medíocres.

"Com licença?" Lenny bufou, incrédulo. "Medíocre? Não há espaço para nada de bom no seu coração?"

A pergunta é válida. A Morte olha para Blair e aguarda sua resposta.

-OK.

Os móveis se movem, arrastando-se pelo chão em recuo. Um caminho livre surge até a esquina, mas tanto Mara quanto o imperial Eles consideram essa aquiescência repentina surpreendente.

"Com o que você concorda? Vai me deixar ir?", pergunta Lenny, desconfiado.

A TV o encara, altiva.

—Traga-me pãezinhos de mel que não sejam medíocres.

—Os da Gail são maravilhosos.

"Eu mesma decidirei isso." O sorriso de Blair revelou caninos afiados. "Saia daqui."

Eles continuam a trocar farpas verbais por um tempo, mas no final, Lenny Ele sai da sala e fecha a porta. A morte o segue. O tédio é como uma bússola apontando para o guarda como fonte de entretenimento.

Os corredores estão apinhados de criados, apressando-se de um lado para o outro entre as fileiras de impecáveis vestes imperiais. Na presença deles, Lenny endireita um pouco mais as costas. Mara tem a impressão de que ele aprecia sua posição. O palácio. Talvez porque isso o faça sentir-se poderoso. E Blair já deu a entender que lhe falta poder.

Mas essas são apenas as observações da Morte, é claro, embora ela se orgulhe de raramente estar errada. Os mortos não podem esconder nada, e a mãe daqueles que se encontram nesse estado desenvolveu a capacidade de ver a verdade também nos vivos.

Nada mais Ao entrar na cozinha abafada, Mara percebe que não havia absolutamente nenhuma necessidade de voltar lá. Está lotada e sufocante, e se ela já não estivesse morta, sentiria como se estivesse prestes a morrer.

Tudo é pegajoso, até o ar. A morte não gosta de coisas pegajosas.

Felizmente, a visita de Lenny a Gail é breve, embora a cozinheira relute em entregar dois dos seus preciosos pãezinhos de mel. Mas, quando descobre o que Blair Archer disse (foram necessárias algumas investigações pouco éticas para descobrir seu nome completo), a cozinheira solta uma risada rouca que deixa suas bochechas manchadas de farinha vermelhas.

"Bem, você não vai gostar disso, querido", ela lhe diz. "É algo relacionado à forma como combino os temperos."

Lenny não parece se importar muito com isso. Afinal, ele é um homem, e homens geralmente não têm o dom de pensar demais nas coisas só por pensar. Mas a Morte é uma mulher, e ela quer entender tudo, e se pergunta qual a ligação entre a televisão e esse cozinheiro.

Por sorte, a multidão de criados força Lenny a sair para o corredor com os doces brilhantes na mão, e ele retorna relutantemente à sua gaiola. A Morte segue o Imperial e olha pelas janelas do corredor para o céu estrelado que cobre Ilya como um manto. O primeiro dia de volta a este reino está chegando ao fim.

Mara bate o pé no chão enquanto observa o guarda vasculhar os inúmeros bolsos do uniforme em busca da chave da porta. Por sorte para Lenny, ele a encontra entre as vestes engomadas antes que... Que a impaciência pode fazer a Morte pestanejar. Sinais físicos de impaciência nunca são um bom presságio.

—Ok, você vai comer e eu vou ficar de olho, porque é impossível você experimentar algo tão delicioso e fazer uma cara de nojo…

O homem imperial entra no quarto e encara a cama vazia.

Zumbir.
A morte permanece inerte.
Isso é realmente inesperado.

Lenny procura freneticamente em todas as direções. Cada móvel está de volta ao seu lugar: a cômoda, o aparador, a escrivaninha, a penteadeira… Todos encostados em suas respectivas paredes. A lareira de pedra fica em frente à cama desarrumada, entre duas tapeçarias penduradas.

"Blair?" chama o Imperial.

Mas é inútil. Ele não recebe a resposta condescendente esperada.

Não há vestígios de TV.

A placidez da Morte, que sorria, também desapareceu.



CAPÍTULO 5
Mara

A morte não tem pressa.

É um conceito que os vivos têm muita dificuldade em compreender. Não, Mara não persegue almas à espera que morram. A verdade é que ela aprecia as pausas.

A Morte vagueia pelas favelas de Ilya, o que lhe dá bastante tempo para meditar. Ela deixou o castelo com o Lenny ficou furioso e seguiu o longo caminho com ele. Mara pode se mover de um plano para outro para aparecer ao lado de qualquer alma que desejar, sem ser detectada, mas esta noite ela prefere não fazer isso. Esta noite ela quer um tempo para si mesma.

Quando a Morte se cansou de acompanhar o rei imperial, ela se afastou dele para vagar pelas favelas. Agora ela caminha entre os... Edifícios semi-arruinados e a capa ligeiramente levantada para evitar arrastá-la pelas poças de lama. Apesar da hora avançada, as sombras ainda pairam sobre Saqueo. Os autoproclamados "elites" povoam a rua do mercado ao luar, conversando em grupos, jogando cartas sob o céu estrelado.

Aparentemente, algumas coisas nunca mudam.

(Se não fosse apenas uma mera sombra neste Na realidade, ela pode até participar de alguns jogos; os jogos de azar de Ilya não são novidade para Mara).

Ela evita conscientemente uma das ruas (algumas memórias é melhor deixar enterradas) e continua passeando por Saqueo. Ali, uma espécie de liberdade contagiante é palpável, como se sob o céu noturno de Ilya tudo fosse possível. Talvez até a própria vida.

-... visto Para uma mulher de cabelo roxo? Com uma cara de poucos amigos, certamente.

A morte reconhece aquela voz. Ela vem de um beco próximo, onde uma descrição é ouvida repetidamente, incluindo a palavra "desdenhoso". Mara avista o imperialista enquanto ele se afasta do grupo de indivíduos suspeitos que estava interrogando. Seu uniforme brilha como um farol ao luar.

Lenny Ele vira a esquina e sua sombra, na forma da Morte, o segue.

Ela o observa atentamente, percebendo como ele para de repente e inclina a cabeça, como se estivesse escutando. Então, quando ele recomeça a andar, desta vez com determinação , Mara acha fascinante que a televisão desaparecida esteja exatamente para onde Lenny está indo sem hesitar.

Este hipermercado é fascinante.

As costas de Blair estão pressionadas contra uma parede enegrecida pela fuligem.

—Então, dizer que você não suporta bolinhos de mel foi só para me distrair, não foi? — declarou o imperial.

"Pela peste!" Blair profere uma estranha maldição ao aparecer de repente. A Morte não sabe se deve reagir mal. O impressionante é que, um segundo depois, a TV está furiosa. "Como diabos você me encontrou?"

A Morte se perguntava a mesma coisa. Ela nem conseguia entender como Lenny sabia que seu protegido não estava mais no castelo. Mas Mara não estava alarmada; ela descobriria em breve.

"Confesse. Aquela história de você não gostar de bolinhos de mel foi só uma tática para me distrair", responde Lenny sem hesitar, cruzando os braços.

O que aconteceu com aqueles malditos pãezinhos de mel? Em tempos de A morte não existia. Ela começa a se sentir um tanto marginalizada.

"Não, não odeio", responde Blair. "Eu os odeio quase tanto quanto odeio você."

O luar ilumina a expressão impassível no rosto do homem imperial.

—Isso é um pouco exagerado, mesmo para você.

"Vaza daqui, cenourinha", retruca Blair. "Não espere até eu mudar de ideia e te proibir de ir."

Lenny ignora a ameaça.

—Como você tem escapou?

Ela solta uma risadinha zombeteira.

"Que diferença faz? Você deveria estar me agradecendo. Agora pode voltar para sua triste vida de imperialista e parar de fingir que está me protegendo."

Mara encosta-se na parede e acomoda-se. O espetáculo está prestes a começar.

Lenny tira a máscara para que não haja dúvidas sobre sua expressão confusa.

-Eu não entendo.

-Que surpresa.

"Aonde você pensa que vai?", ele insiste, sem se deixar abalar.

—Em qualquer lugar, contanto que eu não esteja em Ilya —responde Blair.

Isso é melhor do que a Morte poderia ter imaginado. Lenny balança a cabeça.

—Deixe-me ver se entendi direito—diz ele, examinando ostensivamente as sombras que povoam as favelas—. Você quer escapar da sua vida confortável para viver nas ruas.

"Não, eu quero morar em Tando", ela murmura. Blair fala como se não conseguisse se conter, deixando as palavras escaparem. "Vou sair daqui. E não me importo se tiver que atravessar as Brasas para isso."

A morte não consegue imaginar que essa garota com as unhas impecáveis pudesse sobreviver a tal provação. Ela já resgatou almas muito mais ferozes daquela sepultura

arenosa. Todos eles eram idiotas a caminho do... Em busca de uma vida melhor, mas o destino zomba da esperança.

"As Brasas?" O comandante imperial praticamente caiu na gargalhada. "Paedyn mal sobreviveu quando teve que..."

"É mesmo?", debocha a TV. "Porque a vulgaridade é a maior força."

—Escute um instante, Blair!

Mara pisca. Parece que a ruiva está... pegando fogo.

Lenny respira fundo.

—Vamos conversar sobre isso, ok? Por que você quer ir embora, Ilya? Você passou apenas um dia, apenas um, trancado no seu quarto, mas a vida que você tem aqui é a melhor possível.

Blair afasta uma mecha de cabelo lilás do rosto.

—É o que você pensa, claro.

“Eu cresci aqui.” O homem de porte imponente gesticula em direção aos prédios dilapidados; sua expressão é incomumente severa. “Nas favelas. Assim.” Sim, acho que sua vida é imbatível.

Blair pondera sobre a ideia. O desdém nunca abandona seu rosto.

"Faça o que quiser. Você não precisa saber por que estou fazendo nada. Eu só quero ir embora daqui, ponto final." Seus olhos castanhos escurecem ainda mais. "E você está me impedindo."

A morte se pergunta do que quer escapar. De alguma tragédia humana , certamente, como a humilhação. público ou uma mancha que não sai. Mas a ironia é passageira, não combina com esta alma.

Mara, sempre observadora, começa a suspeitar que a Srta. Archer é mais do que aparenta. Talvez essa aparência dura seja fruto de tanto sofrimento. A morte compreende as mulheres fortes, aquelas que são fortes porque a vida as obrigou a sê-lo.

—Não posso deixar você fugir assim, assim "Se nada acontecer", Lenny consegue responder com uma risada exasperada. "O rei me culparia. E nem vamos falar do seu pai..."

"Ele vai entender isso melhor do que ninguém", murmurou Blair.

O imperador aperta o nariz com um gesto exagerado de irritação.

—Não importa. Se eu deixar você sair do castelo assim, posso perder meu emprego.

"Muito bem observado", pensa Mara.

A TV levanta um dedo na frente do O rosto de Lenny.

"Primeiro, não finja que está me ajudando de alguma forma. Segundo..." Ele levanta outro dedo. "Você é uma hipérbole. Um escudo entre Paedyn e eu. Todo mundo sabe que você não conseguiria fazer nada contra mim."

O Imperador não gosta nada disso. Está colocando sua força e suas capacidades em questão mais uma vez.

"O rei ordenou que você não saia do castelo", responde Lenny. quase mostrando os dentes.

—Bem, procure outro emprego.

O luar brinca com os cachos ruivos do imperial enquanto ele balança a cabeça em descrença.

"Você não entende. Simplesmente não entende. Alguns de nós temos que trabalhar." Ele se aproxima da TV. "Ninguém me deu uma vida confortável ou algum superpoder. Cheguei onde estou por mérito próprio."

A morte compreende Lenny. Ele é sincero, parece determinado a ir longe. São os humanos favoritos de Mara, aqueles que não se escondem atrás de adornos. Este Imperial está ousadamente nu.

"Onde você está?" Blair zomba. "Seu sonho era se tornar um guarda preguiçoso?"

—Sim, porque quero ser respeitado apesar da minha capacidade—Lenny responde com admirável sinceridade . —Sei que para você um imperial Não é nada, mas para mim, ser um é tudo. —A vulnerabilidade tinge cada palavra, e só isso já exige coragem—. E se você fugir, vai provar o que todos pensam. Que eu sou só mais uma pessoa hiperativa, tão fraca quanto eles.

Mara o observa com a cabeça inclinada. De certa forma, é irônico que ele não perceba a força necessária para demonstrar tanta vulnerabilidade.

Lenny respira fundo. Blair Ela permanece impassível.

Longos segundos se passam em silêncio. A morte observa, expectante.

—Você não pode me impedir, cenourinha.

O homem imperial junta as mãos.

—Certo. Então faremos do meu jeito.

Blair quase caiu na gargalhada.

-Desculpe?

"Você não pode ir embora", explica Lenny. "Você vai arruinar tudo o que eu conquistei, sem falar que sempre haverá alguém procurando por você: seu..." Pais, o rei… —As palavras acendem uma faísca de dúvida na TV—. Você nunca se libertará completamente daquilo de que tanto deseja escapar.

Blair não diz nada. Diante da ausência de comentários depreciativos, o imperialista continua falando:

—Precisamos encontrar uma maneira melhor de fazer você desaparecer, para que possa viver onde quiser sem medo de ser encontrado. —Ele para e olha para ela com ceticismo—. Se é isso mesmo que você quer.

-Isso é.

A Morte acha que a resposta da TV foi um pouco precipitada.

Blair parece perceber isso também, pois reforça sua afirmação com um resmungo de desdém.

—E você vai elaborar esse plano?

Lenny passa os dedos pelos cabelos rebeldes. Mara, que sempre tem uma opinião sobre tudo, decide que precisa de um bom corte de cabelo.

—Se isso não significar que eu perderei tudo pelo que lutei, então sim , eu elaborarei um bom plano.

"Duvido muito", debocha Blair. "Mas vou te dar uma semana. Quando você falhar — e você vai falhar — eu simplesmente desaparecerei."

Ela o empurra para o lado e começa a andar. Ele a segue a uma distância respeitosa.

Mas, apesar disso, eles continuam discutindo durante todo o caminho de volta para o castelo.

A TV usa seu poder para atirar pedrinhas no hipermercado repetidamente, enquanto a Morte os observa de longe, à espreita nas sombras, exatamente como os vivos imaginam.

Esses dois seres são irredimíveis.

Mas suas almas estão determinadas a tentar se conectar.

Ao retornar ao castelo, Mara reflete sobre o absurdo de tudo aquilo. Ela deixa o casal enigmático continuar sua discussão. A caminho de seus aposentos, ele passeia tranquilamente pelos corredores silenciosos. É muito tarde, e todos os criados estão dormindo, embora os corredores escuros ecoem com os roncos dos imperiais sonolentos, tão altos que fazem os vidros das janelas vibrarem.

A Morte não sabe bem o que procura. Ela gostaria de encontrar algo emocionante. Ela raramente é notada (lembre-se). (Ela não é muito expressiva), mas o inesperado a deixa muito feliz. O problema é que poucas coisas a surpreendem.

Como se fosse um desafio, o rei surge após contornar uma curva escura no corredor.

Zumbir.

A morte admite seu erro. Deparar-se com Kitt Azer nesta hora é, sem dúvida, desconcertante.

—Mara—ele a cumprimenta, perplexo e encantado com a presença dela.

Ainda Ela se sente desconfortável com a ideia de um ser vivo, ou melhor, uma pessoa condenada, poder vê-la.

A Morte teria esquecido o próprio nome se o rei a tivesse perguntado um instante depois. Esse nível de intimidade não lhe pertence mais. Deste lado da eternidade, não há uma única alma que a tenha chamado por outro nome que não seja insulto. Para a maioria, ela não passa de um monstro.

O olhar Mara olha em volta para o rei. Ele não se parece em nada com os outros que ela levou para Mors. Ele não é endurecido, endurecido. Não. A lua acaricia os traços delicados de uma criança forçada a se tornar algo diferente, algo mais. As ondas de cabelo loiro, despenteadas pelo sono, não combinam com a vivacidade de seus olhos verdes. Seus traços são fortes e, ao mesmo tempo, sutis, únicos, mas harmoniosos.

Morte Ela tem que admitir, com certo desdém, que esse homem tem um certo charme. Na verdade, ela já viu uma versão desse rosto muitas vezes no passado. A sombra da familiaridade está lá; é a lembrança de outro homem que tinha a mesma feição, e é também a razão que a trouxe de volta a Ilya.

"O que você está fazendo acordada a essa hora?", pergunta Mara, impassivelmente.

Não teve Ela teve muitas oportunidades de usar a voz nas últimas décadas, então o som suave ainda a assusta. Até ela admite que não se encaixa exatamente nas descrições usuais da Morte.

Kitt sorri. É algo que ele faz muito bem.

—Eu poderia te perguntar a mesma coisa.

A morte revela a verdade, algo que sem dúvida surpreenderia os vivos.

—Eu não durmo.

O rei passa os dedos sobre os dedos. por causa de seus cabelos loiros e despenteados.

—Sim, você acaba tendo essa sensação, não é? Nem me lembro da última vez que dormi a noite toda.

Não era isso que Mara queria dizer, mas ela acha engraçado ver os humanos tirarem conclusões precipitadas. Assim como quando Kitt pensou que ela era uma curandeira

naquela mesma manhã. Ela interpretou isso quase como um elogio. Há muito, muito tempo atrás, era o que ela pensava. Ele teria gostado de estar lá.

A morte observa este homem, que tem um pé na cova.

—O que fazem os reis quando não conseguem dormir?

—Andando de um lado para o outro. —Ela suspira—. Pensativa.

—É muito mais produtivo do que a inconsciência.

Kitt solta uma risadinha e se encosta na parede para olhar pela janela iluminada pelo luar.

—Seus colegas curandeiros discordam.

"Porque eles não gostam de passar mais tempo consigo mesmos do que o absolutamente necessário." Mara entrelaça os dedos. "É por isso que eles apreciam o sono."

Kitt a observa. Mara acha que ele a observa com admiração, mas, é claro, ela não é objetiva.

—É por isso que você está acordado? Para passar mais tempo consigo mesmo?

A expressão de Mara permanece inalterada.

—De certa forma. Eu me procuro nas sombras.

A lua espreita pelas janelas.

—Você não sabe quem você é, Mara?

A morte gosta de ouvir o nome dela. Ela o havia esquecido.

"Não mais", ele responde simplesmente.

Kitt tem a expressão de alguém que, finalmente, se sente compreendido pela primeira vez.

—E... você acha que vai descobrir no meio da noite?

—Não são justamente as partes mais sombrias de nós mesmos que nos impulsionam? Será que eles realmente definem isso?

O rei não consegue esconder o sorriso.

—Talvez você seja um acadêmico.

Um longo momento se passa. Talvez muitos. A morte já não tem um coração com o qual contar as suas batidas.

Mara abaixa a cabeça e se afasta do luar. Ela nunca foi boa em despedidas, então as evita.

Ela já havia percorrido metade do corredor quando a voz de Kitt a deteve.

—Mara?

Sim, ele gosta de ouvir seu nome. E isso não tem nada a ver com o fato de ser o jovem rei quem o pronuncia, ou pelo menos é o que ele quer acreditar.

A morte se volta para a alma que se desvanece, um azul desbotado e vacilante.

"Você se importaria se eu a acompanhasse em sua busca?", pergunta ele com um toque de humor.

Mara inclina a cabeça.

Você está procurando por si mesmo?

Kitt se aproxima da Morte passo firme.

É uma boa descrição do destino deles.

"Não", admite o rei. "Espero encontrar algo muito melhor."



CAPÍTULO 6
Kitt

Uma explosão sacode a carruagem.

O impacto me joga para trás contra o assento. Meus ouvidos estão zumbindo.

O tempo parece desacelerar; minha visão fica turva.

As tropas imperiais gritam e me cercam enquanto, além do seu círculo de proteção, o inferno se instaura nas favelas.

Detritos caem dos prédios e formam chuva. sobre a multidão fugindo pelas ruas.

Eu respiro fundo ao ritmo dos gritos dilacerantes que se infiltram pela fumaça.

Fecho meus olhos irritados com força.

"Tudo isso é culpa minha."

Outra bomba sacode o carro.

"Como chegamos a esta situação?"

Há poucas horas, eu estava em segurança, no meu estúdio.

A manhã estava muito tranquila. Passei grande parte dela contemplando. minha mão manchada de tinta.

Ela não usava aliança, mas sentia o peso do compromisso. Paedyn, apesar de ter se tornado uma assassina, continuava sendo a mesma garota obstinada que eu conhecia. Fazia apenas alguns dias que ela aceitara generosamente meu pedido de casamento. A esperança à qual a Salvadora Prateada se apegava era tão inocente, irritante e admirável como sempre. Sua bússola moral me obrigou a oferecer exatamente o que ela precisava ouvir: a promessa de um Ilya unido.

Agora ela usava o anel como um grilhão; seu senso de dever para com o reino a mantinha presa.

-Majestade?

Um curandeiro estava me examinando, como fazia todas as manhãs.

"Hã?" Olhei para ele, distraída.

Eli me deu um sorriso forçado.

—Eu estava perguntando se Sua Majestade Você poderia virar a cabeça para o lado, por favor?

—Claro — murmurei obedientemente.

Meu olhar se desviava constantemente para um panfleto sobre a mesa, o mesmo que havia sido distribuído por toda a cidade. Contava a história que eu inventara para convencer Paedyn a aceitar minha proposta: a união entre elites e plebeus, apresentada como uma medida para incentivar as cidades vizinhas a... Retomar o comércio não tinha exatamente a ver com a escassez de recursos... embora os de Ilya estivessem começando a diminuir. Não, o que eu buscava eram reinos confiáveis e fronteiras abertas.

Os dedos gélidos de Eli se afastaram do meu pescoço.

—Por hoje é só, jovem rei.

Inclinei a cabeça em gratidão enquanto os curandeiros, atentos ao meu estudo, e os estudiosos, absortos em minha tarefa, me examinavam. Em meio a murmúrios, elas saíram do estúdio. Uma pontada de decepção me atingiu ao perceber que nenhum daqueles rostos era o de Mara. E isso me preocupou. Quando conheci aquela mulher enigmática, eu já estava noivo, e aquelas circunstâncias infelizes não haviam mudado.

Meu comprometimento com Paedyn Gray foi o preço que tive que pagar em troca da grandeza.

Que ironia, Uma mulher vulgar seria a faísca que incendiaria a expansão das elites.

O estrondo de outra explosão me traz de volta ao presente.

Eu pisco os olhos para clareá-los, pois a fumaça os encheu de lágrimas.

Kai não está mais sentado à minha frente nesta carruagem aberta, fingindo não ver o joelho de Paedyn roçar no meu. Aquele desfile interrompido foi mais uma desculpa para passar um tempo com ele. que foi uma verdadeira celebração do meu complicado noivado. E, por um breve momento durante aquele passeio tranquilo pelo reino, quase me esqueci de que Paedyn estava lá.

Até que ela me implorou para levar as festividades também para a casa dela, como eu sabia que ela faria.

Foi tão previsível que chegou a ser admirável.

—Abaixe a cabeça, Majestade!

O cão imperial late a ordem para mim, e eu me abaixo. Embora eu deteste ser o único na carruagem, encolhido de medo, Kai entrou em ação como executor, enquanto minha noiva não hesitou em desobedecer às ordens . Ela atravessou a muralha de Imperiais e desapareceu no caos, e eu fiquei aqui, sentado, ponderando o desconforto da minha decisão. Sozinho, esquecido.

"Toda essa destruição é culpa minha."

Os gritos ao nosso redor ficam cada vez mais altos, como uma sinfonia sinistra.

"Eu não sou um monstro."

Era preciso fazer isso… Calum concordou. Acho importante me lembrar disso, talvez para não ter que arcar com toda a culpa sozinha. Mas eu precisava de desordem, caos, um desafio concreto. O reino já expressou claramente sua rejeição a uma rainha vulgar; eu apenas amplifiquei esses sentimentos. vozes.

Os julgamentos devem começar. E o que aconteceu forçará minha noiva a participar. Isso a obrigará a fazer o que eu mandar sem que ela sequer saiba disso.

A fumaça se acumula em meus pulmões; começo a sufocar pelas consequências de meus atos.

"Eu não sou um monstro."

O zumbido nos meus ouvidos não é suficiente para me isolar dos relinchos dos cavalos aterrorizados e dos gritos de A elite. Agachado no chão da carruagem, protegido por um enxame de imperiais, não consigo ver nada do que acontece lá fora. A pesada coroa escorrega das minhas mãos e não tenho dúvidas de que me encaixo perfeitamente na imagem de um membro indefeso da família real. Suponho que, na realidade, é isso que sou: um rei ainda ofuscado pelo passado, por sempre ter sido o irmão mais fraco.

Mas Não por muito mais tempo.

Arranco minha coroa e a deixo cair no chão com um tilintar.

"Essa confusão é culpa minha, então eu devo fazer parte dela."

Permaneço de pé, apesar dos protestos dos Imperiais. A destruição que desencadeei com minhas ordens se desenrola diante dos meus olhos: paredes desmoronadas, corpos espalhados. Chamas se alimentam dos estandartes rasgados. E devoram as carroças dos vendedores ambulantes. A rua está coberta por uma densa fumaça que obscurece o caos que se esconde em seu interior.

Mas o que me chama a atenção, horrorizado, são os corpos espalhados.

O sangue mancha as pedras da calçada. É uma consequência inevitável que eu não havia previsto.

"Havia pessoas que iriam morrer mesmo antes de meu plano ser colocado em prática."

A parte Meu lado mais sensível, aquela fraqueza que meu pai tanto desprezava, tem vergonha de compreender as consequências dos meus atos. Na verdade, sinto-me tentado a renunciar ao destino que tracei com tanto cuidado para mim mesmo, se isso significasse salvar aqueles que se opuseram aos meus planos. E esse pensamento só serve para confirmar algo que sei com absoluta certeza.

Kitt Azer deve morrer.

Um coração compassivo não tem lugar na história. Se eu quiser alcançar a grandeza, esse coração terá que parar de bater.

Uma bomba explode a poucos metros de mim e, por alguns instantes, temo que alguma força superior tenha interpretado mal a metáfora.

A carruagem estremeceu e o impacto me jogou no chão. Ao cair, meu crânio bateu em algo duro. Talvez eu tenha gritado, não tenho certeza. O mundo ficou subitamente em silêncio.

Olho para o céu tomado pela fumaça. Imperiais espreitam pelas laterais da carruagem e entram no meu campo de visão. Por baixo das máscaras brancas, vejo bocas se movendo com urgência. Um zumbido abafado preenche meus ouvidos. Não faço ideia do que estão dizendo. Só sei que sinto frio.

Meus olhos se voltam para o banco que está ali. Ao meu lado. É o mesmo assento em que Kai estava sentado durante a viagem, enquanto conversávamos sobre os velhos tempos. Quase como se fôssemos irmãos novamente. Eu adoraria reviver aquele momento, se pudesse.

Mas parece que alguém assumiu o lugar.

Outra figura, com as pernas cruzadas numa postura quase relaxada, ocupa agora o luxuoso banco. A figura esguia veste uma capa escura. Ela inclina a cabeça em minha

direção, sobre os ombros , e seus cabelos castanho-avermelhados caem sobre as clavículas . E, embora se possa dizer que seus olhos são de um castanho comum, nunca vi um olhar tão penetrante.

"Mara".

Ele me encara, completamente alheio à comoção ao nosso redor. Eu diria até que demonstra um interesse contido, como se estivesse esperando por algo.

Abro a boca, embora não tenha muita certeza do que vou dizer, quando a realidade me atinge de repente. Um oficial imperial me puxa para sentar em frente a Mara e me informa que partiremos imediatamente. Minhas palavras, ainda abafadas, gradualmente aumentam de volume até que os sons da comoção se tornem um rugido surdo em meus ouvidos.

Estou prestes a dar-lhes uma ordem para me trazerem. Não era minha irmã quando sua figura surgiu em meio à fumaça. E, embora eu não devesse me surpreender ao ver Paedyn em seus braços, a dor não diminuiu.

"Como eu poderia não me certificar de que ela estava bem antes de voltar para mim?"

Afasto o ciúme que tenta me distrair e provocar uma reação impulsiva. Em vez disso, espero com altivez que ambos entrem na carruagem. Um oficial imperial abre a porta e faz sinal para que meu carrasco e minha noiva entrem. Volto meu olhar para o lugar que Mara ocupava.

Só que não é mais assim. Ela se foi.

Encaro, atônita, o assento vazio até que Kai e Paedyn se aproximam. A carruagem começa a se mover quase antes que eles tenham tempo de se acomodar à minha frente. Estão ofegantes e cobertos de sangue. O olhar de Paedyn... Ela está deitada sobre a barra do vestido, manchada de escarlate, e seus olhos se enchem de lágrimas.

"O que aconteceu?", pergunta ele, com a voz embargada.

Kai observa atentamente o caos que deixamos para trás em alta velocidade.

—Não podemos conversar agora. Há ouvidos por toda parte.

A carruagem sacode sobre o calçamento irregular e desvia das pedras espalhadas por toda parte. O interesse do meu irmão se volta para mim.

—Você está bem? Eu me certifiquei de que você estivesse cercado por Imperiais.

Engoli em seco.

-Estou bem.

"Eu sou um monstro."

"Quem faria uma coisa dessas?", sussurra Paedyn.

"Um monstro."

—Um monstro.

Ao ouvir Kai sussurrar as mesmas palavras que ecoam em minha mente, volto meu olhar para ele.

Não. Não, ele não deveria pensar isso. Não eu. Não ele. Tudo isso é por ele. Por nós. Ele vai perceber isso em breve. Ele precisa perceber.

Os olhos do meu irmão se voltam para Paedyn novamente. Como sempre.

—É uma mensagem.

Desvio o olhar enquanto as ruas enfumaçadas desaparecem na distância.

Foi uma mensagem. Uma mensagem que deixei impressa em todos os aspectos da minha vida: na peste que engoli, na traição das mulheres. Àquele que meu irmão ama, na dor que

devo infligir antes de poder conceder o dom do poder… Não há nada que eu não esteja disposto a fazer por aqueles que amo.

E eu só sei amar o Kai.

"Eu sou um monstro. Eu sou um rei."

Talvez um não possa existir sem o outro.



CAPÍTULO 7
Mara

A Morte não tem certeza de quanto tempo Blair Archer conseguirá manter a farsa de que está lendo o livro.

A TV não mudou de página nenhuma nos cinco dias em que ela está confinada ao quarto. Isso incomoda Mara, e de certa forma é egoísta, já que ela gostaria de continuar aproveitando a história. Mas essa falsa concentração É um truque que Blair usa para se proteger do desejo incessante de Carrot (como ela o chama) de falar.

Lenny passou a sentar-se ao lado da TV quando está entediado, em vez de esperar lá fora, então Mara ficou presa com os dois. As constantes discussões entre eles têm mantido a Morte muito entretida ultimamente, juntamente com os arremessos mentais de objetos e as ameaças detalhadas. Lenny reclama da dor no pescoço a cada hora (ele dorme no chão, embora ela ocasionalmente lhe jogue um cobertor), enquanto Blair mantém os olhos fixos no livro e não lhe dá atenção.

Eles ainda não tentaram arrancar os olhos um do outro, mas a Morte não perdeu a esperança.

Ainda bem que Mara gosta da companhia deles, por mais cansativa que seja. Às vezes, porque agora ela não tem outras almas para devorar. Após as explosões no desfile, a Morte julgou melhor evitar o rei até que esteja em condições de responder às perguntas que ele, sem dúvida, lhe fará. Pois ela não planejava aparecer nessas circunstâncias, mas o perigo iminente representado por Kitt naquele momento a atraiu para ele. Ela nunca havia experimentado uma conexão. Assim, a morte sente a alma moribunda como se fosse a sua própria. Este fim da vida humana é único, mas ele jamais o saberá.

Porque a Morte se apega à verdade, já que é a única coisa que cada pessoa pode levar consigo para o outro lado.

Blair larga o livro na cama e suspira aliviada quando Lenny sai do quarto pela segunda vez naquela tarde (bebe bastante água e a TV está desligada). (permite que ela use o

banheiro). Então a Morte se acomoda no edredom ao lado dela e observa o pôr do sol além das janelas. Ela acha a cena relaxante, mas a carranca de Blair parece discordar.

Ah. Mara entende (apesar do que dizem sobre ela, ela não é totalmente desprovida de empatia). A vida continua... sem a TV.

E parece que sim Blair se culpa, como se merecesse aquele castigo. Essa jovem intriga Mara. Quem ela realmente é ? O que ela quer se tornar? Blair Archer é um mistério que a Morte deseja desvendar.

A TV coloca um travesseiro sobre a cabeça. Se eu tivesse que arriscar uma teoria, como costumo fazer quando lido com humanos, Mara diria que Blair está tentando afogar uma lembrança. A teoria está confirmada. quando a TV de repente se senta e respira fundo.

Essa explosão desconcerta a Morte. Então, uma expressão de desafio surge no rosto de Blair.

A mulher estranha junta as mãos e engole em seco com dificuldade.

Mara repara em como ela belisca distraidamente a pele da palma da mão esquerda. É um hábito que ela tem; não é a primeira vez que a vê fazer isso.

Mas o que pode atormentar Então, para uma mulher tão formidável?

O som de passos se aproximando chama a atenção de Blair, e também a da Morte, que está ao seu lado.

Clique. Clique. Clique.

A televisão faz com que os olhos dela revirem mais do que jamais reviraram em toda a sua vida.

Ele sabe quem está chegando.

Ela é uma mulher baixa com uma expressão tão severa que parece forçada. Ela irrompe pela porta (ela também deve ter uma chave) e caminha a passos largos em direção a Blair. com o eco dos saltos altos no chão.

"Isso é inaceitável." Ela sacode seus cabelos castanhos curtos enquanto diz isso. "Absolutamente inaceitável."

Mara olha para as duas mulheres. Suas expressões de desagrado são tão semelhantes que a relação entre elas é óbvia.

Ela deve ser a mãe do tirano das telenovelas (e, mais uma vez, a Morte não é a autora do apelido).

Blair pega o livro para continuar a farsa de leitura.

"Isso vai ser ótimo", ele provoca.

Zumbir.

A morte conclui que Blair não se dá muito bem com a mãe.

—Já se passaram cinco dias, Blair.

A julgar pela expressão tensa na TV, o uso do nome dele não é um bom presságio.

"Você deveria ter passado cinco dias treinando e aprendendo com sua mãe", diz a mulher, furiosa. Seus saltos batem no chão. Ela caminha de um lado para o outro no quarto até parar ao lado da cama. "Mas não. Você está trancada no seu quarto porque o rei acha que você não consegue lidar com um plebeu." Ela olha a filha nos olhos antes de desferir o golpe final. "E ele não está errado."

É louvável que Blair consiga manter a cabeça erguida e a boca fechada.

Aparentemente, a outra mulher não gosta da falta de reação, então ela preenche o silêncio. Com ainda mais crueldade.

—Eu não te criei para ser fraco.

"Não?" Blair finalmente explode em seco. "Porque a fraqueza corre em suas veias, não nas minhas."

Um tapa rápido e repentino atinge seu rosto. Até a Morte se assusta com a mãe batendo na filha, embora não com muita força. Aqueles mais próximos de nós costumam ser os mais cruéis. Mara sabe disso por experiência própria, pois ela também já foi ferida. Ela foi maltratada. Mas ela mesma decidiu remediar a situação.

A força do golpe faz a cabeça da TV balançar, mas ela ainda consegue manter sua petulância característica. Porque o golpe que Blair desferiu foi ainda mais forte.

A mulher respira pesadamente ao lado de Mara enquanto a bochecha da filha fica vermelha com a marca dos dedos. Blair encara a mãe sem expressão. Um toque de medo. Parece que ele vem praticando essa expressão há muitos anos.

"Não permitirei que sua incompetência destrua esta família", declarou a mulher. "Nosso legado viverá para sempre."

Blair força um sorriso insultuoso.

—Serei uma vergonha para todos nós.

"Isso só vai provar que eu estou certa." O tom da mulher é arrogante. Agora a Morte entende a quem Blair se parece. "E eu sei O que é a última coisa que você quer.

Elas se encaram com a mesma aspereza que compartilham. Alguns segundos se passam, durante os quais a animosidade mútua fica evidente. Então, a mãe na TV se vira e bate os calcanhares em direção à porta aberta.

"Ah, e aquela mulher vulgar agora é a noiva do rei", diz ele por cima do ombro. "Se ela se tornar rainha, você terá que prestar contas a ela." Ele nunca vai te deixar ir embora.

Noiva.

A morte não sabia disso.

Quando sua mãe finalmente sai do quarto, Blair solta um suspiro trêmulo e leva a mão à bochecha latejante. A raiva está estampada em seu rosto.

—Que mulher encantadora.

O sarcasmo do imperialista faz Blair revirar os olhos, que se encheram de lágrimas. O jovem Ele entra na sala, hesitante, franzindo a testa por baixo da máscara branca.

—Ele sempre fala assim com você?

Agora o tom reflete sinceridade.

"Este ser humano é gentil", pensa Mara, e não é a primeira vez que ela percebe isso. Ele tem uma alma calorosa e acolhedora, daquelas que fazem os outros chorarem ao partir. O pensamento desperta um ciúme há muito adormecido dentro dela.

A TV respira fundo, apagando todos os traços de emoção de suas feições, endireita as costas e levanta o queixo.

—Não sei, quando você ouvir nossa próxima conversa por acaso, poderá comparar.

"Nem me passaria pela cabeça." Lenny parece ofendido. "Eu ouvi você porque a porta estava aberta, mas jamais invadiria a pouca privacidade que lhe resta."

—E daí? —Blair responde sem o menor interesse—. Você tem um ouvido excepcional para fofocas.

Mara começa a compreender o poder da hiperatividade (e lembremos que ela usa a palavra "poder" num sentido muito amplo).

O Imperial cruza os braços. Seu uniforme está amarrotado de tanto dormir com ele. A Morte percebeu que ele é uma de suas poucas posses.

"Só se eu quiser. Pode ser... desativado", explica ele, distraído. "Posso ligar ou desligar meus sentidos." Quando você quiser.

Isso não explica como ele conseguiu detectar a presença de Mara. É mais um mistério que a Morte ainda precisa desvendar.

Blair volta seu olhar para o livro que está fingindo ler.

—Que decepção.

"Tá bom, agora entendi." Lenny suspira, derrotado. "Meu poder é uma porcaria."

"Bem, sim." A TV nem se dá ao trabalho de olhar para ele. "Mas o decepcionante é que você não aproveita isso." dessa energia de merda.

O homem imperial a encara.

—Ah.

"Eu me divirto com a minha habilidade o tempo todo." Ele mal tinha terminado de falar quando a bola roxa que Lenny adora quicar o atingiu no rosto novamente. "Viu?"

A Morte observa que esse objeto frequentemente se materializa para causar dor física.

"Eu sei o que você está fazendo", respondeu o homem imperial enquanto ele Ele esfrega a testa. "Você está tentando mudar de assunto. Por que não quer falar sobre sua mãe?"

"Porque ela é uma vadia", responde Blair simplesmente.

Lenny solta uma risada rouca.

—Deve ser coisa de família.

—Não. —A TV fecha o livro com força—. Fomos feitos assim.

O imperador expressa em palavras a confusão que a Morte também demonstra.

—Hum… Você está falando de vadias em geral? Ou de…?

"Se você está tão preocupado com o meu relacionamento com a minha mãe, me deixe escapar dela", dispara Blair. " O tempo do acordo que fizemos está quase acabando."

“Agora que você mencionou…” Lenny senta-se na cama, ignorando completamente o olhar de ódio dela. Mara senta-se ao lado dele e, para sua decepção, ninguém protesta. “Encontrei Paedyn, que estava indo jantar com o…” Rei, e… —Ele solta uma risada sinistra—. Ele ainda te odeia.

"Claro", resmunga Blair. "E você me conta isso em vez de mencionar que está noiva? Com toda essa conversa, achei que você pelo menos deixaria escapar algo tão importante."

Lenny sorri timidamente.

—Sim. Desculpe. Esqueci que você não tem a maldita capacidade de ouvir conversas. — As palavras saíram atropeladas dela.— No dia em que recebi essa infeliz tarefa, Pae veio me ver bem em frente à sua porta. Imagino que você tenha ouvido a confusão que ela fez tentando chegar até você, e nossa conversa sobre o noivado.

—Bem, não. —A TV abafa um rosnado—. O que diabos Kitt está fazendo se casando com aquela mulher vulgar?

"O que ele deveria fazer", responde Lenny. "Sem mencionar que Ilya precisa do..." Comércio. As elites e o povo comum precisam estar unidos. E Paedyn pode fazer isso acontecer.

"Não me surpreende que você pense assim." A voz de Blair é cortante. "Você não passa de uma pessoa vulgar."

—Verdade—, admite o imperador. —Sou quase vulgar, mas é você quem está trancado no quarto, sem poder se mexer.

"Muito bem dito", pensa Mara. Ela descobriu que geralmente está do lado do rapaz. Até a Morte aprecia a sua companhia.

"Sem poder me mexer?" Blair bufa. Infelizmente, ele não gosta muito disso com ela. "Eu posso sair por aquela porta quando quiser."

"E por que você não vai?" Lenny gesticula com as mãos, exasperado. "Até alguns dias atrás, ninguém impedia você de fugir. Você teve a vida inteira para ir embora. E nunca foi."

Mara os observa. Seu rosto A figura imperial exibe uma expressão de anseio, quase suplicante. Mas a televisão se esconde por trás de uma máscara muito mais fria e cortante. É como se estivesse à beira de algo irreversível, como se tivesse uma terrível verdade na ponta da língua.

Finalmente, ele decide falar, e o faz em tom exigente:

—Qual é o plano?

A sombra da tristeza obscurece o rosto de Lenny, e a Morte Ele não sente falta disso. Ele quer entender aquela mulher temperamental, diminuir a distância entre eles. Mas Blair se recusa a dar um único passo em sua direção.

Os seres humanos são seres muito complicados. Mara se lembra bem disso. Eles têm o péssimo hábito de complicar as próprias vidas.

"Está bem", diz ela com um suspiro. "Mas você não vai gostar."

—Que estranho, isso não me surpreende.

O imperial Ele se aproxima dela.

—Ótimo. Como eu já te disse, Paedyn quer você morto. Você quer escapar de Ilya e que ninguém te procure. E eu só estou tentando manter um mínimo de dignidade quando tudo isso acabar.

"Se é que ainda lhe resta alguma coisa", Blair debocha, rangendo os dentes.

"Sabe de uma coisa?" Lenny balança a cabeça. "Você quase me faz rir, Blair Archer. Se você usasse seus poderes para algo bom..."

A frase le Isso arranca um leve sorriso da TV. Assim como acontece com a Morte. Mas é só por um instante.

—E daí? Vamos ver esse plano, cenourinha.

—Ok, ok.

Ele não parece muito preocupado com a própria segurança.

Blair parece estar gostando da situação.

E a Morte está se divertindo muito.

—É por isso que… Paedyn tem que te matar.



CAPÍTULO 8
Kitt

Tenho uma mancha de tinta na manga direita.

Suspiro e esfrego o cabelo com o lenço, mas só consigo espalhá-lo ainda mais, então acabo vestindo o paletó para cobri-lo. Depois, afrouxo a gravata e continuo com a tarefa .

Um pergaminho em branco repousa sobre a mesa desarrumada, à espera que eu o desenhe. Meus pensamentos estão sobre isso. Já preenchi a página anterior com uma descoberta complexa e recente. Porque é assim que eu dissipei a confusão da minha mente, às pressas, com uma torrente de letras rabiscadas. No entanto, neste momento, a ponta da caneta desliza sobre a página imaculada sem tocá-la.

Não encontro as palavras certas para descrevê-la. Talvez elas não existam.

Uma tosse. Talvez seja melhor assim. Vamos começar do início.

Abaixe a pena em direção ao pergaminho.

Conheci uma mulher chamada Mara. Ela estava no meu estúdio, mas

Dou um passo para trás, assustado, ao ver as palavras recém-escritas desaparecerem diante dos meus olhos.

Maravilhado, observo cada letra da página desaparecer. Elas somem pouco a pouco, como se o pergaminho estivesse engolindo avidamente o rastro de tinta. A página Retorna ao seu estado original, como se não tivesse escrito uma única palavra.

Levo alguns segundos para me lembrar de respirar.

"Que diabos está acontecendo?", murmurei, como se esperasse que o papel mágico me respondesse.

Com alguma hesitação, tento escrever outras palavras.

Mara estava no carro durante o ataque ao desfile. Não sei como ou

A tinta desaparece.

Eu me acomodo no cadeira, ainda em êxtase.

"Deve haver alguma explicação razoável para tudo isso. Tem que haver uma."

Remexo entre as pilhas de pergaminho; anotações manuscritas estão espalhadas por toda parte. No canto de um documento amassado, escrevo:

Quem é Mara?

As palavras desaparecem.

Apresso-me a pegar outra folha da pilha. Só me dou ao trabalho de escrever o nome… e o Quatro letras desaparecem.

De repente, começo a escrever as quatro letras em todas as superfícies livres que encontro, de forma obsessiva e maníaca.

Mara. Mara. MARA.

Nada. Nada. Nada.

É como se a mulher não fosse real. Como se as próprias letras se rebelassem contra a ideia de sua existência.

Enxugo o suor do rosto. Talvez eu esteja ficando louco, como todos previram. início do meu reinado.

Encaro a primeira folha que rejeitou o nome de Mara. Então, com certa incerteza, volto a baixar a caneta sobre o pergaminho caprichoso.

Kitt.

Nada. Nada acontece, e isso por si só já significa alguma coisa.

A palavra permanece intacta.

Eu estudo meu próprio nome. Não há nada de especial nele.

Tento escrever uma frase completa.

Estou no meu escritório.

As palavras não desaparecem, e de repente me dou conta do absurdo da situação. Estou encarando alguns traços de tinta como se esperasse que saltassem da página.

"Isso é uma alucinação."

Escrevo mais uma frase, desta vez descuidadamente, para provar a mim mesmo que tudo isso é um absurdo.

Vou descobrir quem é Mara.

A mensagem desaparece sem deixar rastro. traçar. E, embora eu não tenha certeza se estou são, não posso negar a realidade da página em branco diante de mim. Eu chamaria alguém para testemunhar se não fosse pelo fato de que meu peito está tão apertado que chega a doer. É uma sensação estranha que me assusta e provoca uma crise de tosse.

Naquele instante, um arrepio percorreu minha espinha.

Eu já tenho Já havia sentido antes, como se alguém estivesse puxando minha alma, como a presença de algo que é infinitamente… maior.

Levanto os olhos da página que se recusa a registrar seu nome.

E lá está Mara, de pé.

Seus cabelos castanho-avermelhados caem soltos sobre o manto escuro que esconde sua figura. Com a mesma seriedade de sempre, seu olhar penetrante me examina.

—Você vai compartilhar suas ideias novamente? com o papel?

"Estou tentando", digo devagar e com evidente ceticismo. "O que você está fazendo aqui?"

—Vim ver se você estava bem.

—Você é um curandeiro muito consciencioso.

Sustento seu olhar impassível.

—Hum. —Esse som intrigante de novo—. Você vai a algum lugar?

Quando ele olha para mim, de repente me lembro que tenho algo planejado.

—Ah, sim. Tem uma reunião. Aguardar que Paedyn conclua o primeiro teste.

"Evidências." Ele pronuncia a palavra como se fosse o desfecho de uma piada prestes a escapar. "As elites adoram ostentar o poder da Morte."

Franzi a testa, confusa.

—O objetivo dos Testes de Expurgo não é matar os participantes.

—Hum. —Meu comentário parece ter despertado o interesse dele—. E quanto a esses testes? São eles? Talvez seja uma forma de se livrar da sua noiva?

"Ainda não. Ela me é útil." Não consigo impedir que as palavras escapem dos meus lábios. "Ah..." Quase caí na gargalhada diante da verdade desprezível. "Você vai pensar que sou a pior pessoa do mundo."

—Não. —Mara me estuda atentamente—. Você é muito mais complexa do que isso.

Limpo a garganta novamente para me libertar da opressão que me aprisiona mais uma vez. o peito.

E a cada tosse, essa presença inquietante, esse chamado da minha própria alma, se intensifica.

Olho para a mulher que me observa e percebo que algo dentro de mim se encolhe, sentindo-se intimidado.

-Quem é você?

As palavras que sussurrei não parecem surpreendê-la; não acho que será fácil de alcançar.

—Já nos conhecemos.

—Você estava no carro quando a bomba explodiu. —Eu gaguejo—. Eu sei que você estava lá. —A confusão que eu estava tentando conter finalmente transborda—. Agora você está aqui e sinto meu peito apertar.

O silêncio é a única resposta ao meu ceticismo.

"Eu consigo te sentir", digo, ficando agitada. "Como... como um par de olhos me observando do outro lado da sala, ou uma brisa fresca na minha nuca. Diga-me quem você realmente é." Mara. —Levanto-me lentamente, com as palmas das mãos apoiadas na mesa—. Porque você não é uma curandeira.

"Não", ela confirma. "Eu não sou curandeira. Foi você quem presumiu isso."

Balanço a cabeça em frustração e percebo que a coroa está escorregando.

—Não entendo. Me ajude a entender. Por que você está sempre lá quando eu estou…?

-Morrendo?

Eu a encaro, sem palavras. Se a expressão Se a expressão pensativa dela tivesse mudado minimamente, eu teria achado que era uma piada.

—Morrendo? Não, eu não estou…

"No desfile, você estava a dois metros da Morte", ele me interrompe calmamente. "Dois metros."

Solto um suspiro de espanto.

"Por que você estava lá? Eu vi você se sentando e então... você desapareceu."

Ele inclina a cabeça para o lado para me olhar, como se minha ignorância o inspirasse. compaixão.

—Dois metros são suficientes para exigir minha presença. E, a cada vez que você tosse, a peste te empurra um pouco mais para perto de mim.

A irritação me arrasta para o desespero.

—Quem diabos é você?

Seus olhos escuros fitam os meus.

—Essa não é a pergunta certa.

Meu sangue gela e sinto um aperto no peito. Como se minha alma estivesse escapando.

-Por O que eu não posso escrever sobre você? —Tento manter a calma—. Seu nome… desaparece.

"Não posso ser contido", responde ele como se fosse óbvio. "Nem com palavras, nem com tempo."

"Afinal, o que diabos você é?", murmurou ele, ofegante.

"Pensei que você quisesse me ver." Sua expressão era indecifrável. "Caso contrário, por que você teria contraído a peste?"

—Para obter poder —Respondi firmemente.

—Ou morrer sabendo que você fez tudo o que era possível para alcançar esse objetivo.

Tenho a sensação de que a sala inteira está girando ao meu redor.

"Você achou que eu tinha pegado a peste para te ver", digo com a voz rouca. "Isso significa..."

Pela primeira vez, vejo um leve sorriso surgir em seus lábios.

—Agora, menos de meio metro separa você da Morte.

Contemplo com admiração a bela mulher. que tenho à minha frente. E aquilo continua do outro lado da mesa… a menos de meio metro de distância.

Tento forçar um sorriso.

—Isso é ridículo.

"Você vive em um reino abençoado com os poderes mágicos da peste, e nem sequer se pergunta por quê", ele me lembra. "Não sei por que a Morte te surpreende tanto."

"Não é que a Morte me seja desconhecida", gaguejei. "O que me surpreende..." —Aponto para ela com um gesto— É você.

Ela levanta as sobrancelhas quase imperceptivelmente.

—Não é possível que ela seja a primeira mulher que você viu.

Eu aperto a ponte do meu nariz, como meu pai costumava fazer.

—Não, claro que você não é a primeira mulher que eu vejo. Mas você é a primeira que afirma ser a Morte.

Mara pondera minhas palavras por alguns instantes.

—Recolhi a alma do seu pai do lado de fora da Arena. Ele havia sido esfaqueado no peito e no pescoço. Ele tinha uma alma muito tenaz.

Ele fixa o olhar em mim, como se aquelas palavras não bastassem para me paralisar.

"Por quê...?" Engoli em seco. "Por que você está me dizendo isso?"

—Normalmente não tenho muitas conversas com os vivos. Ou com os quase vivos — corrige-se ele.

Sou incapaz de fazer qualquer coisa além de encará-la, boquiaberto. Toda essa conversa é uma loucura. E, no entanto, eu aceito.

"Se for mesmo a Morte, não quero tê-la como inimiga."

"Você não tem medo de mim", observa Mara.

A batida repentina na porta me assusta.

"Vossa Majestade, chegou a hora de sua entrada", informa-me um oficial imperial do corredor.

Estou com dificuldade para respirar.

—Já estou indo!

Volto minha atenção para Mara, para a Morte, ou seja lá o que for.

Ele esboçou o sorriso mais discreto que já vi.

Não, é impossível, não pode ser a mesma Morte que instila medo em todos os corações.

"Siga em frente com a sua vida", ela me incentiva gentilmente. "Agora que você ainda pode."

E, tal como o seu nome na página de papel, ele desaparece sem deixar rasto.



CAPÍTULO 9
Mara

Bump. Bump. Bump.

A bola que Lenny fica quicando na parede está começando a murchar. Até ela parece ter se cansado da brincadeira.

De tempos em tempos, o capitão imperial para para contemplar com saudade a paisagem pela janela. A lua retribui o olhar do céu, luminosa contra o manto negro. Aquela luz branca ilumina o A expressão de preocupação está estampada no rosto sardento de Lenny. A Morte observa essa preocupação se intensificar há quase uma hora.

Não é o momento mais interessante do dia. Certamente foi quando ela entrou no escritório do rei como Mara e, ao sair, já era a Morte. E ela não sabe bem o que pensar disso. Nenhuma alma jamais encontrou a Morte e viveu para contar a história.

Talvez Devo aproveitar esta rara oportunidade.

Blair, deitada na cama, vira uma página do livro e algo inesperado acontece.

—Você está muito quieto(a). Isso é suspeito.

—Bem… Toda vez que eu abro a boca, você diz que vai esmagar minha traqueia, então é só uma precaução.

"Ei, talvez você não seja tão burro quanto parece", diz ela com sinceridade genuína.

O homem imperial balança a cabeça e retorna. Buscar refúgio no tédio.

Bump. Bump. Bump.

Blair coça o pescoço.

—As comemorações já começaram?

Mara percebe que a TV não sabe o que fazer com esse Lenny melancólico.

"Sim", ele responde simplesmente. "Eles estão todos bebendo e fofocando."

A festa está sendo realizada do outro lado do castelo. A Morte precisa admitir que essa hiper-habilidade é fascinante.

"Tenho certeza de que está tudo bem", suspira Blair, sem ânimo.

Lenny se vira muito lentamente em direção à pessoa que está protegendo. Ao fazê-lo, seus olhos castanhos pousam mais uma vez na Morte. Se seu coração estivesse batendo, teria parado por um instante.

—Uau. —O dono do hipermercado apoia o queixo na colcha e olha para Blair, alheio ao que Mara acabou de sentir—. Você está reconhecendo a força Paedyn, qual foi a sua capacidade de sobreviver a essa provação?

Ela olha para ele com uma expressão de desagrado.

—Não. Só estou dizendo que ela sempre consegue o que quer.

"Vamos lá, Blair." Lenny olha para ela com tédio. "O pai dela morreu. Ela teve que sobreviver sozinha nas ruas."

—Exatamente — ela responde, talvez mais apressadamente do que o necessário. — Eu era livre. Eu podia fazer o que quisesse. E um dia ela se infiltra nas Provas de Expurgo, aquelas para as quais o resto de nós treinou a vida inteira. E não só isso. —Ela ri amargamente—. Não, ela consegue sobreviver apesar de ser uma plebeia. Ela se destacou nas Provas. Ela se envolveu com os dois príncipes. Então descobriram que ela era uma traidora; ela matou o rei e fugiu. —As palavras jorram de sua boca como se uma represa tivesse se rompido—. E foi aí que eu pensei que ela não ia se safar, e suponho que todos pensaram o mesmo. —Blair solta uma risada sem humor—. Mas veja onde chegamos. Paedyn Gray agora é a noiva do rei.

Sim, a Morte quer conhecer aquela mulher.

"É por isso que você sempre a odiou?", pergunta Lenny, cautelosamente.

Blair suspira.

—Eu o invejo, tá bem? Ele é livre. —As palavras soam Vazio—. E é exatamente assim que minha mãe gostaria que eu fosse. Exceto pela parte vulgar, é claro.

O homem imperial balança a cabeça negativamente.

—Que... humano da sua parte.

Lenny aproveita a oportunidade para observar atentamente a mulher à sua frente. Mara o vê absorvendo a blusa simples de Blair, suas calças justas, a expressão intimidadora em seu rosto. E ela também vê o momento em que Ele entende que, por baixo dessa fachada, pode haver algo frágil.

Blair subitamente percebe o quão longe foi com sua honestidade e se recolhe, voltando para sua casca insensível.

—Cala a boca, cenourinha.

“Você exala bondade”, comenta Lenny com carinho. Ele retoma casualmente a dinâmica da conversa e se inclina sobre a cama para tocar a lombada do livro. “Ei, o que… Você lê?

A Morte também quer saber, mas parece que terá que encontrar outra cópia se quiser saber o final.

"O que isso te importa?", retrucou Blair.

—Que título interessante.

"Chega." Ele fecha o livro com força, e o gesto é ainda mais teatral porque ele não estava lendo. "Estou indo embora."

Lenny observa-a enquanto ela se afasta do abraço acolhedor da cama.

Onde você está indo?

"Para Saqueo", ela o informa. "Estou farta deste quarto. E de você."

A Morte a segue com curiosidade. Ela se inclina sobre o ombro de Blair enquanto ela se aproxima da lareira. Não há nada de extraordinário nela; está apagada, fria. A televisão foca na laje de pedra lisa ao fundo, que range ao ser movida para revelar uma entrada escura.

Lenny olha com espanto. a passagem estreita.

"Vamos lá", ele murmura. "É assim que você escapa daqui?"

A morte se aproxima cada vez mais. O túnel é tão estreito que a pequena escada em espiral que desce para a escuridão total mal passa. Lenny enfia a cabeça pela abertura para olhar para baixo, e a expressão no rosto de Blair indica que a ideia de empurrá-lo lhe passou pela cabeça.

"Sim", admite a TV a contragosto. "A escadaria leva aos túneis sob o castelo. Quase todos os cômodos grandes têm passagens secretas que eram usadas para fuga em tempos de necessidade, quando Ilya era fraco e sempre à beira de ser derrotado por seus inimigos", diz ela com desdém. "Agora, assim como os túneis, elas raramente são usadas."

Lenny acena com a cabeça muito lentamente.

—E como é que…?

Blair suspira como se não adorasse provar que sabe mais do que ele.

"Esta é a chaminé." Ele aponta para a abertura atrás da chaminé. "É grande o suficiente para acomodar todas as chaminés do castelo. Os cômodos adjacentes também têm acesso a esta escada, e ela fica fechada até chegar ao túnel."

O imperial Coloque a cabeça para fora.

"Apesar do tom condescendente, a informação é muito valiosa", murmurou ele. "Obrigado."

Isso mesmo. A Morte apreciou bastante a lição. Ela gosta de continuar aprendendo coisas novas, apesar da idade avançada (que ela não admite, é claro, porque é uma dama).

"Ei", continuou Lenny, cruzando os braços sobre o uniforme amarrotado. "Como você descobriu? Eu já sabia disso no..." O castelo tinha passagens secretas, todos sabem disso . O que ninguém sabe mais é onde fica metade delas.

"Meu pai me contou", respondeu Blair secamente . "Ele é o general, então conhece as rotas de fuga do castelo."

"Seu pai te ensinou como entrar e sair sem ser visto?" Lenny abre aquele sorriso infantil que Mara acha adorável... embora a temível Morte não devesse. Pensando nesses termos, claro. Ele tem uma reputação a zelar. Eu não sabia que ele te dava tanta liberdade.

"Porque ele não vai me dar", responde a TV agressivamente. "Mas até ele percebeu que precisava de uma rota de fuga de vez em quando."

Isso acalma os ânimos do imperialista.

—Fugir da sua mãe?

Blair lança-lhe um olhar assassino, à beira daquele momento irreversível. Ela não sabe. Não seria digno de dizer mais nada, mas, em vez disso, pega uma lanterna da lareira e, com um sorriso arrogante que se esforça para esboçar, inclina-se para entrar na passagem escura.

"Blair!" Lenny corre atrás dela. "Você não pode ir embora."

A resposta distante chega até ele com um eco.

—Vamos ver como você me impede, cenourinha.

Mara vê o homem imperial olhar para o teto, como se fosse alguém. Ore por força.

"Está bem", diz ele finalmente. "Então eu vou com você."

"Que a peste me ajude", ela murmura.

—Eu ouvi você.

-Eu sei.

As vozes se dissipam na escuridão, e a Morte fica sozinha. Essa aventura a intriga, mas ela não vê necessidade de acompanhá-los. Ela já fez essa jornada uma vez e, se não fosse pelo fato de já estar morta, talvez não tivesse sobrevivido às contendas. constantes.

Não, a Morte os encontrará quando partirem. É o poder encarnado (metaforicamente falando), pulsante (outra metáfora). Fora de Mors, ela tem suas limitações, mas uma simples dobra no espaço e no tempo será suficiente para que ela apareça ao lado de um par de almas que não param de discutir, e isso não lhe custará nada.

Mara decide passar o tempo que não vai gastar caminhando na festa. Ao contrário da crença popular, a Morte é capaz de se divertir. Não é incomum vê-la entre as árvores de Mors, trocando fofocas sobre os vivos por fofocas sobre as almas.

Mas esta noite, Mara precisa ser discreta. Ela nunca imaginou que chegaria o momento em que não gostaria de ser vista. No momento, o rei sabe mais sobre ela do que qualquer outro ser vivo, e está horrorizado com o quão estimulante isso é. É apenas a ideia. Então, infelizmente, é melhor evitá-la até que eu tenha um plano melhor.

Essa é a coisa mais razoável a se fazer.

Mara entra no salão de baile e imediatamente percebe que não está vestida adequadamente para a ocasião. Em meio a tantas roupas luxuosas, seu manto escuro parece simples demais, gasto demais. A morte não tem nada contra sedas e rendas, assim como... É óbvio. Ela é uma mulher que aprecia coisas belas. Mas sua profissão exige um certo grau de monotonia. As pessoas não a levariam a sério se ela estivesse vestida de rosa.

Zumbir.

Talvez seja por isso que ela deva se vestir de forma mais feminina. Mara já acumula uma ampla gama de expressões incrédulas e piadas insultuosas da maioria dos homens que leva para Mors, mas A expressão de horror que surge no final, geralmente quando aceitam que, droga, sim, é a Morte, faz a espera valer a pena. E uma vestimenta mais delicada tornaria o momento ainda mais impactante.

É um alívio que ninguém a veja em meio a todas as joias brilhantes e vestidos deslumbrantes, pois seu traje sóbrio certamente chamaria a atenção de todos. Mas há alguém que ela sem dúvida reconheceria. o rosto da Morte (e novamente ele se surpreende com o quão estimulante isso é), e que alguém está sentado no trono, rígido, na outra extremidade do salão de baile.

Kitt Azer é um homem de hábitos, e Mara está começando a perceber isso. Ele é o rei, mas prefere seu cargo a se exibir perante a corte. Seu rosto permanece impassível, algo surpreendente em alguém tão expressivo, mas sem dúvida devido à ... A visita esperada da morte. Certamente a mente do rei está a mil por hora por trás daqueles olhos verdes, e Mara precisa evitar seu olhar a noite toda.

(E ela acha curioso o quão frustrante isso é para ela).

Mara desliza ao longo do perímetro da sala, rente às paredes. Ela ouve risadas por toda parte, vindas daqueles que parecem convencidos de que Paedyn Gray vai... Fracassar de forma espetacular. A Morte não conhece a mulher de quem estão falando, mas isso a irrita. Se a subestimam, é porque já têm muito em comum.

Então Mara espera. Parece que Paedyn vale a pena. E quando as grandes portas se abrem de repente , todos se voltam para aquele que subestimaram .

Paedyn Gray entra, ensanguentado, triunfante.

Diversos Mechas de cabelo grisalho estão manchadas de vermelho, e a pele suja e cheia de cortes aparece por baixo das roupas rasgadas.

Uma coroa quebrada é colocada na cabeça.

A futura rainha, a desprezada diante de quem todos se curvarão.

Mara estava enganada. Ela a conhece sim.

Durante os Testes de Expurgo, ele sofreu um ferimento no abdômen.

A morte estava lá.

Nas brasas, exaustão. Quase me fez perder a consciência.

A morte estava lá.

Em um esgoto escuro e alagado, ele quase perdeu a esperança e quase se afogou.

A morte estava lá.

Essa alma conhece o desastre intimamente.

Mara já esteve ao lado dela tantas vezes que perdeu a conta. Mas a mulher sempre conseguiu se recuperar.

É espantoso. A morte começou. Temer o dia em que essa alma perca o equilíbrio na corda bamba em que caminhou por tanto tempo.

E agora ele deu um nome a isso.

Paedyn Gray, a alma mais esquiva.

Brilha com uma luz prateada no peito, reluzindo como seus cabelos, agora manchados de sangue.

Pura. Intensa.

Cada alma conta uma história, e a dela transborda perseverança.

Mara observa-a caminhar em direção ao rei.

Sim, ela está ansiosa para ver Paedyn Gray novamente.

Nesta vida e na próxima.



CAPÍTULO 10

Mara

Lenny não percebe a presença repentina da Morte ao seu lado nas pedras irregulares da Rua da Pilhagem.

Mara está um pouco desapontada (ela esperava que ele notasse), mas não surpresa. Infelizmente, o oficial imperial está muito absorto na televisão que está assistindo e na maneira como Blair está observando os bairros. Baixo, iluminado pela lua, enquanto uma expressão de desdém aparece em seu olhar impassível.

Isso não agrada muito ao Lenny.

"Se você odeia tanto as favelas", diz ele secamente, "por que quis vir para cá?"

Blair lança-lhe um olhar de desgosto.

—Eu não odeio esses bairros.

"Ah, é mesmo?" zombou o imperador. "Qualquer um pensaria isso só de olhar para você."

-Ele "Eu fingi que odiava isso", ela o interrompe. "Mas a verdade é que estou com raiva por nunca ter tido nada parecido antes."

"Assim?" Lenny gesticula em direção à rua lotada de pessoas indo e vindo. "Blair, aquelas pessoas dariam tudo para ter o que você teve."

Mara, que sabe muitas coisas e sente ainda mais, não poderia concordar mais.

—Você acha que eu não sei? —As palavras são silenciosas. Por mais amarga que ela finja ser... E, no entanto, eu mudaria tudo para poder viver como quero, amar quem eu quiser . Mas não posso, e não quero, porque estou presa.

O homem imperial a encara. A Morte, ao lado dele, também.

—Blair…

De repente, uma figura ameaçadora para diante deles e bloqueia seu caminho.

O homem não é mais velho que Lenny, embora isso seja óbvio. Qual dos dois foi agraciado com um físico imponente... na humilde opinião de Mara. Seus ombros largos se elevam a cada respiração, e seus músculos se tensionam sob as vestes e o manto negros. O luar reflete em suas maçãs do rosto proeminentes, realçando a cicatriz que cruza seus

lábios. Seus cabelos negros e ondulados têm mechas prateadas. E a Morte observa com interesse. em que cada um dos braços do homem é tão grande quanto uma das pernas dela.

Lenny pigarreia, talvez com a intenção de confrontar o imperialista. Mas Blair se antecipa e dirige-se a ele com uma expressão entediada:

—Podemos ajudar?

—Sim. —A voz grave do estranho é como uma lufada de ar gélido—. Eu estava procurando por você, Blair Archer .

"Caramba, até a voz é ótima", murmura Lenny, atônito.

A Morte franze os lábios, embora ninguém veja o gesto. Por curiosidade, ela lança um olhar para a alma do homem. O que ela percebe é um laranja surpreendentemente opaco.

Blair não parece minimamente impressionada, então o imperialista se esforça ao máximo para imitá-la.

"Olha", começou Lenny, "você parece ser um cara legal, mas estamos com um pouco de pressa. Então, se você não se importar..."

De repente, um Uma força invisível o arremessa para o lado.

Mara franze a testa, surpresa (uma rara demonstração de emoção da parte dela).

Lenny cambaleia e quase perde o equilíbrio.

"Eu não vim por sua causa", diz o homem.

Parece que é mais uma TV. As coisas estão ficando interessantes.

Blair mantém-se firme, com sua habitual expressão condescendente.

—Se você quer ganhar dinheiro, sugiro que roube. para os outros.

"Não é dinheiro." A figura ameaçadora do homem paira sobre ela. "Mas há uma dívida a pagar."

"Blair", avisa Lenny enquanto se apressa para voltar para o lado dela. "Não faça nada..."

—E o que você vai fazer a respeito?

—…estupidez— conclui o homem imperial, pouco convencido.

O desprezo de Blair faz as narinas do estranho dilatarem. Por um instante, seu Olhos escuros parecem penetrar a alma turbulenta da mulher. E, naquele breve instante, a Morte pensa que talvez ela se vire e vá embora.

Então ele ouve um suspiro abafado.

Mara volta seu olhar para Blair e vê que ela ainda mantém a mesma atitude impassível. Mas ela está ficando mais pálida e seus olhos se enchem de lágrimas.

Lenny engole em seco.

—Blair?

Blair coloca a mão em sua garganta, enquanto um suspiro horrível escapa de seus lábios.

O estranho está sufocando-a.

E, no entanto, ela se recusa a parar de olhar nos olhos dele.

Em seu peito, onde deveria haver uma batida cardíaca, a Morte sente o zumbido do fio da vida prestes a se romper. Ela se sente atraída por Blair, como sempre acontece quando está perto de uma alma em perigo. Entre elas, um laço está se formando. um vínculo tangível e definitivo.

"Blair!" Lenny a sacode pelos ombros. Então se vira para o homem. "Por que você está fazendo isso com ela?" grita desesperadamente. "Solte-a!"

Um único pensamento do estranho arremessa Lenny a vários metros de distância, fazendo-o se chocar contra a carroça de um mercador. Ele pragueja enquanto cai sobre os tecidos abertos e rola pelo chão. Com um grunhido, o imperial se recosta. sobre as pedras da calçada, levantar-se e adotar uma postura um pouco mais digna.

Ele se enrijece ao ouvir um grito rouco.

Mara se vira e vê Blair flutuando a um metro do chão, tentando resistir ao poder do outro teletransportador.

"Você a matou", diz o homem, com a mão estendida à sua frente enquanto encara o corpo suspenso de Blair. "Você usou esse mesmo poder para perfurá-la pelas costas." Com um galho. Por trás!

Hum. Ele também quer vingar o assassinato de seu misterioso amigo.

Lenny se aproxima mancando. A Morte não tem muita certeza de como pode ajudar; na verdade, o Imperial parece estar pensando a mesma coisa, mas não desiste.

"Por sua causa, ela se foi", o homem sussurra, ofegante. E, apesar da escuridão, a dor que o consome é evidente; reflete-se em seu olhar vazio. com a voz trêmula.

Eu não apenas conhecia aquela mulher. Eu a amava.

Finalmente, a situação faz sentido para Mara. O amor é o maior perigo que alguém pode enfrentar. Cedo ou tarde, aqueles que você ama escaparão por entre seus dedos.

A morte não é pessimista, mas já viu muita coisa.

É a vingança, esse flagelo inevitável, que leva o estranho a atirar a assassina de sua amada contra a parede de um prédio em ruínas.

—Blair!

Ela não se move ao ouvir o grito de Lenny, que corre em sua direção o mais rápido que pode. A morte o segue, e o teletransportador, que faz o mesmo, saca uma pequena faca do cinto. O imperial é impotente para deter o estranho vingativo enquanto a arma corta o ar e perfura a densa escuridão.

Um batimento cardíaco depois (Mara supõe), A lâmina perfura o ombro de Blair, logo abaixo da marca de nascença escondida sob suas vestes. (A Morte só sabe desse detalhe íntimo porque, na noite anterior, flagrou Lenny olhando para a marca.) Em sua pressa para alcançá-la, o Imperial tropeça e derrapa até parar ao lado do corpo caído. Blair se contorce de dor; seu rosto pálido está coberto de cortes. e hematomas.

Lenny se ajoelha ao lado dela.

Ela jaz encostada na parede, fraca, mas ainda viva. O vínculo entre a Morte e ela ainda está incompleto.

"Você está bem", Lenny tenta tranquilizá-la; ou talvez esteja dizendo isso para si mesmo. "Você está indo embora..."

O clangor do aço atrás dele interrompe as palavras do oficial imperial. O forasteiro desembainhou uma espada.

—Você a matou —ele rosna—. E agora eu vou te matar.

-Não!

Lenny se levanta; a julgar por sua aparência, ele está pronto para atacar o imponente adversário.

Talvez a conexão entre suas almas não seja tão absurda, afinal, admite a Morte a contragosto. A hipermorte parece determinada a arriscar a própria vida por aquele a quem chama de "tele-tirano ". Apesar da relutância, ela acha isso fascinante.

O estranho Ele levanta a mão com a intenção de derrubar Lenny.

O imperador se prepara para o impacto de mais um empurrão mental… que não ocorre.

Pelo contrário, é a televisão que é atirada para trás.

O punho da espada o atinge abaixo do olho com força suficiente para causar um hematoma. Mara o vê desabar com um baque surdo. O corpo enorme é vislumbrado na escuridão. deitada sobre as pedras da calçada.

Lenny olha para as próprias mãos, admirado.

"Fui eu, seu idiota", Blair exclamou, limpando o sangue do nariz.

"Claro." Lenny se agacha ao lado dela. "Claro que foi você."

Blair não tem forças para revirar os olhos, mas é evidente que gostaria. Ela respira fundo e grita com a TV, que está se elevando do chão.

—Isso fica entre nós dois. Deixe a cenoura em paz.

Os saltos imperiais.

—Isso quase me emocionou…

"Cale a boca", rosnou Blair com voz rouca.

Eles formam um casal muito interessante.

Lenny obedece e aperta os lábios enquanto a ajuda a encontrar uma posição mais confortável. A televisão imediatamente volta a focar neles. Mara encosta-se na parede; ela encontrou O ponto de vista perfeito para continuar observando o caos. E ainda é possível que seus serviços sejam necessários.

Os olhos do estranho estão cheios de lágrimas, mas seu olhar fixo em Blair não vacila.

—Se esse for o seu último desejo, que assim seja.

O luar reflete no aço da espada, que brilha enquanto descreve um arco acima deles.

Blair não se mexe, apenas encara o rosto. de vingança.

A morte sente o chamado da sua linha vital. Mors acolherá de bom grado uma nova alma.

Mas é o imperador, enfraquecido como está e alvo inevitável de todo o ridículo, que se interpõe no caminho da espada que cai.

"Saiam daí!" gritou o estranho, mal conseguindo desviar o aço. Lenny, com os olhos ainda fechados, quase... Ele se sentou sobre Blair numa tentativa desconcertante de protegê-la. Abre os olhos lentamente para encarar o homem enfurecido. A ponta reluzente da espada agora aponta, sem hesitação, para o coração do imperial .

"Eu já te disse", resmungou o homem, frustrado, "para sair dali."

"Não." Lenny engoliu em seco. "A morte seria misericordiosa demais para ela."

Mara inclina a cabeça. Será possível? Excessivamente benevolente?

Mas ela não se detém muito nisso. Ela está muito satisfeita por ter sido incluída na conversa.

“Você quer que ela sofra, assim como você sofre”, acrescentou apressadamente o homem imperial. “E assim será. Droga, ela tem que me aturar todos os dias.” O homem não baixou a espada. “Se você a matar, a libertará de uma vida que ela detesta. Além disso”, ofegou ele, “eu nunca conheci Adena pessoalmente, Mas acho que ele não teria gostado se você matasse alguém em nome dele.

"Adena".

A Morte se lembra do nome de cada alma que ceifou, então agora ela sabe sem dúvida de quem estão falando.

Mara se lembra de erguer sua alma vibrante da areia ensanguentada. Adena estava muito quieta; algo que, a julgar por sua aparência, não devia ser comum quando ela ainda estava viva. Mas a O detalhe mais inesquecível foi que não senti medo algum. Como se essa paz recém-descoberta fosse um alívio.

"Deixe Blair viver", murmurou o homem imperial, com o olhar fixo no corpulento homem. "Você não poderia lhe causar mais dor."

Um longo momento de silêncio.

A morte se lembra com carinho daquela alma alegre.

De repente, um clarão de aço. A espada se afasta do pescoço de Lenny.

"Por Adena", diz o estranho em um sussurro.

E desaparece na noite.



Lenny está em melhor forma do que a Morte pensava.

Ele carrega Blair nos braços sem o menor sinal de cansaço, com um ombro estendido para apoiar a cabeça dela, que está caída.

-Quase "Chegamos", murmurou ele.

"Para onde vamos, Lenny?" A pergunta na TV soa mais como um balbucio do que um desafio.

"O quê? Nada de apelidos ofensivos?" Ela acelera o passo (a Morte é obrigada a fazer o mesmo) e o movimento sacode o corpo da garota de um lado para o outro. "Você está em pior estado do que eu pensava."

"Para onde você está me levando?", insiste Blair, com um tom mais ácido em suas palavras.

Mara, que Ele se faz a mesma pergunta, olhando para Lenny com expectativa.

—Para minha casa.

"Você quer dizer", Blair perguntou, com a voz rouca, "que você vive com um bando de imperiais suados por sua própria vontade?"

A morte vira a esquina atrás deles.

—Vale a pena aturar os imperiais suados para desfrutar do luxo de viver em um castelo.

A resposta ríspida de Blair carrega consigo todo o desprezo. que conseguiu reunir.

—Sim, mas você tem hora para dormir. Eles também te colocam na cama quando você vai dormir?

—Você está zombando de mim, mas eu não me importaria de ser colocado na cama todas as noites.

"Quem dera..." Blair murmurou.

Eles viram a próxima esquina e…

A morte para abruptamente. Em uma vida anterior, seu coração teria quase saltado pela boca.

Mara examina com os olhos o Árvores retorcidas cercam a casa dilapidada. Os galhos se entrelaçam como num abraço infinito.

É um pedaço de terra que a Morte vem evitando desde que retornou a Ilya. Há muito tempo, as árvores se erguiam altas e frondosas, seus galhos parecendo tocar o céu. Agora, elas se curvam e se retorcem sob o peso do tempo e dos horrores que testemunharam.

Por sorte, a casa de aparência frágil para a qual Lenny está se dirigindo não lhe é familiar.

Mara se força a continuar caminhando até parar em frente à porta antiga. O degrau da entrada está marcado com um monte de areia.

A morte se recusa a sentir qualquer coisa. Que é exatamente o que os vivos esperam de um ser tão detestável quanto ela.

—De quem é esta casa?

O imperial Responda à pergunta de Blair educadamente.

"Agora é meu. Minha mãe e eu morávamos aqui." Ela desce da frente da TV até que seus pés estejam no chão. "Você pode esperar um instante?"

—Sim, cenourinha, eu sei como ficar de pé.

—Vejo que você está se sentindo um pouco melhor agora.

Lenny puxa um cordão rosa desbotado que pendia de seu pescoço. Mara percebe, consternada, que não havia notado. A fechadura deixava entrever um pouco a gola do uniforme. Dela pendia uma chave de ferro decorada com intrincadas espirais de metal. Ele a inseriu apressadamente na fechadura e, em seguida, empurrou a porta com o ombro.

—Lar, doce lar. —Lenny suspira.

Ele tenta passar o braço em volta de Blair.

"Nem pense nisso", ela interrompe. "Não preciso da sua ajuda."

O imperial se afasta com o Mãos ao alto.

-Você mesmo.

A TV levanta o queixo, orgulhosa. O gesto deve deixá-la tonta, porque quase desaba contra o batente da porta.

Lenny pigarreia.

—Tem certeza de que não precisa de…?

"Me coloque lá dentro", responde Blair, irritado.

Instantaneamente, Lenny envolve a cintura dela com um braço hesitante. Blair se apoia nele enquanto entram no que estava sendo... Muito espaçoso, poderia ser chamado de lar. Na realidade, é pouco mais que um barraco com telhado de ripas e sem mobília.

Mara examina o espaço pouco iluminado e sente um lampejo de alívio.

Não há vestígios do passado.

"Onde está sua mãe agora?", pergunta Blair enquanto se deita cuidadosamente em um catre no chão.

Lenny estremece visivelmente.

"Acho desconfortável pensar nela como minha mãe. Soa tão frio, tão formal..."

—É verdade — responde ela, secamente. — Nem todo mundo tem a sorte de ter uma mãe.

"Verdade." Ele acena lentamente com a cabeça. "Suponho que tive muita sorte. De qualquer forma, Mãe está em Dor agora. Ela ajuda as elites cujos poderes são muito fracos para que estejam seguras em Ilya. Porque elas têm vários ancestrais." vulgar — ele esclarece.

A morte adora ouvir falar de elites e do povo comum. Isso a diverte muito, como se ela fosse a única a rir de uma piada que não precisa ser contada.

A garota permanece sentada com um olhar vago. Lenny vasculha uma pilha de roupas ao lado dela no catre.

—Você não tem nada quebrado, tem? Porque imagino que, se tivesse, você seria ainda menos amigável.

-Não, Não tenho nada quebrado.

Hum. Mara está um pouco decepcionada com uma resposta tão neutra. Aliás, agora que ela olha para a TV, parece derrotada. Se a Morte tivesse que adivinhar um motivo (o que, claro, ela fará), diria que Blair Archer não está acostumada à dor. Ela não deixa ninguém chegar perto o suficiente para machucá-la. Essa habilidade emprestada é a única defesa que ela conhece. E se isso lhe for tirado, ela se sente fraca. Ou, na verdade, ela se sente ela mesma, como deveria ser.

"Ótimo", disse Lenny, aliviado. "Vou te enfaixar até que possamos chamar um curandeiro discretamente para o seu quarto. Não sei bem como vamos conseguir, mas..."

"Você se importaria de pensar em tudo isso em silêncio?", Blair cospe entre dentes cerrados. "Porque você vai me deixar louca."

—Ah, sim. Vamos começar por aí.

Ele não parece se incomodar com as palavras ofensivas, o que só serve para enfurecer ainda mais Blair.

Lenny toca a testa com os dedos e a TV dá um pulo.

—Que diabos você está fazendo?

"Estou tentando ajudar", diz ela suavemente. Timidamente, ela afasta uma mecha de cabelo emaranhada dos olhos dele. "Melhor assim. Agora consigo ver o corte que você tem na têmpora."

Mara senta-se no catre lotado. Parece que eles vão ficar ali por um bom tempo.

"Por que você está me ajudando?", Blair quer saber.

Lenny arranca uma tira de tecido da pilha de roupas descartadas.

"Além do fato de ser minha missão?" Ele fixa o olhar em Blair, que o encara com raiva. "Por que você não confrontou aquele teletransportador?"

A morte consegue ouvir claramente Blair rangendo os dentes.

—Sim, eu fiz.

— Não — corrigiu o homem imperial. — Na verdade, não. Eu estava ouvindo seu batimento cardíaco, e ele apenas diminuiu um pouco, como se... como se você...

"Eu teria aceitado meu destino", concluiu Blair abruptamente, mas com voz firme. "Esta é a segunda pessoa que me quer morta pelo que fiz na Arena. Talvez seja hora de admitir que ela tem razão."

Lenny olha para ela, sem palavras. A lua espreita pelas frestas do telhado, sua luz tênue banhando seu rosto. Sua expressão merece ser analisada, dissecada camada por camada para revelar cada emoção. Mas nem mesmo Mara sabe o que está pensando e sentindo... ou o que não está.

"Você vai ficar aí até eu morrer sangrando?", pergunta Blair, cutucando-o.

A dureza dessas palavras cobra seu preço do imperial. e o desperta de seu devaneio.

-Desculpe.

Ele pigarreia e então aproxima o pedaço de pano da testa de Blair.

"Isso é areia?" O nojo é evidente em seu semblante.

—Ah, sim. —Ela enrola a bandagem improvisada em volta da cabeça dele e depois a amarra em cima do cabelo—. Voltei recentemente de Las Brasas.

-Que?

—Eu fazia parte do grupo de resistência que fracassou — explica ele, indiferentemente.— Eu até resgatei Pae do carrasco e levei as duas para Dor. Mas elas desapareceram do acampamento. Que confusão. —Ela suspira—. Na verdade, foi por isso que voltei para Ilya. Minha intenção era tirar Paedyn do reino, até descobrir que Kitt não tinha intenção de matá-la.

Hum. A morte não esperava por essa. Ao longo dos anos, ela já ceifou muitos mártires e radicais, pessoas sedentas por justiça. Mas Lenny não é como eles. Não, ele ainda é um menino bondoso, um luxo que as revoluções não podem se dar ao luxo de ter. A bondade geralmente não tem impacto suficiente para gerar mudanças, então a crueldade muitas vezes é justificada pelas melhores intenções.

O homem imperial pega novamente a túnica gasta para arrancar outra tira.

Blair encara o tecido coberto de areia.

—Essas são as roupas suadas que você estava usando no Brasas? —A voz está carregada de ameaça.

Lenny tem a audácia de cair na gargalhada.

—Estou lhe dizendo que fui membro da Resistência, e essa é a primeira coisa que você me pergunta?

“Não me importo que você seja um traidor”, diz ela. “Além disso, você é um hiperpervertido e seu melhor amigo é vulgar, então não me surpreende. O que eu não gosto é…” É como colocar um pano sujo sobre uma ferida aberta.

Lenny salta.

—Admito que não é o ideal, mas não tenho outras roupas.

—Estou com vontade de te estrangular.

"Não desperdice sua energia." Lenny se inclina para examinar um corte no antebraço dela. "Além disso"—ele lhe dá um sorriso, ao qual ela responde com um resmungo—"eu acabei de salvar sua vida."

Isso mesmo, ele tem.

A Morte percebe que isso é algo que Blair não aceita facilmente.

"Você estava falando sério?", ele pergunta com fingida indiferença. "Quando você disse a ele que me deixar viver era uma tortura pior que a morte."

Mara levanta a cabeça ao ver seu nome mencionado.

Lenny lança um olhar de soslaio para a garota que precisa proteger enquanto a luz do luar banha seu rosto pálido e sardento.

-É verdade?

Blair parece estar tendo problemas consigo mesma.

"Eu queria ser confeiteira", ela finalmente exclama.

Hum. A tarde trouxe mais uma descoberta inesperada. Ao contrário de Lenny, Blair parece frio e cruel demais para uma confissão tão íntima.

Lenny, num gesto de prudência, não ri.

-Que?

"Já que estamos admitindo as coisas", ela se força a dizer, "acho que você deveria saber disso..." Sempre quis ser confeiteira .

O príncipe imperial pisca, surpreso. Então, finalmente, uma risada inevitável escapa dele.

—Com licença. É que acho difícil imaginar você tentando fazer as pessoas se sentirem confortáveis e felizes.

"Bem, neste reino amaldiçoado e assolado pela peste, só existem três ou quatro profissões possíveis", responde ela, embora o veneno em sua voz tenha diminuído. "Quando eu era pequena, eu era confeiteira." Era o único aspecto da minha vida em que eu tinha algum controle. Cada quantidade, cada ingrediente... eu era quem decidia tudo.

A Morte a compreende perfeitamente. Em uma vida passada, ela também ansiava por controle. Agora, Mara está à mercê de Mors.

Lenny cuidadosamente enfaixa o corte escondido sob a manga rasgada da túnica.

—Então… —ele hesita, como se Blair estivesse prestes a interromper aquele momento de repentina vulnerabilidade—. Por que você não é confeiteiro(a)?

Blair expira lentamente.

“Minha mãe queria um filho. Um menino forte que um dia pudesse substituir meu pai como general.” Mara e a TV reviram os olhos ao mesmo tempo. “Então, desde o momento em que nasci, fui uma decepção para ela. Minha mãe sabia que teria que trabalhar o dobro.” Para assumir o cargo do meu pai, porque, por algum motivo, ser mulher é considerado uma desvantagem.

A Morte está começando a entender essa humana problemática... Ela pode até estar começando a gostar dela.

Lenny mantém o olhar fixo na garota que ele recebeu ordens para proteger, enquanto silenciosamente a incentiva a continuar se abrindo.

—Quando eu tinha quatro anos de idade—Blair continua, seriamente— Minha mãe me obrigava a treinar metade do dia. A única coisa que ela realmente gostava em mim era o meu poder, então ela me forçou a ser o que ela jamais poderia ser: uma megera arrogante, letal e cruel. Ou pelo menos é o que me disseram.

Os lábios do homem imperial esboçam um sorriso sombrio.

—Ambos temos o direito a um apelido ofensivo.

Blair lança-lhe um olhar gélido.

—Em todo caso, me modele Na criação perfeita que ela almejava, essa se tornou sua única missão. Ela me ensinou a ser intimidadora, a nunca demonstrar medo. A ver os príncipes como concorrentes, como um obstáculo a ser sempre superado. —Ela para, como se essa confissão espontânea a incomodasse—. E eu não conseguia evitar o ressentimento. Não porque minha mãe quisesse assim, mas porque eles tinham permissão para viver. Eles tinham Tanto poder, e ainda assim os garotos podiam ser apenas isso… garotos. —Ela belisca a pele da palma da mão—. Eu não tinha permissão para ter amigos, me divertir ou comer nada do que eu gostasse. Minha vida não era minha para viver. Então, quando me cansei de sempre engolir a mesma gororoba sem gosto, decidi fazer algo que eu pudesse controlar. Eu entrava sorrateiramente na cozinha e roubava temperos, frutas, qualquer coisa que eu conseguisse pegar.

"Eu estava me perguntando por que Gail te conhecia tão bem", murmura Lenny.

"Ela sabia que eu estava pegando coisas." A TV sorri ao se lembrar. "Mas ela nunca tentou me impedir. Talvez ela tenha percebido que era meu jeito de escapar da criança insensível que minha mãe me obrigava a ser. Mas então"—a voz fica mais fria—"o sargento me pegou."

"O sargento", repete Lenny. "Quer dizer, Sua mãe… Desculpe, sua mãe.

“Ela não suporta que eu a chame assim, e é por isso que eu faço isso”, explica Blair sem rodeios. “Além disso, combina perfeitamente com ela. Meu pai nunca me deu tantas ordens quanto ela. Então, quando ele descobriu que eu tinha um hobby que não me ajudava a me tornar general, decidiu que cozinhar era inútil e me ordenou que esquecesse isso para sempre. Para ela, meu único objetivo era continuar.” o legado da família.

Mais uma vez, a Morte sente uma pontada de compaixão.

Lenny se inclina para mais perto dela para ouvir com mais atenção. Mara fica surpresa por ele conseguir ficar em silêncio por tanto tempo.

“Naquele dia, propus um acordo a ele”, continuou Blair. “Se eu vencesse os Julgamentos do Expurgo e trouxesse mais honra à nossa família do que qualquer general, ele teria que me deixar…” "Vai." Ela olha para a pele irritada da palma da mão. "Já se passaram quatro anos, e eu investi cada dia em me tornar a versão mais cruel e letal de mim mesma que eu posso ser."

"Você tinha que vencer", murmurou o imperial. "Agora faz sentido. Mas... por que você simplesmente não fugiu?"

"Eu era muito jovem", responde ele. "Eu sabia que minha mãe me encontraria e cancelaria o acordo. Mas agora... não tenho mais nada a perder." —As palavras são secas e precisas—. Naqueles julgamentos, lutei pela minha vida. Se eu vencesse, não precisaria mais viver sob o controle do sargento nem sob as ordens do rei. Eu poderia recomeçar, ser quem eu quisesse, quem eu teria sido se minha mãe não tivesse me moldado dessa forma.

Infelizmente, é como se olhar no espelho, Mara entende. Sem nunca tê-la visto, aquela garota entende. para a Morte de uma forma muito mais íntima do que a maioria das pessoas. Porque ambos são consumidos por uma paixão da qual o destino zomba.

As palavras jorram incontrolavelmente e ameaçam afogar Blair.

"Quando matei aquela garota, Adena, pensei que valeria a pena a longo prazo. Eu ia vencer as Provas do Expurgo. Eu havia calculado minha pontuação e sabia que se terminasse..." O labirinto na primeira posição estaria livre.

Lenny abaixa a cabeça.

—Mas então a Resistência atacou.

Sim, Mara se lembra de ter reunido um mar de almas frágeis naquele estádio. Todas estavam bastante satisfeitas por terem morrido, ela recorda. Porque a maioria possuía aquela calma que vem de ter um propósito claro, uma esperança.

—E a sexta edição dos Julgamentos do Expurgo “Não houve vencedor”, murmura Blair. “Minha mãe se recusou a cumprir sua parte do acordo, então tudo foi em vão. Toda a ferocidade com que enfrentei o mundo, todo o sangue que derramei na arena…” Sua voz está tensa e estranha. “Aquela foi a primeira vez que matei de propósito. Eu realmente acreditava que era uma criminosa. Mas a morte de Adena nem sequer me deu uma vida própria. Então "Sim", ela explica calmamente, "o que você disse à TV era verdade."

Um silêncio constrangedor se instala entre eles.

Pela primeira vez, a Morte sente que talvez não devesse interferir num momento como esse.

O pálido luar que incide sobre a cena lança um tom prateado nos cílios de Lenny. Blair também percebeu, pois não consegue tirar os olhos dele. Já era hora.

—Bem? Não Você vai dizer alguma coisa? — ele finalmente exclama.

O cavaleiro imperial esboça um sorriso.

—“Eles nos fizeram assim.” Foi isso que você me disse sobre… bem, as vadias. Acho que finalmente entendi agora.

Ela olha para Blair como se a estivesse vendo pela primeira vez. Mara sente uma inveja silenciosa. Ela nunca havia recebido um olhar assim. Pelo menos, não nesta vida.

A TV acena com a cabeça em concordância. frieza.

"Fizeram a mesma coisa com a minha mãe. Como ela tinha pouca força, foi obrigada a se tornar forte. É por isso que ela me odeia, porque acha que eu quero desperdiçar minha força com meras paixões."

"Sinto muito", responde Lenny, com um semblante triste. "Sinto muito mesmo que você tenha passado por tudo isso."

Essas palavras lembram Blair de que ele precisa erguer novamente aquela fachada impenetrável. endireita-se de repente.

—Não preciso da sua pena.

“Não, você não precisa disso”, concorda ele. “É por isso que, em vez de pena, ofereço minha ajuda.” O imperial acena com a cabeça, com a mente em outro lugar. “Você vai escapar daqui, e não deixarei que minha reputação atrapalhe.”

"Mas..." A barreira de Blair desmorona novamente. "Você ia encontrar um jeito que não a fizesse parecer ainda mais..." fraco…

"Sim, agora me lembro, obrigada", Lenny a interrompe imediatamente. "Mas o ataque de mais cedo... Foi um lembrete." Ela engole em seco. "Chega de brincadeiras, hora de aceitar. Sempre serei frágil. Você tinha razão. Ninguém realmente acredita que eu possa te proteger."

As palavras são tingidas de um humor que a Morte tem certeza de que vem aperfeiçoando há anos. Ela certamente já... Ele usava esse tom para zombar de si mesmo antes que os outros pudessem, para se esconder atrás do humor. É um mecanismo muito triste, conclui Mara.

"Certo." Blair cruza os braços, o que o faz pular novamente. "Então eu vou te ensinar como ser poderoso."

O homem imperial acha isso muito divertido.

—Caramba, você está sendo legal comigo de novo? Aquela pancada na cabeça deve ter sido muito feia. forte.

—Se você quiser, posso provar isso usando seu próprio crânio.

"Olha," Lenny levanta as mãos em sinal de defesa, "eu agradeço a oferta, é muito gentil da parte dele, de verdade. Mas eu sou hiperativo. A palavra 'poderoso' não me define."

"Porque você depende unicamente da sua própria habilidade." A TV distorce as palavras. "O verdadeiro poder reside em como os outros o percebem. É puro teatro, ficção."

"E você?" perguntou o homem imperial com dificuldade. "A sua também é uma ficção?"

Blair, banhada pelo luar, levanta o queixo.

—A ficção é a única coisa que eu já conheci.
Sim, a Morte decide.
É como olhar-se no espelho.



CAPÍTULO 11
Kitt

Os potes formam uma fileira ao longo da borda da mesa.

Elas contêm uma mistura horrível de várias ervas que tenho que engolir a cada três horas. Eli, mais mal-humorado que o normal, mas tão insistente como sempre, prometeu-me uma boa bronca se eu voltasse e visse que as poções ainda estavam lá. Então, saiu do escritório, distraído. enquanto fazia anotações em um caderno.

Menos de 24 horas se passaram desde que Paed yn voltou do primeiro Teste com a coroa ensanguentada e os ferimentos visíveis.

Faz menos de 24 horas que bebi várias taças de champanhe enquanto a esperava, tentando silenciar o turbilhão de pensamentos na minha cabeça.

Menos de 24 horas se passaram desde que a Morte me mostrou a sua face e tocou meu corpo. alma exausta.

Esfrego meus olhos sonolentos. Quase não dormi na noite passada, absorta na ideia de que cada sombra poderia ser a da Morte. Mesmo agora, meus olhos vagam em direção ao estúdio, procurando por aquele cabelo castanho. Mas não pelo motivo que faria muitas pessoas ficarem em alerta, se perguntando se o que sentem na nuca é o olhar da Morte. O que torna Mara tão esquiva? É o medo do próprio destino. Algumas pessoas são obcecadas em descobri-lo antes que ele as encontre.

Mas o que me motiva não é o medo, mas a verdade.

Mal haviam se passado algumas horas desde que inspecionei o quarto da minha mãe pela primeira vez desde sua morte. Meu pai nem sequer me deixou chegar perto, como se minha mera presença pudesse macular sua memória. E talvez, por uma vez, sua crueldade fosse justificada. Porque foi a minha vida que causou a morte de Iris, tantos anos atrás.

O quarto estava exatamente como ela o havia deixado, embora coberto por uma espessa camada de poeira. O porta-joias na mesa de cabeceira não chamava a atenção, embora a possibilidade de encontrar um anel que um dia adornara o dedo da minha mãe, ou algum

pingente que ela usara, fosse tentadora. Pendurado pelo pescoço, ele me empurrou para que eu abrisse a tampa.

Mas as cartas de amor que encontrei lá dentro não estavam escritas com a caligrafia impetuosa do meu pai. Não, a tinta refletia traços suaves e uma devoção que Edric Azer seria incapaz de demonstrar.

Eu reconheceria essa caligrafia ondulada em qualquer lugar.

Minha mãe estava tendo um caso com o tenente do rei. Com meu elementos.

Até o menor rumor sobre a ilegitimidade de um herdeiro pode derrubar um reino. E se eu for um bastardo, meu verdadeiro pai é a única coisa que me separa do meu reinado.

Passo os dedos pela borda irregular da mesa.

Mara tem me evitado. E, considerando que ela é, na verdade, a Morte, isso deveria ser um alívio. Mas ontem à tarde, entre o quarto copo de Com o champanhe e o quinto copo, compreendi que a estranha ligação que tinha com a minha alma me podia ser útil.

A morte conhece os mortos... melhor do que ninguém.

Suspiro e retiro a coroa dourada. Seria estranho usá-la enquanto procuro o abridor de cartas de prata, meio escondido sob os pergaminhos espalhados. Não sei se o que estou prestes a fazer é corajoso, benéfico ou brutal. Em todo caso, é um ato de desespero, e talvez até mesmo uma loucura previsível.

Mas se os acessos de tosse que tanto me esforço para provocar não conseguirem atraí-la, vou precisar de algo mais convincente. Algo que se assemelhe mais à própria Morte.

Desembainho a lâmina fina. Ela está sem fio, o que me oferece um vislumbre de conforto; mas também torna mais difícil perfurar a pele.

Encosto a ponta no meu coração. Inspiro profundamente. Empurro-a até que perfure o tecido da minha túnica e pique a minha pele. Mais um pouco, e o sangue começa a fluir. O avanço da lâmina causa uma dor ardente…

-O que você está fazendo?

Mara chegou.

Consegui trazer a Morte das sombras.

Seu rosto inexpressivo contrasta com a urgência que transparece em sua voz. Como sempre, ela está vestida de preto: túnica, calças e capa. Os cabelos castanho-avermelhados que procurei por tanto tempo caem sobre o capuz puxado para trás.

—Invocando você—respondo com total sinceridade—. Eu não sabia se funcionaria.

"Se você invocar a Morte, eu responderei." Seus olhos se voltam para a mancha de sangue que escurece o tecido azul do meu manto. "Sua alma já está marcada. Preguem-na." Uma punhalada no coração é como um pedido para que eu a leve embora.

"Não estou tentando morrer", explico rapidamente. "Só queria chamar sua atenção."

—Você já o tem, já que está morrendo.

"Certo", respondo secamente, fingindo uma aceitação relutante, porque sei que é o que ele espera ouvir. Mas a verdade é muito pior: eu acredito nisso. Suspeito que a Morte saiba melhor. que ninguém sabe se a minha morte é iminente—. Então, por favor, antes que levem minha alma, me ajudem.

Um leve toque de surpresa cruza seu semblante.

—Você não tem medo de mim, tem?

Coloco cuidadosamente o abridor de cartas sobre a mesa, tomando cuidado para não sujar as anotações com sangue.

—Sua aparência não me assusta nem um pouco.

—Não. —Ele inclina a cabeça—. Não com essa aparência.

Não me aprofundo nos assuntos deles. palavras porque quero continuar sem sentir medo dela.

—Fugir da morte é desperdiçar sua vida—murmurei. —Prefiro encará-la de frente.

—Hum. —Ele pondera minhas palavras com grande interesse—. Você, Azer, é tão ousado quanto eu me lembrava.

"Então você se lembra dos Azer?" perguntei, imediatamente demonstrando interesse. "De todos eles?"

—Alguns mais do que outros. —Um lampejo de emoção cruza seu olhar—. Mas sim, eu me lembro de cada alma que arrastei para Mors.

—Os Mors. —Saboreio essa palavra estranha—. O que é?

—O lugar onde os mortos residem.

"Podem os vivos visitá-lo?" Essa pergunta me faz parecer o rei louco que um dia fui.

Um leve sorriso surge no canto de seus lábios.

—Mors não é um lugar que possa ser encontrado, conquistado ou cobiçado. Não. Faz parte deste plano de existência. A vida não pode entrar no território da morte.

Sustento o seu olhar.

—Mas será que eu poderia?

A expressão pacífica não muda.

—É por isso que você quer que eu te ajude?

"Preciso falar com a minha mãe." As palavras, carregadas de desespero, escapam dos meus lábios. "Preciso descobrir se alguma coisa é verdade, e ela é a única que pode." Diga-me. É essencial que eu fale com ela. Se eu puder ir a Mors…

—Iris Azer. —Fico em silêncio ao ouvir o nome. Mara o pronuncia como se fosse uma lembrança distante—. Faz pelo menos uma década desde a última vez que a vi —murmura ela calmamente—. Sua alma era uma das mais fáceis.

Sinto um nó na garganta.

—Deixe-me vê-la. Por favor.

A morte me encara por um longo tempo.

-Não Costumo conversar com os vivos sobre a vida que os espera após a morte.

"Então, o que você veio fazer?", perguntei, ofegante. "Por que você está em Ilya, me perseguindo? Afinal, eu ainda estou viva." Passei a mão pelos cabelos; o ferimento superficial no meu peito me fez estremecer. "Por que você está perdendo seu tempo com alguém cuja alma você ainda não pode levar consigo?"

Ele franze a testa; Uma ruga quase imperceptível, mas que representa uma fissura em sua fachada de estoicismo.

"A Morte não pode ter curiosidade sobre a vida? Não pode espioná-la?" Seu olhar se torna sombrio. "Só porque sou a Morte não significa que não sinto nada."

Fiquei surpreso com o remorso que suas palavras despertaram em mim.

—Desculpe. Eu não... eu não sei nada sobre a Morte. Sobre você. —Fecho os olhos e suspiro—. Não Não sei nada sobre você.

Mara me encara por tanto tempo que acabo sucumbindo a uma crise de tosse; uma tosse de verdade, não fingida. É quase como uma rouquidão, na verdade. Engulo em seco para aliviar a queimação na garganta antes que ela inflame.

O olhar da Morte se desvia de mim e repousa sobre a fileira de frascos na mesa.

—Esses remédios não vão te ajudar.

—Eu já imaginava.

—Você não pode enganar até a morte.

—Nunca me ocorreria tentar isso.

"É verdade", ele admite. "Mas eu poderia."

O coração, que já estava acelerado, dispara ainda mais.

-Que?

"Você teria que morrer. Temporariamente", acrescenta ele. "Como eu já lhe disse, só os mortos podem atravessar para o outro lado."

"E como você sabe que minha morte será apenas temporária?" Luto para dizer tamanha loucura em voz alta. "Você poderia me trazer..." voltar?

Mara entrelaça os dedos.

"Apesar da crença popular, não é minha responsabilidade decidir quem vai para Mors ou quando. Eu só os levo para lá quando a vida se cansa deles." Ele me lança um olhar de soslaio. "Sua hora chegará. Mas ainda não."

Levanto-me da cadeira; minha cabeça está girando.

—Então, como é que eu… morro?

"Eu posso parar seu coração", explica ele. "Agora mesmo." Sabe, te dar um empurrãozinho que te manda para o outro mundo. E te trazer de volta depois de alguns minutos. Mas, em Mors, o tempo não existe, então pode parecer uma eternidade para você.

As palavras parecem sem sentido; embora, afinal, eu esteja falando com a própria Morte. Ando de um lado para o outro no tapete gasto, traçando um caminho atrás da escrivaninha. Essa tentativa ultrapassa os atos de um rei louco, vai além de qualquer pensamento racional.

Trata-se da vida e da morte, e de caminhar na corda bamba entre as duas.

Mas eu arriscaria tudo para falar com minha mãe uma última vez.

"O que você precisa que eu faça?", perguntei, decidido.

Mara examina o chão com os olhos.

—Deite-se e deixe-me matar você.

Agradeço a franqueza. Embora pareça um pouco ameaçadora, passo pelas poltronas gastas e paro em frente à lareira acesa. Olhando para a Morte, me assusto ao vê-la bem atrás de mim. Ela continua tão inexpressiva como sempre, mas tenho a sensação de que sua paciência está começando a se esgotar.

Esse pensamento me obriga a deitar imediatamente no chão e observá-la enquanto Ela paira sobre mim. Quando falo, apenas um fio de voz sai de mim:

—Por que você está me ajudando?

Ele se ajoelha ao meu lado.

—Por curiosidade.

Quero fazer mais perguntas, mas as deixo de lado assim que sua mão toca meu peito. É um toque frio, mesmo através da túnica manchada de sangue. Não como a frescura da

chuva ou o frio das paredes de pedra no inverno, mas a ausência de Calor, não tanto uma sensação física, mas mais como a percepção de um vazio.

“Fora de Mors, não tenho tanto poder”, diz ele, e eu reprimo um arrepio. “Normalmente, permaneço no reino da Morte. Mas para falar com você, o vivo, cruzei para este plano.”

"O que você quer dizer?", perguntei, sem jeito.

Ele me olha com aqueles olhos que parecem absorver tudo de uma vez.

—Isso, por Para te acordar, preciso ficar aqui. Isso significa que você terá que explorar Mors por conta própria.

"Tudo bem." Engoli em seco. "Contanto que eu esteja vivo quando o baile acontecer."

Ele me dá as instruções finais.

"Quando você encontrar aquela que está procurando", diz ele, pronunciando as palavras com cuidado, "toque nela para que ela possa te ver."

Antes que meu coração comece a bater de forma irregular, eu já começo a... preocupado.

Está me deixando sem fôlego. Literalmente.

Que sensação estranha, perceber como a vida escapa por entre os dedos.

Solto um suspiro, mas a Morte pressiona meu peito com mais força.

O mundo fica desfocado e escurece nas bordas.

Meu coração está batendo cada vez mais devagar.

Tudo começa a desaparecer.

Sinto que estou à deriva…

Escuridão.



CAPÍTULO 12
Mara

Isso é irresponsável.

(Mas é muito divertido).

Mara permanece sentada ao lado do rei imóvel.

Ele o matou.

(Bem, por enquanto).

O poder pulsa sob a pele da Morte. Mors é a fonte da qual ela bebe; quando está longe dela, começa a secar.

Mas uma parte dela, talvez o coração que... Para sentir seu coração bater novamente, ele deseja acalmar o jovem Azer.

Uma irresponsabilidade, sem dúvida alguma.

Mara passa um dedo frio pelos nós dos dedos do rei. Depois, pela barba incipiente que lhe cobre as bochechas.

É uma sensação estranha. Aliás, é estranho ter qualquer sentimento.

A morte não toca nos vivos. Mas esta alma permanece num equilíbrio tão delicado…

Um sentimento começa a se agravar em Seu peito. Algo ainda mais perigoso do que ela mesma.

Ter esperança.

Mara vivenciou esse horror em primeira mão. É tão prazeroso que chega a ser doloroso. Água tão fria que queima. Fogo tão violento que consome. Amor tão grande que mata.

É assim que Kitt Azer se sente.

Como uma catástrofe desejável.



CAPÍTULO 13
Kitt

Acordo com um suspiro abafado.

Meu corpo está rígido. Nunca imaginei que estar morto pudesse ser tão desconfortável. Sinto como se tivesse caído através do chão do escritório e despencado em um mundo inferior.

"É assim que se sente quando a Morte te puxa na corda bamba?"

Contemplo o céu cinzento. Respiro com dificuldade. Uma névoa densa me envolve e delineia minha silhueta como um animal brincalhão com sua presa. A névoa úmida e instável transmite uma sensação de fome que acelera meu coração, que havia parado momentos antes.

O chão em que estou pisando está seco e rachado, e quando me apoio nele para ficar de pé, ele desmorona sob meus pés. Palmas das minhas mãos. Apenas sons abafados chegam aos meus ouvidos. Atordoado, baixo o olhar para a terra pálida e sigo com os olhos a rede de fendas que se abrem em todas as direções. Uma delas, com vários centímetros de largura, revela um vazio abissal sob sua borda.

Eu mereço. Minha curiosidade insaciável sempre foi uma das características que meu pai mais detestava em mim. Talvez seja por isso que agora... Eu me permito desfrutar disso.

Estendo a mão em direção à fenda neste mundo estranho.

"O que se esconde sob Mors? Outro território governado por alguma divindade impassível? Ou talvez…"

A terra treme sob meus pés.

A fenda que corta o chão cinzento se estende e se alarga, e eu dou um salto para trás. O chão cede e ressoa com um rugido gutural que consegue romper a barreira. por causa do zumbido nos meus ouvidos.

A impossibilidade do que está acontecendo me pega de surpresa e me paralisa por um instante. Escorrego e deslizo em direção à terra faminta que quer me devorar por completo. Vendo aquele vazio, aquele nada tentando me alcançar, um grito abafado escapa da minha

garganta. Cravo meus dedos na terra que se desfaz e, desesperada, tento sair do túmulo que é... Ela se abre sob meus pés.

Parece que Mors não reagiu bem à minha quase morte e se sente enganado.

Liberto-me da terra rachada e luto para ficar de pé. Caminho pela neblina, meus passos sincronizados com o ritmo do meu coração, e olho por cima do ombro.

Atrás de mim, o chão está afundando.

A destruição me persegue, eu a sinto em meus calcanhares. Eu grito, Não sei se devo invocar a Morte ou alguma outra divindade mais benevolente. Mas a terra anseia devorar minha alma, e se cravar seus dentes em mim, talvez eu jamais retorne à terra dos vivos.

Meus pulmões estão ardendo.

A terra racha sob meus pés, desmorona a cada passo que dou…

Eu esbarrei em algo denso, escondido atrás de uma parede de neblina.

Algo que cai no chão com um baque surdo. Eu faço o mesmo. Meu corpo todo dói, mas o pânico me faz rastejar para longe, minhas mãos se cravando no musgo pegajoso. Olho ao redor, frenética, esperando que a terra me engula por inteiro.

Mas é sólido e firme.

Balanço a cabeça, confuso, enquanto contemplo o manto de neblina que envolve esta terra estranha.

"Não entendo. Estava desmoronando. Estava me assombrando."

—O-olá?

Uma voz hesitante corta o ar empoeirado. Levanto os olhos e vejo uma mulher pequena semicerrando os olhos, como se tentasse enxergar através da neblina. Mechas de cabelo grisalho e emaranhado pendem soltas, como se tivessem sido arrancadas do couro cabeludo. As roupas esfarrapadas que cobrem seu corpo estão tão gastas que deixam grande parte de sua pele à mostra. sua pele enrugada.

Ele pigarreou, indeciso.

-Aqui.

A mulher fixa o olhar em mim, muito mais alerta do que eu esperava. Ao me ver, ela sorri com uma alegria descontrolada que revela gengivas escurecidas e dentes com espaços entre eles.

"Você consegue me ouvir?", ela sussurra, surpresa.

Levanto-me às pressas. Há uma fome em seu olhar que parece igualar a da terra faminta.

—Hum… Sim…

A mulher dá uma risada alta, um som cheio de loucura que me faz querer dar um passo para trás.

"Eu te vejo!" As palavras soam como uma melodia arrepiante. Ele estende mãos semelhantes a garras em minha direção, que se fecham no ar enquanto eu me afasto para evitá -las. "Você é minha única saída! Diga-me como sair daqui!"

—Não, você não entende…

"Me tirem daqui!" ela grita, e então insiste com uma voz cada vez mais... A cada vez mais alto e ensurdecedor: Tirem-me daqui! Tirem-me daqui! Tirem-me daqui!

Eu me viro com a intenção de escapar dessa nova e desconcertante calamidade.

Mas o que vejo, além da cortina de neblina, me faz hesitar.

O Mors está repleto de cadáveres. Centenas, milhares. Até onde a vista alcança, almas vagam sem rumo em todas as direções. Elas movem os lábios, Mas tudo o que ouço é um silêncio sepulcral. Alguns parecem emaciados; outros, perdidos; a maioria, histérica. Passam uns pelos outros como fantasmas, sem se verem nem se ouvirem.

É uma solidão eterna.

Estou sem fôlego, estupefato.

"Então é isto que me espera depois da morte."

Um par de dedos ossudos agarra meu bíceps e eu dou um pulo. A mulher enlouquecida. Ela crava suas unhas quebradiças na minha pele.

—Socorro! Leve-me com você!

Me liberto de seu aperto frágil e corro em direção à pilha de cadáveres.

"Não posso ajudá-la. Não posso."

Isso não impede a frágil mulher de me perseguir implacavelmente, acreditando que sou sua salvação. Escapar da velha deveria ser fácil, mas apenas um de nós precisa se preocupar em evitar as almas errantes.

Finalmente entendi que as instruções de Mara eram um aviso velado.

"Cuidado com quem você toca."

Com esse pensamento bem presente, abro caminho entre os cadáveres, cotovelos junto ao corpo. À minha frente, um enxame de almas errantes. Atrás de mim, uma velha senhora exuberante com uma agilidade surpreendente para a sua idade.

À medida que me aproximo dos mortos, descubro que A maioria deles se move com um propósito. Dezenas estão com água até os joelhos no pântano que se estende diante de nós; eles cavam na lama como se algum tesouro estivesse escondido ali. Outros procuram debaixo de cada pedra ou sobem para alcançar as árvores mirradas.

"O que os leva a explorar os Mors? Tédio... ou alguma crença?"

Eu desvio em direção a um grupo de árvores raquíticas. Acelero o passo ao ouvir gritos e súplicas ecoando atrás de mim. Cada suspiro me lembra o quanto negligenciei minha forma física enquanto Kai estava lá fora correndo atrás da minha noiva.

"Kai".

Estou fazendo tudo isso por ele. Antes de começarmos a construir um grande legado juntos, precisamos garantir que nenhum segredo possa nos privar disso.

Minhas botas afundam na lama. Preto e espesso. Observo os rostos ao meu redor. Embora nunca tenha conhecido minha mãe , vejo seu rosto claramente em minha mente. Talvez ela me visitasse em sonhos, ou talvez seja uma imagem criada a partir dos poucos retratos que meu pai me permitia ver de vez em quando. Procuro pela cabeleira loira, na esperança de descobrir, em meio à multidão, o azul de seus olhos.

Eu me apoio nisso. Descanso sob a primeira árvore seca que encontro. Sinto como se estivesse correndo e procurando em vão por Iris Azer há horas. O musgo pendurado em um galho retorcido faz cócegas na minha nuca. Mesmo assim, encosto a cabeça no tronco nodoso, desanimado.

"A Mara vai me tirar daqui a qualquer minuto e eu nem sequer encontrei..."

De repente, uma figura aparece ao meu lado.

Sou obrigada a recuar para evitar que nossos braços se toquem e ter que fugir de outra alma suplicante. Lentamente, levanto o olhar... e me deparo com uma versão endurecida, ressentida e sem vida de mim mesma, que me encara de volta.

Não é o Azer que eu esperava encontrar.

Meu pai contempla a árvore, alheio à minha presença. Ele tem olheiras profundas e escuras; seu cabelo O cabelo loiro que ambos compartilhamos está ficando ralo no topo, ou talvez eu nunca o tivesse visto sem a coroa. Seu olhar vagueia sem rumo entre os galhos. Ele é a imagem de um homem que perdeu a única coisa que o mantinha são: o poder.

Eu sei que não deveria. Mas desta vez o que me motiva não é uma curiosidade insaciável.

Estendo o braço e toco o ombro do meu pai.

"Quero que ele precise de mim, pelo menos uma vez."

Assim que retiro os dedos da camisa ensanguentada que ele vestia quando morreu, seus olhos verdes se fixam nos meus.

—Kitt?

—Olá, padre. —Faço um esforço para manter a voz calma.

Ele me estuda com um olhar penetrante, tão afiado quanto uma espada. Como fez a vida toda, meu pai procura por fraquezas que possa explorar.

"Você está morto? Tão cedo?" Ele balança a cabeça negativamente. "Eu sabia." Você era fraco demais para reinar.

Desta vez, recuso-me a deixar que a sua raiva me intimide.

—Não, padre. Eu não morri, estou apenas de visita.

Ele emite um som de resfolego que me parece familiar.

—Visitar? Que diabos você está falando?

—A morte, a mulher que te trouxe aqui, permitiu-me vir falar com a minha mãe—eu o informo.

E então, sua atitude muda completamente. De repente, ele percebe isso. útil.

"Íris", ele murmura. "Sim, ajude-me a encontrar Íris." Ele coloca as mãos trêmulas no tronco da árvore, o olhar cada vez mais selvagem. "Aqui. Ela tem que estar aqui. Eu ouço a voz dela... na árvore."

Encaro-o, sem palavras. Meu pai sempre teve um humor afiado e cruel... Nada parecido com a mente confusa e arruinada que vejo diante de mim agora. Não há dúvida de que a Morte Isso transforma as pessoas.

"Me ajude a tirar sua mãe daqui." Apesar da histeria, há uma autoridade familiar em seu tom que o aproxima de seu antigo eu. "E então poderemos ir para casa. Você nos levará para casa."

O olhar gélido que lanço ao homem que um dia desejei agradar é ao mesmo tempo desconfortável e catártico.

—Diga-me que você precisa da minha ajuda.

Ele nem se dá ao trabalho de olhar para mim.

—Preciso da sua ajuda, Kitt. Agora nos tire daqui.

Pensei que ouvir aquelas palavras significaria muito para mim, mesmo que ele as tenha dito com tanto desinteresse. Mas a admiração que eu sentia por ele desapareceu, e diante de mim só existe um homem. Um homem medíocre.

"Não vou te levar para casa", digo, sem me dar ao trabalho de esconder um sorriso.

Ele me observa com uma expressão carrancuda, com um olhar que Eu costumava fazer reservas exclusivamente para o Kai.

—Você fará como eu ordeno, garoto.

"Não, eu não vou." Aproximo-me dele lentamente. "Eu me esforcei tanto para impressioná-lo, para conquistar sua aprovação, porque acreditava que você lutava por algo grandioso, algo que desse sentido à dor que você causava aos seus filhos." Minha voz treme de emoção. "Mas você estava obcecado demais para pensar em grandeza."

Meu pai cai na gargalhada.

"Olhe-se no espelho, filho. Foi a sua própria obsessão que o trouxe aqui", ele me provoca. "Você queria me ver."

-Não…

"Você ainda está consumido pelo desejo de me superar, de ser melhor do que eu." "Está muito perto, como um reflexo cruel do que eu poderia me tornar." "Mas você vai falhar. Sua fraqueza será sua ruína."

—Eu serei mais forte que você "Você nunca foi nada!" , gritei, empurrando-o com força no peito. "Meu legado enterrará o seu nas margens da história. Eu alcançarei a grandeza que você nunca teve."

"Você nunca deixará de ser o que sempre foi", dispara meu pai. "Uma decepção."

De repente, agarro-o pela gola de sua túnica manchada e levanto o outro punho para golpeá-lo. Mas meu pai parece... Acho essa situação muito engraçada.

"Vamos lá, filho", ele me incentiva. "Me bata. Eu te desafio a fazer algo que exija um pouco de firmeza, só por uma vez."

Sinto um nó na garganta. Hesito.

Outra risada zombeteira.

"Uma mulher vulgar e maldita me matou e você nem sequer consegue me dar um soco!"

Mesmo assim, não o agredi. Quero ver a expressão dele quando ouvir minhas próximas palavras.

-Chá Você vai apodrecer aqui sabendo que eu não vou levar adiante seu plano patético para Ilya. —Espero que ela pronuncie as palavras claramente antes de continuar—: Não, eu governarei todos os outros reinos. E eles me adorarão como uma deusa pelos poderes que lhes concederei.

Sorrio ao vê-lo empalidecer.

"A... A peste", ele gagueja. "Você não ousaria..."

—Eu me atrevo. —Pronuncio as palavras claramente—. Orgulho Isso te enfraqueceu. Qual o sentido de acumularmos nosso poder quando posso governar todas as nações que tocar? Comparado a mim e ao meu legado, você será uma decepção colossal.

Eu soquei o rosto dele.

E então…

Escuridão.

Meu coração palpita e volta a bater forte.

E acordo no chão do escritório com um suspiro abafado.



CAPÍTULO 14

Mara

O rei está vivo, por um fio, mas vivo, quando a multidão de imperiais vem buscá-lo para o baile.

Eles encontram Kitt no chão do escritório, se recuperando, e chamam um curandeiro para atendê-lo, embora este faça pouco mais do que verificar o estado do corpo do rei, apesar dos protestos deste.

Mara pensa tudo isso É absolutamente cômico. Esses tais médicos são inúteis quando não podem contar com seus poderes de cura milagrosos. Pensando bem, talvez não seja nada cômico, mas sim o cúmulo do cinismo e da tristeza.

Kitt inspira respeito em todos os rostos preocupados ao seu redor. Ele lança um olhar rápido na direção de Mara e começa a caminhar em direção ao salão de baile. A Morte interpreta isso como um convite para... Acompanhá-lo, e quem é ela para dizer não ao rei?

A procissão para diante das imponentes portas do salão de baile, onde uma criada entrega a Kitt (Vossa Majestade, diz ela, ao contrário de Mara, que se dirige ao rei pelo nome) um casaco preto para usar sobre sua camisa escura (tão escura que esconde a mancha de sangue que invocou a Morte em seu gabinete). A coroa de ramos Entrelaçados, seus cabelos repousam mais uma vez sobre as mechas loiras, que brilham na penumbra. "Ele é realmente bonito", pensa Mara. É um fato, e por que ela não deveria apontar uma verdade tão óbvia?

O rei faz um gesto para que os guardas imperiais e o curandeiro paranoico se afastem. Por razões desconhecidas, Mara ocupa o espaço ao lado dele. O rei encara as portas fechadas.

"Estamos esperando por Paedyn", murmura ele entre dentes cerrados.

A morte também não olha para ele, embora apenas o rei possa vê-la.

—Sua noiva.

Ele permanece em silêncio por alguns instantes.

—Nem quero pensar no que mais você pode ter ouvido pelos arredores do castelo.

"Vossa Majestade?" interrompe o curandeiro. "Disse alguma coisa?"

"Não, Eli." A voz de Kitt era inexpressiva, mas gentil. "E não chegue perto de mim esta noite." Se meu irmão vir que você continua me seguindo, ele vai fazer perguntas.

—Sim, Vossa Majestade.

O silêncio se instala mais uma vez, até ser quebrado pelo som de saltos altos se aproximando. Paedyn Gray, vestida de prata, logo chega e toma seu lugar do outro lado de Kitt.

"Você está linda", ele lhe diz em tom firme.

Sem saber porquê, a Morte fica tensa.

"Obrigado, Kitt." Paedyn sorri para ele, e isso também não o incomoda. Isso não agrada nem um pouco à Morte. Você está muito bonito.

O rei acena com a cabeça e oferece o braço à sua noiva, que o aceita.

As portas começam a se abrir.

"Ah, o anel voltou para o dedo certo", murmura Kitt.

-Claro.

A morte já ouviu o suficiente.

Ela não se importa que eles estejam noivos, na verdade. Mas ela está entediada.

Mara sai para a galeria e decide descer as escadas. Pela esquerda (uma decisão arbitrária). Em seguida, entre no mar de sons e cores que se estende até as paredes ornamentadas do salão de baile. Corpos balançam por toda parte, cintilando à luz do sol poente que entra por uma dúzia de janelas. Um brilho alaranjado aquece o céu do outro lado, ameaçador e belo ao mesmo tempo. É uma descrição que a Morte aprecia. muito. Aliás, ele vai até uma janela para observar o céu se iluminar como uma alma vibrante.

O rei está fazendo um brinde da galeria, mas a Morte está absorta e não percebe. Ela passa entre as figuras adornadas com joias, absorvendo cada detalhe luxuoso. Mas quando a música recomeça com uma melodia animada, Mara se encosta em uma coluna para observar as pessoas.

Todos Eles bebem, conversam, dançam; suas almas giram diante dos olhos da Morte como respingos de tinta colorida. Um enxame de mulheres puxa o rei em todas as direções, embora no final seja sua noiva quem o conduza à pista de dança.

Mara desvia o olhar. Há coisas mais interessantes para se ver. Ela tem certeza disso.

Ele logo descobre que ela está certa (como sempre) quando um vislumbre de cabelo... Lila chama sua atenção do outro lado do salão de baile. Apesar da distância, a Morte consegue distinguir Blair e Lenny, imersos em sua discussão. Mas é estranho, não porque estejam brigando, mas porque não se esperava que aparecessem na televisão naquela noite.

Aparentemente, a futura esposa do rei também não esperava por isso.

Paedyn se lança contra o assassino de Adena com tamanha força. A veemência é impressionante. A multidão atônita se aproxima e bloqueia a visão da Morte, impedindo-a de desfrutar do entretenimento de que tanto precisa. Felizmente, ela parece não sentir muita falta. A futura rainha se afasta rapidamente da cena que criou e vira uma taça de champanhe de um só gole.

A Morte está começando a se divertir. Ela se concentra em almas pelas quais ele desenvolveu afeição. Lenny parece aliviado, apesar da expressão de desdém de seu protegido. Então, aparentemente, o imperial convida Blair para dançar. Mara tem certeza

de que a oferta é recebida com um olhar condescendente, mas, no fim, o improvável casal vai para a pista de dança.

Parecia impossível, mas suas almas estão se aproximando. Os fios de O verde e o amarelo começam a se entrelaçar , perfurando-se como espinhos. E a Morte pensa em como dói quando duas almas unidas têm que se separar…

—Você ainda está aqui.

O rei se aproxima da coluna onde ela está, com as mãos nos bolsos das calças escuras.

"Eu vou aonde quer que haja entretenimento. E hoje à noite é aqui", diz Mara.

Kitt encara. Diante da Morte, com os olhos perdidos.

—Sua existência é… entediante?

Mara olha para ele. Ela provavelmente só quer se distrair dos horrores que deve ter testemunhado em Mors, e a Morte, numa tentativa de corrigir sua reputação monstruosa, entra no jogo.

—Por que mais eu me interessaria pela vida dos seres humanos?

O rei acha a expressão engraçada. Geralmente acha. Encontrar algo de engraçado até mesmo nas observações mais cortantes da Morte. Talvez ela confunda a franqueza dela com humor.

Venha ver os casais dançando na pista de dança.

Todo mundo está ficando cada vez mais bêbado.

Cenoura dança com aquele que lhe concedeu o título.

Paedyn faz isso com um estranho.

—Blair está aqui.

Não é uma pergunta da Mara, mas uma afirmação, e novamente parece que... O rei acha isso engraçado.

—Você tem acompanhado o que está acontecendo?

—O que eu disse: entretenimento.

O rei balança a cabeça negativamente.

"Estou tentando fazer com que os dois se tolerem. Por mais difícil que seja para ela, Paedyn precisa se acostumar com a presença de Blair."

—Ah. E você não deveria estar dançando com sua noiva? —Mara pergunta rapidamente.

Kitt dá de ombros, tensa.

—Nem todos os dias A oportunidade de falar com a Morte se apresenta, e eu a aproveitarei.

Mara não achou isso nem um pouco lisonjeiro.

—Isso faz parte do seu plano para um Ilya maior?

O rei acena com a cabeça com um gesto brusco.

"Eu entendo", diz a Morte, e é verdade.

Esse casamento não tem nada a ver com amor.

"É estranho, mas espero te ver de novo", sussurra Kitt. Ele se afasta do coluna, mais uma vez imerso em seus próprios pensamentos—. Você é a única pessoa com quem posso conversar sobre como é morrer.

Mara observa-o enquanto ele se mistura à multidão.

E ela decide que eles se verão novamente.

É entretenimento. Nada mais.

Não há nostalgia, nem qualquer significado. Não é uma lembrança.

Além disso, ela não possui uma alma que possa se unir a outra. Nem mesmo a uma sombra. do seu passado.



"Ele tentou me atacar na frente de todo o tribunal! Dá para acreditar?"

Esta é a terceira vez que ele vê Blair expressar sua incredulidade.

—Bem, a verdade é que sim — responde Lenny pela terceira vez desde que saíram do salão de baile.

A morte ouve isso Blair tropeça numa pilha de livros atrás dela. Está muito escuro, tão escuro que os humanos ficam praticamente cegos. Nem todos estão tão acostumados com as sombras.

Um sussurro de Lenny interrompe o som frustrado da TV.

—Fale mais baixo. Este é o último lugar onde você deveria estar agora.

"Estou falando em voz baixa", ela retruca. "Tudo soa mais alto quando você está falando consigo mesmo." Ele te convenceu, idiota. —Blair dá mais três passos—. É melhor que seja assim, cenourinha.

"Desculpe", ele murmura sarcasticamente. "Você prefere nos guiar por esta biblioteca escura com sua hipervisão? E mais uma coisa." Ele se vira para Blair, que está a um metro à sua direita e o encara como se quisesse matá-lo. "Entre nós, preciso dizer que a cor do seu cabelo é muito mais rara que a minha."

A Morte para para refletir. Na verdade, ela já havia ponderado diversas vezes sobre as estranhas cores de cabelo conferidas pelo poder absoluto. Mas essa praga era altamente seletiva. E a Morte sabe disso muito bem. Em Ilya, nem todos eram aptos para a força. E os humanos, os tolos humanos, jamais questionaram o porquê.

Blair tropeça em mais livros e bufa.

"Não vejo nada", diz ela com uma doçura fingida. Nem sei se estou olhando para você com ódio ou sem sentir nada.

—Vire um pouco mais para a esquerda—Lenny a orienta. —Mais um pouco. Um pouco… Isso. Bem aí.

—Olha… —Ela estala a língua, farta—. Você lidera e cala a boca.

A Morte pousa sobre uma pilha de livros para observar Blair tateando às cegas no escuro. A expressão em seu rosto é de pura irritação. Mara acha isso inspirador.

Lenny balança a cabeça, aproxima-se dela e pega em sua mão.

Seu rosto reflete uma preocupação que Blair não consegue ver. Mara se pergunta, como já fizera várias vezes antes, se é porque o contato com ela não lhe causa repulsa. Mas é um pensamento passageiro. A morte não é mais a figura romântica que um dia foi.

O guia imperial a conduz entre as altas estantes de livros. Graças à sua visão aguçada, ela percebe os detalhes intrincados. molduras de canto. Mara os segue. Eles atravessam a imensa biblioteca até que, finalmente, uma parede de livros bloqueia seu caminho.

"Estamos analisando os registros das elites", diz Lenny ao seu protegido furioso. "E agora eu pergunto: o que diabos fazemos com os registros das elites?"

“Não estou convencido de que você esteja usando todo o seu poder”, retrucou Blair. “Veja os registros do hiper.

Sim, a Morte está encantada por tê-los seguido. Desde que o Imperial sentiu sua presença naquele corredor, Mara tem se perguntado como ela conseguiu. E agora é a sua chance de descobrir a verdade.

Lenny passa os dedos pelas lombadas desgastadas.

"Não estou usando todo o meu potencial?" Ele bufa. "Olha, eu sei que você quer me deixar mais forte e tal, mas..." Garanto que sei como usar minha habilidade.

A Morte bate o pé no chão.

As elites adoram fingir que entendem o poder que lhes foi concedido.

"Você treinou sua força todos os dias?", pergunta Blair. "Você se esforçou até a exaustão? Você buscou seus limites?"

O homem imperial retira um livro fino da prateleira.

—Bem, não, mas…

-Então, "Você não tem ideia do que é capaz", ela interrompe. "O poder é como um músculo. Se você quer que ele seja forte, precisa exercitá-lo."

—E você vai ser meu personal trainer porque é muito generoso— diz Lenny, com ceticismo.

A TV lança um olhar assassino na direção que presume ser o rosto de Lenny (na verdade, em direção ao queixo dele).

—Você é um caso perdido. Você me dá pesar.

O homem imperial dá de ombros e suspira.

—Estou satisfeito com isso.

—Leia o livro, cenourinha.

Blair afasta a mão da dele, como se tivesse se lembrado de repente que estavam de mãos dadas.

A Morte ainda não tem certeza do que viu em suas almas. Talvez não sejam casos tão perdidos quanto ela pensou inicialmente. Mas ela não gosta de estar errada, então, silenciosamente, apostas na separação deles.

Lenny abre, com relutância, o volume encadernado em couro gasto. As páginas amareladas tratam das capacidades dos hipermercados. Ele tem em mãos cem anos de registros.

"Vá até o final", ordena Blair. "Deve haver uma seção sobre desenvolvimento de habilidades."

"Como sabe disso?", perguntou o oficial imperial. "Pensei que ninguém consultasse esses registros."

-O "Sargento", responde Blair, soltando um resmungo. "Ele me obrigava a ler o volume da TV quando eu tinha oito anos."

"Nossa." Lenny passa os dedos sobre uma página amassada. "E seu pai? Você não fala muito dele."

"Porque não há muito o que contar." Ele faz uma careta de deboche. "Comparado à minha mãe, ninguém imaginaria que ele é o general." Ele aperta a palma da mão, alheio ao fato de que o imperial Dá para ver o tique nervoso dele. Na vida pessoal, ele é quem recebe ordens, não quem as dá. O fato é que ele tolera minha mãe melhor do que eu.

"Sim." Lenny concorda com a cabeça. "Às vezes é melhor estar com alguém que te deixa louco do que enlouquecer de solidão."

Surpreendentemente, a declaração não recebeu uma resposta condescendente da parte dela.

"Talvez", diz Blair finalmente. Ele pigarreia. —para limpar a garganta—. E seu pai?

"Eu não o conhecia", responde Lenny, distraído. "E pelo que ouvi dizer, eu também não teria sentido falta dele."

O suave farfalhar das páginas secas pode ser ouvido. A Morte lê por cima do ombro do Imperial. A maior parte do livro está em branco. Lenny vai até a última página.

—Nossa. Só tem uma frase interessante sobre a capacidade dos hiperativos.

—Leia — Blair ordena.

—Vamos ver. —O imperial balança a cabeça antes de recitar as palavras escritas—. Em casos especiais, os hipersensores que aprendem a abrir suas mentes podem desenvolver um sexto sentido.

A morte já tem a resposta que procurava.

"Que interessante", murmura Blair, que é exatamente o que Mara estava pensando.

—Interessante? —O imperador relê a declaração vaga—. O que diabos isso significa?

Se Lenny fosse capaz de acessar esse sexto sentido, a Morte o explicaria com prazer para ele.

"E você está me perguntando isso?", debocha a TV. "Abra sua mente e descubra por si mesmo."

—Como se abre a mente?

"Primeiro, mantenha a postura ereta", ele dispara. "Nunca vi ninguém com postura pior na minha vida. E depois, o óbvio: não reprima seu poder. Deixe-o fluir." Veremos o que acontece.

Lenny fica olhando para ela.

—Uma frase encorajadora. Que incomum para você.

"Estou te incentivando a não ser patético", esclarece ele com um olhar de desgosto.

—Bem, escute, meu poder não está sufocado, perceba que seu pulso está acelerado.

Blair faz uma careta e levanta o dedo do meio.

"Eu também já vi isso", comentou o homem imperial, alegremente.

Sim, a morte pode ser Sinto um pouco de culpa por ter desejado separá-los.



CAPÍTULO 15
Mara

Blair acorda sobressaltada, respirando com dificuldade em curtos suspiros.

Isso surpreende até mesmo a Morte, que está sentada junto à janela (é o seu lugar favorito, ela gosta de ver as cores do céu; em contraste, a Mors é insuportavelmente monótona).

Os olhos de Lenny se fixam imediatamente na TV. Sua preocupação se reflete em seu rosto. em seu rosto sardento.

"Você está bem?", ele pergunta, balançando a cabeça. "Acho que você teve um pesadelo ou algo assim..."

Blair o empurra para trás usando sua força, atirando-o para trás.

"Há quanto tempo você está acordado?", ele pergunta bruscamente.

"Hum... Só um pouquinho." O homem imperial a observa do outro lado da sala; parece impossível, mas sua expressão é ainda mais preocupada. "Você estava dormindo e eu não..." Eu queria te acordar…

"Pois bem, você deveria ter feito isso." Ela se senta na cama, irritada. "Eu não preciso que você cuide de mim", acrescenta, ainda furiosa.

Mara se levanta e começa a andar de um lado para o outro no quarto. Ela pensa melhor em pé. Talvez seja por causa do ritmo que sua mente tanto sente falta, aquele que seu coração já não consegue proporcionar.

"E o que haveria de errado nisso?", pergunta Lenny, hesitante.

A morte vê que a TV Ele engole em seco. Talvez esteja engolindo o próprio orgulho também, a julgar pela sua reação.

"Eu sonho com Adena", murmura Blair no final. "Frequentemente. E não quero nenhuma testemunha."

O cavaleiro imperial ergue uma sobrancelha.

—Testemunhas de quê?

"Da minha fraqueza", ele dispara.

"Da sua..." Lenny ri, e Blair franze a testa. "Da sua fraqueza? Você percebe que está falando com um hipermercado?"

-Amigo "Uma criminosa, ou pelo menos era o que eu pensava, e não passa uma noite sem que ela apareça para mim!" —a TV explode—. "Que demonstração maior de fraqueza você quer? Como é que eu vou me tornar um general desse jeito?"

Chegou a vez da TV rir, embora sem um pingo de humor.

"Você está se depreciando", repreende Lenny, aproximando-se dela. "Não se preocupe, você é assustadora."

"Talvez esse seja o problema", respondeu ele amargamente. "Talvez que meu destino era ser como Adena. Pelo que me contaram, ela era apaixonada, gentil, corajosa. —Uma estranha timidez tinge sua voz. Mara inclina a cabeça ao perceber a mudança de tom—. Talvez eu pudesse ter sido como ela, uma garota que sonhava, que vivia, que tinha um propósito. Uma garota que tinha duas pessoas dispostas a matar por ela.

—Se é isso que você quer, ainda tem tempo. “Se for esse o caso”, responde Lenny. “Ou você pode continuar do jeito que é, uma vadia fria e assustadora. E digo isso como um elogio, claro”, acrescenta rapidamente. “Imagino que se sinta enganada. Nunca teve a chance de saber quem você era... quem você realmente é. Mas agora pode. Afinal, vamos te matar. Não há melhor hora para recomeçar.”

As palavras São sinceras, do tipo que Mara sabe que só se diz quando a outra pessoa é importante para você. Blair parece confortada por uma resposta tão perspicaz, o que faz a Morte se perguntar, a contragosto, se não há, afinal, um vislumbre de esperança para essas duas almas.

Lenny senta-se na beira da cama. Para grande irritação de Mara, a TV permite isso.

—Mas você ainda pode ser Agressivo, sério. Até as flores mais bonitas têm espinhos. —Ele fica vermelho como um pimentão ao falar—. Não estou dizendo que você é bonita... Quer dizer, caramba, sim, você é bonita, mas...

"Você não precisa continuar se fazendo de boba", brinca Blair. "Eu já sei que sou bonita. É a única qualidade que tenho que todo mundo gosta."

—Porque você não deixa que os outros vejam.

Blair força um gesto inexpressivo.

—E você os vê?

O homem imperial dá de ombros.

—Vejo que você se tornou aquilo que estava destinada a ser. É preciso coragem para isso.

Eles ficam se encarando por tempo demais.

—Quero ver Paedyn.

A exigência repentina de Blair surpreende o imperialista.

—O quê? Ainda não finalizamos o plano, Blair. É uma questão delicada...

—Fingir a minha própria morte não é nada "É tão delicado", ela retruca. "Estou cansada de esperar que minha nova vida comece. Vá encontrá-la e..."

"Não." A Morte não imaginava que Lenny fosse capaz de uma recusa tão firme. "Temos que fazer isso direito, senão um de vocês pode morrer de verdade. Ainda não estamos prontos."

A emissora de TV não gosta da ideia.

-OK.

—Blair…

"Estou com fome." Ele acena com a cabeça em sinal de concordância. Para tirá-lo da cama... Vá buscar algo para eu comer, ou você também precisa de tempo para planejar seu trajeto até a cozinha?

Lenny se endireita ao lado da cama.

—Essas poses de superioridade não vão funcionar comigo.

—Da próxima vez, vou me esforçar mais.

"Não tenho dúvidas." O homem imperial coloca sua máscara branca e caminha em direção à porta. "Você é muito engraçado às minhas custas." Ele sai. lá no corredor... Você viu isso? Um elogio que não tem nada a ver com a sua aparência.

Blair rapidamente disfarça o sorriso e faz outra exigência.

—Diga à Gail para colocar coco ralado torrado nos muffins. Ela vai me agradecer depois.

—Vou me certificar de fazer o pedido num tom menos ofensivo.

A Morte entra no corredor com o Imperial. Uma vez no tapete. Macia e flexível, ela se deixa levar para um plano diferente. Seus pés agora tocam a terra seca de seu lar, que ronrona em aprovação.

"Sim, Mors é um lugar desolado", pensa a Morte enquanto contempla as árvores frágeis e as almas que uivam. Mas é a sua eternidade. É melhor não comparar seu domínio sombrio com a vitalidade que os humanos tantas vezes consideram garantida.

É nisso que ele está pensando. Mara atende às almas que aguardam como se fosse apenas mais um dia na vida após a morte. Ela reúne inúmeras almas de todos os cantos onde existe vida além de Mors. Algumas estão particularmente furiosas com a Morte, mais do que o normal, pois, diga-se de passagem, estão presas em seus corpos sem vida há tempo demais. Mara imagina o quão claustrofóbico deve ser estar trancada. em sua própria carne em decomposição.

Porque as almas permanecem aprisionadas no corpo até que Mara chegue para libertá-las em Mors. O tempo que ela está passando em Ilya por motivos educacionais (ou assim ela diz a si mesma) a deixou um pouco distraída. As almas permanecem nos corpos por mais tempo do que Mara gostaria, porque ela geralmente se considera muito eficiente .

Após arrastar Devolvendo um espírito mal-humorado à sua decepcionante vida após a morte, a Morte retorna ao reino onde os pores do sol são comuns e um coração bate em cada peito. Ela aparece à porta de Blair, mas encontra a televisão já ligada do lado de fora. Mara inclina a cabeça para observar a cena.

Há um homem alto em frente à TV, com cabelos que lembram ondas da meia-noite caindo sobre a testa. Ela é forte, com traços marcantes suavizados apenas pela promessa das covinhas que emolduram sua boca. E ela encurralou Blair contra a parede com um único olhar penetrante de seus olhos cinzentos.

—Volte para o seu quarto. —Ele aponta para a porta—. Por favor.

A Morte o conhece. Ela caminha por aí, observando seu corpo poderoso. Sim, ele é quem entregou muitas almas a Mara, cujo rosto severo ele viu lá de cima. Os corpos que ele nos tirou. Até ela já ouviu falar dessa elite.

Ele é o carrasco de Ilya.

O irmão do rei moribundo.

Dizem dele: "Aquele que traz a morte".

Mara terá que decidir isso.

Ela para diante dele e examina sua alma. Um lampejo de surpresa ilumina suas feições, embora ninguém o veja; dentro dele há um turbilhão negro com fios de puro branco.

A morte pisca diante de algo tão incomum. Certamente não era o que eu esperava encontrar.

—Ora, então a mendiga te ensinou boas maneiras. Não é irônico?

Mais uma vez, esse insulto irritante. Mara imediatamente entende a quem a TV se refere. Uma mulher com tanto talento para enganar a morte merece mais respeito dos vivos.

A maldade de Blair é como um reflexo. É quase como se... Se ela tivesse sido destinada a ser sua inimiga, forçada a se medir de acordo com o fato de o carrasco a considerar uma rival ou não. A televisão dizia a verdade naquela casa (a que ficava ao lado das árvores retorcidas que arrancaram o passado): ela despreza os irmãos Azer, não consegue evitar.

O carrasco baixa consideravelmente a voz.

—Não continue, Blair.

Mas ela continua, claro. Ela pode nem saber porquê. que.

—Então, o que você diz? Vai compartilhá-la com a Kitt pelo resto da vida? Ou vai voltar para as ruas e procurar outra mulher vulgar?

Blair abafa um grito quando o homem a atira contra a parede com seus pensamentos. Isso faz com que a Morte pare diante dele e examine seu rosto sombrio. Ele começa a perceber que esta não é uma elite comum. Não, esta alma possui uma complexidade estranha a Ilya.

O carrasco avança em direção a Blair, que já descobriu ser inútil resistir ao seu próprio poder. A compostura do homem é aterradora; sua ameaça, quase um sussurro.

—Fale dela desse jeito de novo e você vai implorar para ser trancado no seu quarto para ficar a salvo de mim.

Mara acredita nele, porque a alma do carrasco apela para algo que ela mesma carrega dentro de si.

—Droga. —A TV abre muito Ela o encara atentamente, seus olhos encontrando os dele. Ela quase ri. "Você está apaixonado por ela."

Hum. Outra descoberta interessante.

Blair é subitamente libertado da prisão do seu próprio poder. O carrasco consegue disfarçar o choque estampado no rosto, e a Morte não precisa de mais provas: o coração de Paedyn Gray pertence a outro, ao irmão do seu noivo.

—Eu sempre soube que havia Existe algo entre vocês dois, mas... —Desta vez, Blair não ri—. Você está completamente apaixonado por ela.

A elite mais poderosa, submetida à vulgaridade.

É irônico. É romântico. É fatal.

Mara já passou por essa tragédia antes.

A televisão dá um passo à frente, sem pressa, olha para o príncipe apaixonado e balança a cabeça negativamente.

—Você está bem, cara…

—Príncipe Kai!

Blair revira os olhos. Ao ouvir aquela voz que conhecia tão bem, o Imperial virou a esquina, com dois pratos de comida nas mãos e uma expressão de horror sob a máscara.

Lançou um olhar para seu protegido que o traiu. Então, Lenny pigarreou, pronto para proferir as palavras que não conseguia mais conter.

—Olá, senhor, é bom vê-lo. Blair, querida, hum… Você precisa estar dentro da sala, certo? Fora. Ficou claro?

"Lenny, querido", começa a TV com uma voz doce, "minha cenoura eu poderia quebrar em duas com um pensamento, e eu digo isso literalmente. Kai me viu antes mesmo de eu ter tempo de voltar para o meu quarto e começar a atirar facas em qualquer um que passasse debaixo da minha janela." Ela se vira para o carrasco. "Não se engane, ele adora esse jogo."

(Finalmente, a Morte conhece o (o nome do homem que tantas vezes a perseguiu). O desconforto de Lenny a diverte muito.

"Essa garota tem um ótimo senso de humor." Ele conduz a TV para dentro da sala. "Você nunca se entedia com ela."

"Vamos lá", ela retruca. "Não finja que gosta de mim. Isso só me dá mais vontade de..."

O imperador bate a porta na cara dele.

-… cair "Ruim", conclui Blair, furioso, lá de dentro.

Mara permanece no corredor, sua curiosidade despertada por "aquela que traz a Morte"... Ou seja, por ela mesma.

"Não deixe que ela te veja, entendeu?", ele ordena. "Se fosse o Paedyn quem a encontrasse no corredor, todos nós sabemos o que ela teria feito."

"Era exatamente isso que Blair queria", a Morte teria gritado de bom grado para eles. Mas não adianta. Ao longo de sua vida, quando ainda era jovem e seu trabalho a entusiasmava, Mara falava com os vivos. Não para que a ouvissem, é claro, mas para que não se esquecessem da voz daquela doce menina que sofreu uma morte violenta.

"Sim, senhor." Lenny acena com a cabeça. "Mas ela não pode ficar presa para sempre. Não é justo."

Mara fica surpresa com a audácia do homem imperial em defender seu protegido.

—Eu sei. —O carrasco Ela suspira. "Mas Paedyn precisa de tempo." Ela se vira e começa a caminhar pelo corredor, mas para depois de alguns passos. "Boa sorte com ela", diz.

"Não preciso de sorte. Não é tão ruim quanto parece", murmura Lenny.

A porta se abre de repente e, do outro lado, aparece o sorriso presunçoso de Blair.

—Que gracinha, cenourinha.

—Porra! —Lenny quase pulou da cama "Com medo... Você estava com o ouvido colado na porta ou o quê?"

—Como se você não pudesse me ouvir respirando.

—Sim, porque consigo ouvir você respirando o tempo todo.

A TV faz cara feia.

—Não? Então você ainda está sufocando o seu poder.

"Não." O gesto desafiador do oficial imperial foi acompanhado por um estalo de dedo na cara de Blair. "De jeito nenhum. Nada de fingir raiva aqui." Só eu tenho o direito de estar com raiva.

—Vamos lá, tudo bem—ele o provoca—. Me dê uma bronca, estou com vontade de rir.

Lenny entra na sala franzindo a testa.

—Certo. Você não pode sair assim de novo. E se o rei me levar de você antes que tenhamos tempo de executar o plano?

Blair solta uma risadinha zombeteira e se aproxima tanto do imperador que engole em seco. saliva.

"Então, qual é o plano? Já está na hora de colocar a carroça na frente dos bois, a cenoura. Senão, nunca vou sair daqui."

O homem imperial não está ouvindo-a. Não, ele está pensando em outra coisa.

"Fogo", ele murmura, e um sorriso infantil ilumina seu rosto sardento. "Tenho uma ideia."

Mara interrompe a conversa sussurrada para olhar para o final do corredor.

O carrasco Desapareceu, mas outro mistério permanece.

A morte não se preocupa. Eles se encontrarão novamente.



CAPÍTULO 16
Kitt

Sento-me junto à fonte e observo as ondulações na água. Vejo as moedas imóveis em seu túmulo aquático; uma versão anterior de mim prometeu distribuí-las entre os habitantes das favelas.

Procuro não pensar que Kai possa sofrer o mesmo destino. Ele insistiu em acompanhar minha futura esposa em sua viagem a Izram. E, como suas razões para preocupação eram, em essência, bastante sensatas, fui obrigado a deixá-lo de fora do Accounting.

Levanto os olhos para contemplar os vastos jardins que me rodeiam. Parecem-me apagados pelo sol poente, as pétalas desprovidas das suas cores vibrantes. Já passaram semanas desde a última vez que vaguei pelos caminhos circulares que os serpenteiam. Ser rei não me deixa muito tempo livre. Para desfrutar desses prazeres, pelo menos ultimamente.

Sinto um arrepio ao atingir o peito com uma dor aguda. Cerrei os punhos e fechei os olhos com força.

—Você está em pior situação agora do que depois de morrer.

Soltei um suspiro e então encarei a Morte. Ela estava à minha esquerda, a pouco mais de um metro de distância, com as mãos enfiadas nos bolsos do manto. O capuz estava aberto. A cabeleira castanha e densa a esconde, lançando uma sombra sobre suas feições serenas.

"A peste não me faz muito bem", admito com relutância.

—Porque você não era o alvo deles.

Não tenho forças nem para dar uma risadinha sarcástica.

—Devo pedir que você explique? Ou é prerrogativa da Morte ser tão enigmática?

"Você saberá em breve", ele responde calmamente. "Mas Você já descobriu mais do que a maioria sobre o que existe além.

"Não tenho tanta certeza." Suspiro e me levanto. "Já se passaram vários dias desde ... que eu morri, e ainda não sei ao certo o que aconteceu."

A morte desvia o olhar por um instante.

—Vamos dar um passeio e eu respondo às suas perguntas sobre os Mors.

A proposta de Mara e a hesitação que percebi me deixaram pensativo.

-Sim claro. —Eu caminho em direção a ela—. Parece um bom negócio.

O manto de Mara arrasta-se pelo caminho de pedra, cobrindo as pétalas espalhadas pelo chão e abafando o som dos nossos passos. Deixamos o silêncio nos envolver. Cumprir integralmente meu papel de rei, como tenho feito ultimamente, é um fardo pesado; por isso, aproveito esta oportunidade para saborear a simplicidade do momento. Quem diria que um passeio com a Morte me traria tanta paz?

—Não te vejo há vários dias — digo finalmente, enquanto roço meus dedos nas flores altas.

"Você estava me procurando?", responde Mara imediatamente.

"Bem, ver você também não foi exatamente um bom sinal." Tento adicionar um toque de humor às minhas palavras. Mas se a Morte alguma vez sorri, certamente não é desta vez. Isso vai acontecer por causa desse comentário.

"Claro", diz ela baixinho. "Minha presença nunca é bem-vinda."

Ela diz isso sem o menor sinal de dor, e ainda assim sinto uma pontada de remorso. Não sei por que quero animar a Morte... nem tenho certeza se ela tem algo para animar.

—Para falar a verdade, talvez eu estivesse procurando por você—digo, e talvez não esteja. mais do que a verdade—. Como eu te disse no baile, é muito bom ter alguém com quem você possa conversar sobre… tudo.

Finalmente ele olha para mim, e em seus olhos castanhos quase se pode discernir o traço de uma emoção.

—Eu sei o que é solidão. Por isso quis te conhecer.

Eu me sento. Um céu rosado paira sobre nós.

—Você só pode falar comigo?

—Tenho uma conexão com sua alma moribunda que me faz Isso me permite interagir com você no plano físico sem que os outros me percebam. É como um véu. —Mara tira a mão do bolso para pegar uma flor murcha. Uma visão estranha , considerando que é a Morte—. Só posso entrar neste plano pela fenda que você abre para mim. Mas, para os outros, ainda sou apenas uma sombra.

—Então—nossos ombros se roçam quando contornamos a curva do caminho— Para onde você vai quando não está comigo?

"Tenho outras almas para atender." Ele quase parecia estar zombando de mim. "Os mortos estão esperando para viajar para a vida após a morte."

Cubro a boca para tossir, ignorando o olhar curioso de Mara. Ela me observa com mais atenção do que os curandeiros.

—Os Mors me pareceram... terrivelmente solitários; não é um lugar onde alguém gostaria de chegar.

—Você não gostou disso —Mara destaca.

Dou uma olhada de soslaio para ela.

—Por que eu faria isso?

"Pensei que a entendesse melhor." Ele sustenta meu olhar. "Há uma escuridão dentro de você, e imaginei que ela seria atraída por Mors."

"Não há escuridão dentro de mim." Cuspi as palavras com amargura, irritada. Então pisquei, surpresa com minha reação. "Desculpe", murmurei sinceramente. "Não sei por quê." Eu interpretei dessa forma.

—Hum. —A única resposta que ele me oferece é aquele som silencioso de fascínio.

Desvio o olhar e respiro fundo.

"E como!"

A luz do sol se esvai no céu enquanto caminhamos por entre fileiras de folhagem emaranhada. A expressão de Mara é, como sempre, indecifrável, evasiva e, portanto, irritante. A morte é uma completa incerteza… até agora. em que sua alma é arrancada.

Limpar a garganta.

—Nunca cheguei a ver minha mãe.

-Sinto muito.

As palavras soam sinceras. Que conceito estranho vindo dos lábios da Morte.

"É frustrante, sim. Mas minha morte temporária não foi em vão." Giro a alavanca para voltar em direção à enorme fonte. "Encontrei meu pai."

—Eric Azer—Mara recorda—. Uma alma revoltada.

—E ainda mais depois do que eu lhe disse.

A expressão no rosto do meu pai, vendo-o empalidecer, é uma lembrança que guardo com carinho e revivo de tempos em tempos. Poucas semanas antes, eu jamais teria imaginado falar com ele daquela forma. Ele era tudo para mim, e eu estava determinado a ser algo para ele.

Mas naquela época eu era um menino. Agora sou um rei.

O olhar de Mara me atravessa por trás do capuz aberto.

-Que Você contou para ele?

"A verdade." Tossi para limpar a garganta. "Que serei maior do que ele. Que se alguém era fraco demais para fazer o que precisava ser feito, era ele, não eu." Senti a emoção daquele momento novamente. "E que ele passará a eternidade remoendo isso, pensando no filho decepcionante que enterrará seu legado."

"Sim, tenho certeza", ela responde sem hesitar. Para Mara Meu evidente desejo de vingança não parece incomodá-lo — almas assim raramente encontram paz.

Paramos quando chegamos à fonte.

—Encontrar a paz?

"Aqueles que conseguem escapar de Mors são aqueles que aceitam que não há saída." A Morte diz isso como se fosse a solução óbvia para um enigma. "Eles seguem em frente. Eles habitam a própria essência de Mors. Cada alma deve decidir como." Eles querem passar seu tempo na vida após a morte; podem passar a eternidade procurando uma saída ou aceitar seu destino e encontrar a paz.

Eu a encaro, incrédula.

—Então a vida após a morte não passa de um grande jogo mental?

"Não é um lugar de chamas eternas nem um paraíso." Ele faz um gesto que quase se transforma em um encolher de ombros. "É o que você quiser que seja. Mas se há uma característica..." A solidão é uma constante na morte.

Fico pensando se ela está se referindo a si mesma, quando de repente entendo algo.

"Meu pai..." murmurei. "Ele estava convencido de que Íris estava sussurrando para ele de dentro de uma árvore."

"É bem possível", responde Mara com uma indiferença que quase faz suas palavras parecerem sensatas. "As árvores são muito falantes."

—Então não há como entrar em contato com minha mãe? —Embora Seja egoísta, estou decepcionado—. Porque você encontrou a paz?

"Sua alma descansa." Fiquei impressionada com a tristeza nas palavras de Mara. Até então, ela nunca havia demonstrado uma emoção com tanta clareza. "É o melhor que se pode esperar."

"É a isso que você aspira?", pergunto a ele, confiante.

"Não me é permitido sentir esperança. Não desde... antes." Novamente, tristeza. "E Quase não me lembro mais daquela vida.

Murmuro as mesmas palavras que pronunciava quando o sol ainda iluminava o céu.

—Faz sentido pedir que você me explique isso?

Fique em silêncio.

—Há quanto tempo você é a Morte?

O silêncio se prolonga, desconfortável. Começo a pensar que desperdicei meu fôlego novamente, até que…

—Tanto que me esqueci de como viver — ele respondeu. com um olhar perdido.

Essas palavras desencadeiam uma torrente de novas perguntas que me custa conter.

"Quem é... quem era... Mara?"

Quanto mais aprendo sobre ela, menos a compreendo.

"Humano."

Houve um tempo em que ele era alguém que vivia, que respirava.

A morte é eterna. Mara não.

"Como ele acabou arrastando almas para Mors?"

Contemplo meu reflexo no lago de águas cristalinas. Da fonte, o que vejo ali é a confusão que me consome e aprofunda as rugas entre minhas sobrancelhas. A única certeza que tenho é o anseio da Morte por viver… e meu próprio destino inevitável.

Com um suspiro, olho para aquele grande mistério que é Mara.

—Estou morrendo, não é? É um fato objetivo e inegável que eu não vou sobreviver? À peste?

Um toque de compaixão surge em suas feições.

"Seu corpo não estava preparado para suportar tanta força. Não sei quanto tempo lhe resta..."

-Eu entendo.

Assinto repetidamente com a cabeça, como se, ao fazê-lo, eu pudesse aceitar que minha busca pelo poder teve consequências.

—Proponho um acordo. —Suspiro—. Vou te lembrar o que é viver se você me ensinar a morrer.

Inicialmente, Mara não responde.

—Hum—ele finalmente diz, em voz quase inaudível.

Eu balanço a cabeça negativamente.

—Ou você aceita, ou não, Morte. Nenhum de nós tem mais nada a perder.

"Está bem", diz ela, sem muita convicção, a julgar pelo tom de voz. "Aceito."

Estendo meu poder em direção ao lago. Desde que ascendi ao trono e me isolei quase que completamente em meu escritório, não precisei usar minhas habilidades. da dualidade. Na verdade, nas últimas semanas mal fiz algo além de acender uma vela ou regar uma planta murcha. Agora, quando ordeno que a água da fonte suba e acaricie minha mão, ela o faz hesitante. Sinto o poder em minhas veias como algo distante, quase esquecido.

Eu franzo a testa e me concentro como não fazia desde criança.

"A peste."

De repente, o A água corre em minha direção e traz uma moeda gasta à superfície. Sorrio aliviada ao recuperar a energia. Mara observa atentamente enquanto a correnteza deposita um xelim em minha mão. Seguro-o entre nossos dedos, ainda molhado .

—Certo, vamos jogar uma moeda para ver quem terá a primeira lição. —A Morte acena com a cabeça. "Digo isso como um sinal de concordância. 'Cara, você começa me ensinando como morrer', explico. 'Cara, começamos com como viver.'"

Eu jogo a moeda para o ar e a prata brilha na penumbra.

Quando pego o objeto na palma da mão, Mara se inclina para ver o resultado.

—Cruz. —Eu sorrio—. Já está na hora de você se lembrar de como viver.

Concentro-me por um instante e derramo um torrente de água sobre a Morte. Talvez não tenha sido a melhor decisão.

O mais assustador é que ele nem sequer se abala.

Sob o capuz molhado, a mesma expressão inexpressiva de sempre permanece. A capa está pingando e água escorre de seu nariz.

"O que... foi isso?" ele murmura.

Se não fosse pelo mais leve indício de divertimento que vi surgir em seu rosto, acho que ele teria morrido ali mesmo.

—Esta é a sua primeira lição sobre como viver: surpresas.

-Zumbir.

Antes que eu tenha tempo de reagir, também estou encharcado.

Observo-a por entre os cílios úmidos, abrindo e fechando a boca, atônita. Para minha surpresa, os cantos de seus lábios se curvam quase imperceptivelmente. Sinto-me honrada por ser a destinatária de uma expressão tão sutil.

—Surpresa—, diz ele com Calma. Eu também sei como fazer isso.

Eu pisquei os olhos, admirada.

Então, comecei a rir. Pela primeira vez em semanas, ri alto.

"Brindo à vida ao seu lado, Mara." E levanto a moeda.

Ela, encharcada até os ossos, olha fixamente para mim.

—E eu por te acompanhar na morte, Kitt.



CAPÍTULO 17
Mara

A cama king size é muito macia.

A morte espreita à beira do abismo, é claro; ela não se deita com a Kitt adormecida. Ele gostaria de se lembrar da sensação de um braço forte puxando você em direção a outro corpo e um hálito quente roçando seu pescoço, mas talvez todos os Azer sejam iguais. Talvez ele já tenha amado e odiado este. Rei em uma vida passada. Talvez não seja necessário fazer isso de novo.

(Ou talvez desta vez seja diferente).

Mara observa a ruga na testa do rei; o luar acaricia a linha que marca sua pele. O sono frequentemente a fascina, pois é a arte de equilibrar a Vida e a Morte (que geralmente não apreciam a companhia uma da outra). A quietude abençoada permite-lhe... A alma se esconde num estado de pura existência. E Mara inveja esse limbo, esse nada.

Kitt acorda sobressaltado, puxando os lençóis para longe da pele suada. Seus olhos verdes (os mesmos que vagavam sem rumo em uma vida passada) procuram a Morte na escuridão, e ele se assusta novamente ao vê-la. É normal; qualquer um reagiria assim se a encontrasse sentada em sua cama. Mara tem má reputação; ela geralmente não deixa nenhuma alma viva depois de visitá-las no meio da noite.

—M-Mara?

A voz do rei reflete surpresa, mas não medo. Ele não tem medo dela.

(E a Morte adora isso).

"Você estava tendo um pesadelo", ela lhe diz, como se ele não soubesse. "Sua angústia me chamou."

(Isso é parcialmente verdade. A morte já havia se instalado ao lado da cama antes) que a inquietação de Kitt a chamava, mas isso não importa).

Kitt acena com a cabeça, sonolenta.

-Desculpe.

"Você sente?" Mara inclina a cabeça. É um hábito que não morreu com ela. "Por quê?"

"Deve ser..." O rei busca a palavra certa em meio à sua mente confusa; finalmente, dá de ombros. "Deve ser irritante. Ser chamado o tempo todo, mas nunca ser visto." Ele pisca. Os olhos se estreitam — Eles te obrigam a perceber tudo, e ainda assim não te dão nada.

Estas são palavras que ressoam com tanta sinceridade, com tanta inocência diante do mal, que a Morte sente seu coração frio ansiar por bater novamente. Pois ela anseia por se lembrar da simplicidade de ver o melhor nos outros, em tudo. Mas esse é um luxo que só os vivos podem se dar. Ingenuidade, uma bênção. E a maldição, ao mesmo tempo, foi exatamente o que levou Mara à morte há tanto tempo. Agora Kitt fez o mesmo.

Este homem diante de Mara é tão humano… Ele está sentado entre os lençóis amarrotados, aguardando uma resposta dócil de uma criatura selvagem que não parece ser. A Morte o observa (sempre, mas agora mais do que nunca) enquanto ele a olha como se houvesse um engano. Como se ela fosse algo mais do que um monstro de Mors. E Mara gosta que ele a veja dessa forma, como uma garota que merece a atenção de um garoto porque ele escolhe dar-lhe essa atenção, não porque ele tem medo do que acontecerá se não o fizer.

"Não desejaria essa outra vida nem para o meu pior inimigo", respondeu ele finalmente ao rei.

Porque essa bondade, essa estranha compreensão, está fazendo algo crescer no peito da Morte. Ela ignora isso. O sentimento, claro, é pelo bem de Kitt.

Ele acena com a cabeça. Seus olhos estão fixos na face da Morte.

(E é uma pena, mas é algo de que ele gosta.)

Elas se sentam nas sombras, satisfeitas e confortáveis no silêncio compartilhado. Porque Mara já tem idade suficiente para apreciar a solidariedade silenciosa. Houve um tempo, quando ela era jovem e, bem, viva, em que o silêncio Antes, ele achava isso cínico. Agora, porém, ele aprecia o simples fato de existir ao lado de outra pessoa.

"Com o que você estava sonhando?", perguntou a Morte finalmente.

O rei suspira e imediatamente começa a tossir.

—Meus maiores medos estavam se tornando realidade.

—Quais medos?

Não há como escapar da Morte. O rei sabe disso, e é por isso que ele responde:

—Tornar-se um monstro.

Mara medita sobre a declaração.

—Você tem medo de que seus planos para Ilya e os outros reinos façam com que os outros o considerem um monstro?

Há um momento de silêncio. Então, os lábios de Kitt formam um "sim" silencioso.

"Você está preocupado com o que Kai vai pensar de você", aponta a Morte sem rodeios, como sempre. "Então por que você está fazendo isso?"

O rei inclina a cabeça, com os cabelos ainda despenteados. por causa do sono.

“Quero ser maior que meu pai, sim. Mas acima de tudo… quero que ninguém se sinta como eu me senti a vida toda.” Ele ergue os olhos, e a determinação brilha neles. Olha para Mara. “Se eu conseguir isso, se todos formos de elite, seremos iguais. Não haverá necessidade de lutar para acompanhar ninguém . Nenhuma criança será rejeitada ou explorada. Porque, enquanto houver…” Elites e plebeus, sempre haverá divisão. —Kitt prende a respiração—. Sempre haverá decisões difíceis e complicadas a serem tomadas. E

eu não permitirei que ninguém mais carregue o fardo de uma missão, um legado. —Ele ri, e a risada é trêmula, carregada de emoção—. Não. Eu vou garantir que isso acabe.

A morte encara o monarca, com um olhar determinado.

—Você pensou muito bem nisso.

"Eu sei que as pessoas acham que sou louco", admite Kitt. "E aqueles que não acham agora, logo acharão." Ele engole em seco. "Mas antes de ser rei, eu era apenas um garoto que queria ser amado. Tudo porque meu pai era obcecado pelo poder que faltava ao povo comum. E olhe para mim agora. Estou um caos." Outra risada trêmula. "Não precisamos de mais ninguém como eu neste mundo." reino. Não, eu quero ser o começo de algo melhor. De algo importante.

Um silêncio acolhedor retorna.

A luz do luar entra pela janela, banhando a Morte e sua vítima entregue. Ambas aguardam as palavras uma da outra, expectantes, mas sem pressa. É agradável estar ali, juntas, entre dois momentos.

"Você não vai gostar desse mundo novo", Mara, sempre pessimista, o lembra no final.

"Mas Kai fará." O rei passou a mão manchada de tinta pelo rosto magro. "Desta vez, farei o trabalho sujo por ele. No fim, o futuro será muito mais doce que o passado."

"É admirável." "Não significa muito vindo da Morte, mas ela diz mesmo assim."

Kitt olha para ela com tanta esperança que chega a ser surpreendente.

—Você não acha que eu sou um monstro?

-Parece para mim Que você não sabe o que é um monstro.

"Talvez." Ele se aproxima da Morte (em vários sentidos) e a examina. "Porque, a julgar pela sua aparência, você não é."

—Qual é a minha aparência?

"Parece uma armadilha." Kitt sorri. É um sorriso sincero, infantil, muito típico de Azer. "Mas não, falando sério."

A morte está à espreita, mas sua voz se apresenta com firmeza.

-Prossiga.

—Acho que você é um ser muito bonito que precisa "Fazer coisas ruins." De repente, o rei ficou muito sério. "Você não é mau, não. Você é obediente."

Se Mara tivesse sangue correndo em suas veias, ela teria ficado vermelha. Mas, como esperado, ela mantém a voz neutra.

—Então, o que você acha? Sou um monstro?

—Não tenho medo de você.

—Eu não te perguntei isso.

Os olhos verdes fitam a Morte com mais ternura do que ela merece.

—Você não se parece nada com ele. Então não, você não é um monstro.

Mas Kitt não para por aí. Se ele tivesse parado, talvez as coisas tivessem sido diferentes. Mas dar esperança à Morte significa que ela o matará com ela.

"Na verdade", acrescenta ela muito lentamente, "se você tivesse me dito que era uma deusa, eu teria acreditado. Eu não teria hesitado em adorar um ser tão divino."



CAPÍTULO 18

Mara

—Em nome da peste! Aposto qualquer coisa que vocês são o pior hipermercado de Ilya.

O Imperial cobre os olhos com um lenço e não consegue ver a desaprovação refletida no rosto de Blair, mas a Morte, que está sentada na cama, capta a imagem perfeitamente.

—Bem, eu sou apenas um homem pobre e mundano—o sussurro vem O desligamento do Lenny—. Não sei o que você achou que ia acontecer com esse exercício…

"Eu esperava", resmungou Blair, "que você ao menos tentasse usar seu poder. Agora, abra seus sentidos ao máximo."

O príncipe imperial, sentado no chão de madeira, muda de posição, visivelmente desconfortável.

—Isso é uma perda de tempo.

—Tenho certeza de que qualquer tempo que passei com você poderia ter sido melhor aproveitado—debocha a TV. Sem piedade—. Agora, cheire.

Abra um frasco.

"Descreva os aromas", diz ela enquanto Mara examina a notável coleção de especiarias de Blair.

"Com o lenço amarrado no rosto, é difícil sentir o cheiro", murmurou Lenny.

Blair franze a testa.

—Não tem cheiro de nada.

—Tem o seu cheiro.

A televisão pisca, surpresa. A morte tem a sorte de ter um lugar na primeira fila para assistir... Blair tenta manter a compostura. Ela se endireita e puxa a pele da palma da mão.

"Então cheire com mais força", ele finalmente ordena.

Lenny suspira, exasperado, sem perceber o efeito que o fato de saber qual é o seu perfume teve na TV.

—Hum… —Mesmo estando a vários metros de distância, ele consegue distinguir cada nuance do leve aroma que Blair exalou—. Apimentado, com um Um toque suave.

—Esforce-se mais.

"Está ótimo. Detecto uma nota cítrica", arrisca o imperador. "E depois algo terroso, como..." Ele faz um esforço, procurando por aquele tom sutil. "Como madeira. Pinheiro."

"Nada mal." Blair pareceu satisfeito. "Seria uma pena se você não conseguisse identificar um tempero que combine tão bem com cenouras."

Lenny franze a testa e arranca a bandagem.

—O que era?

Eles estão nesse treinamento estranho há um bom tempo, e o sol já se pôs (por isso Mara não está empoleirada embaixo da janela), mas a Morte não deixa de notar a expressão satisfeita de Blair enquanto ela exibe o frasco.

—Ginger, é claro.

"Hahaha." Ele balança a cabeça, derrotado. "Sabe de uma coisa? Me chamar pelo meu nome também seria ofensivo. Estou fadado a ser 'Lenny'." E minha mãe ainda tem a audácia de dizer que me ama.

Mara inclina a cabeça ao ver o sorriso frio que surge nos lábios de Blair.

—Tenho certeza de que ainda é bom ouvir isso.

O governante imperial ponderou sobre essas palavras. Nem todos recebem esse tipo de afeto. E aqueles que recebem, refletiu a Morte com amargura, mais cedo ou mais tarde serão magoados.

—Sim, é bom "Lenny cede em voz baixa. Ele parece prestes a se abrir e falar honestamente, mas Blair retoma as formalidades."

“Essas são todas as especiarias que tenho aqui”, informa ela, apontando para um pequeno baú escondido sob o assoalho. Ela está sentada de pernas cruzadas, cercada por potes espalhados. “Mas você pode pedir mais uma dúzia para a Gail amanhã, para que possamos continuar treinando.” Seu olfato. É seu ponto fraco, e isso já diz muito.

Lenny, ignorando a provocação, aponta com o queixo para o único tempero que resta na caixa.

—E quanto àquela?

O olhar da TV está direcionado para a poeira marrom no baú.

—Não vamos usar essa. É noz-moscada.

Mara se aproxima para ouvir, intrigada.

Lenny a imita com um leve sorriso.

-O que está acontecendo? Você não gosta de noz-moscada?

"Por que eu gostaria disso?" Blair explode em fúria. "Noz-moscada é nojenta. Eu não suporto."

Morte tem a estranha sensação de que Blair não está mais falando de especiarias. Aliás, se ela olhasse atentamente para a cor dos olhos de Lenny, Mara a compararia a uma generosa pitada de noz-moscada. Mas essa é apenas a opinião dela, claro. Talvez Blair esteja pensando... em algo completamente diferente. (Embora a Morte raramente esteja errada nessas questões).

"Tá bom, tá bom." Lenny levanta as mãos para mostrá-las. "Sim, com certeza, noz-moscada é a pior."

O comentário parece acalmar a raiva repentina de Blair, que suspira e começa a colocar os frascos de volta em seus lugares dentro do caixão.

—Você está melhorando. Que bom. Para ver que você não é um caso perdido.

O Imperial resmunga, incrédulo. Faz uma semana desde que a futura rainha partiu para Izram (um reino que a Morte costuma visitar durante suas coletas de almas, embora não precise atravessar o Bajío para chegar lá), e desde então, eles têm passado cada hora do dia levando o poder do Imperial ao limite.

Mara olha para Blair (assim como Lenny, com muita frequência e grande intensidade, escondia debaixo do assoalho a prova incriminatória de sua paixão: a caixa de especiarias. E, a cada dia que passa, a pele da palma de sua mão piora.

O imperador pigarreia.

—Então por que você diz que está me ajudando?

"Não pergunte, para que eu não mude de ideia", respondeu Blair. "Além disso, embora me surpreenda, tenho que admitir que sua ideia de adicioná-lo..." Fogo até a morte não é uma ideia totalmente estúpida.

(A morte aguarda ansiosamente esse desastre iminente).

—Obrigado pelo… elogio.

"Não precisa agradecer", a TV desliga. "Só estou pagando uma dívida."

"Verdade", admite Lenny sarcasticamente. "Porque não há um pingo de bondade no seu coração, não é?"

Blair mantém o olhar fixo com absoluta seriedade.

—Não sei o que há em meu coração. Provavelmente está vazio.

Mara pondera essas palavras. Seu coração já não bate, então ela não se considera capaz de tirar conclusões. E isso é curioso, visto que tirar conclusões precisas é seu passatempo favorito.

Após refletir por alguns instantes, o homem imperial deu de ombros, indiferente.

—Assim, você terá mais espaço para guardar as coisas que você ama.

Blair tem Ela teve que se esforçar para não encará-lo com espanto. Algo muito parecido com admiração passou por seu rosto, mas a indiferença imediatamente tomou o seu lugar.

—Isso é realmente estúpido.

Nesse instante, a Morte se retira para deixá-los desfrutar do tédio a sós. Ela sai pelo corredor com uma estranha sensação de excitação no estômago. Sim, Mara Ela aguarda ansiosamente sua lição da tarde sobre como viver. Claro, essa expectativa não tem nada a ver com a perspectiva de passar um tempo com o rei. Nada mesmo.

Ele a espera na cozinha, com um pano pendurado no ombro. O cabelo de Kitt é um emaranhado de fios dourados e despenteados; as marcas dos dedos, de tanto penteá-lo, refletem sua frustração. Os olhos verdes de Mara se encontram assim que ele cruza a soleira; ao vê-la, seu olhar se torna mais caloroso.

É uma reação muito rara quando alguém vê a Morte. Na verdade, o oposto costuma acontecer. E é por isso que Mara tem tanta dificuldade em conter o sorriso que ameaça surgir em seu rosto, que de outra forma seria inexpressivo.

—Pronta para a lição de como viver? —ele pergunta a ela. como uma saudação.

A verdade é que Mara a espera há uma semana inteira, desde a conversa delas nos jardins. Mas, compreensivelmente, entre governar um reino e morrer lentamente, o rei está muito ocupado, então a Morte foi generosa e lhe deu um pouco de espaço. Ou pelo menos, é o que ele pensa. Na realidade, ela o observa de longe desde o início: os encontros com os

estudiosos, as bobagens... dos curandeiros e, o mais interessante, das refeições com Paedyn Gray.

Mas nada disso importa, ela se convence. É impossível.

Pode parecer surpreendente, considerando o quão sensata e estoica Mara é, mas às vezes ela tem uma tendência a se tornar obsessiva.

Neste caso, é claro que não.

Isso é só para entretenimento, certo?

—Estou pronta — responde Mara com total sinceridade. Ela entra na cozinha e para ao lado dele. "O que vamos aprender?"

Kitt sorri e pega um saco de farinha do armário na parede. Suas mãos estão manchadas de tinta.

—Criar… Da maneira mais simples, claro. Me ocorreu que poderíamos tentar cozinhar alguma coisa.

É irônico pensar na televisão que ficou confinada ao quarto dele até a partida de Paedyn. Mas a Morte não se opõe.

-Tentar?

"Se conseguirmos fazer algo comestível", o rei balança a cabeça, "considerarei isso um grande sucesso."

Mara observa em silêncio enquanto Kitt reúne vários ingredientes e os coloca na bancada sem hesitar por um segundo. A Morte nota suas olheiras profundas e a pele tensa em suas bochechas. Sim, dia após dia, sua alma azulada. Está desaparecendo.

"Os curandeiros ainda fazem você engolir essas ervas inúteis?", pergunta ele.

"Sim." Ela olha para ela de soslaio. "Mas eu gostaria de pensar que elas não são totalmente inúteis. Talvez elas me ajudem um pouco."

Seguindo as instruções do rei, Mara despeja farinha em uma tigela.

—Não. Os curandeiros já não sabem como curar sem seus poderes.

"Como você sabe tanto sobre Ilya?", pergunta Kitt, interessada. cético.

—Como é que você sabe tão pouco sobre o seu próprio reino?

Ela não consegue conter o riso.

—Você diz o que pensa. Isso é apreciado.

—A morte não tem tempo a perder.

—Não, claro que não—ele responde. —Ainda me parece muito estranho que você esteja aqui, como uma entidade física.

Mara permanece ao lado do rei enquanto ele quebra um ovo e o despeja na tigela para misturá-lo com o... outros ingredientes. A verdade é que ela não está se mostrando de muita ajuda.

"Vamos ser honestos, Kitt", diz ele; usar o próprio nome o embriaga. "O que mais te surpreende é que a Morte seja uma mulher."

"No começo, principalmente." Ele olha para Mara com olhos cansados. "Mas só porque eu esperaria tamanha brutalidade de mais de um homem."

"Eu não sou uma assassina", corrige ela, secamente.

O rei franze a testa.

—Mas você é… a Morte.

"Eu sou a ausência de vida", responde Mara sem rodeios. "Assim como a escuridão nada mais é do que a ausência de luz. Eu apenas recolho almas quando a vida decide deixá-las ir."

Kitt para de bater o conteúdo da tigela e fica olhando para ela.

—Você quer dizer que a vida é o que mata?

—É a vida que dá alma, não a morte. Quem quer que o roube. Embora eu seja quem acabe com a má reputação. —Mara desenha com os dedos na camada de farinha sobre a bancada—. Não importa. Os humanos precisam de alguém para culpar. Não me importo de ser a vilã.

O rei balança a cabeça negativamente.

—Sinto muito. Não é justo.

Uau, este rei, mais uma vez, compreende a Morte.

"Não é justo", concorda ela calmamente. "Mas eu sou boa nisso." A punição, se assim o desejar. —Um batimento cardíaco (o de Kitt, claro) depois, a Morte já mudou de assunto—. Agora, o que estamos tentando fazer?

— Ah, sim. — O rei passa os dedos pelos cabelos. — Devo ensinar-te a viver. Terás de esperar até que chegue a tua vez de me dizeres como morrer. — Ele força um sorriso. Mara gosta bastante do calor que ele exala, tão diferente do seu próprio. para ela em todos os sentidos—. A intenção era fazer uma bandeja do doce favorito aqui em Ilya…

—Bolinhos de mel—A morte termina—. Pelo que entendi.

Levante as sobrancelhas.

—Você já experimentou?

—Eu não como.

A expressão do rei é um poema.

"Ah. Bem. Não tenho estado muito esperto, não é?" Ele ri baixinho. "Tenho estado meio desorientado ultimamente..."

-Mas "Posso comer?", interrompe Mara. Ela não quer desapontá-lo. Nem quer parar para pensar no porquê, é claro.

"Ufa, ainda bem." Ele suspira, aliviado. "Nesse caso, você vai precisar de um avental." Ele pega um de um cabide próximo. "Aconselho que tire sua capa."

A Morte, que em todos os anos que passou em Mors nunca fez nada parecido, desabotoa seu grosso manto de lã e o coloca... Ele tira o manto dos ombros dela, revelando uma roupa preta justa. O rei se aproxima, pega a capa gasta e a pendura no gancho vazio, depois olha para Mara, que o observa atentamente. Ele passa a alça do avental por cima da cabeça dela para vestir a roupa manchada. Se Mara tivesse fôlego, prenderia a respiração quando ele a abraçasse pela cintura (os braços roçando seus quadris, mas Mara mal percebe isso (é claro) para dar o nó atrás das costas dele.

"Pronto", ele sussurra em seu ouvido. "Assim você não vai ficar toda coberta de farinha. Embora eu não esteja prometendo nada."

A Morte o observa enquanto ele se aproxima do balcão novamente. Quando ele finalmente recupera a compostura, ela o segue.

Kitt inclina a tigela e a sacode um pouco para soltar a massa de dentro, e isso Cai sobre a bancada; sua textura não é nada promissora. O rei e sua sombra da Morte contemplam o que fizeram.

"É assim que deveria ser?", pergunta Mara, incerta.

Kitt está se segurando para não rir.

-Eu não faço ideia.

Ele tentou amassá-la para que ficasse com uma aparência mais apetitosa, mas estava seca e grumosa, e parecia estar salpicada de cascas de ovo. Finalmente, o rei Ele desiste e contempla o trabalho fracassado.

"Sabe de uma coisa...?" Ela balança a cabeça. "A vida é uma bagunça, quase sempre complicada e caótica. Então..." Ela passa a fita em volta da cintura de Mara novamente e a desamarra com um único puxão. "Esqueça o avental. Você já aprendeu o que precisava saber sobre a vida."

A morte despe-se de sua bela vestimenta.

-Eu não entendo.

O rei, sorrindo, coloca a mão em no saco de farinha. Em seguida, ele passa um dedo empoado no nariz de Mara.

"O que você está sentindo?", ela pergunta. Fazia dias que seus olhos não brilhavam com tanta luminosidade.

A Morte, confusa, contempla o rei sorridente.

—Sinto farinha no meu nariz.

O rei leva o rosto às mãos, que agora estão completamente brancas de farinha.

-E agora?

Mara olha para ele. Ninguém consegue tocar a Morte desse jeito. E mesmo que pudessem, certamente não ousariam. Ela havia esquecido a sensação de ser abraçada. E, naquele momento, Mara temia até onde estaria disposta a ir para senti-la novamente.

"Sinto... uma excitante falta de controle", ele compreende.

O sorriso do rei se alarga.

Suas mãos manchadas ainda seguram o rosto de Mara.

Sim, a Morte cometeu um grave erro ao ir embora. lá.

"É isso aí", diz ele, respirando com dificuldade. "É assim que se sente estar vivo."

Mara se lembra disso. Ela se lembra daquela sensação. Há algum tempo, isso estava associado a um fantasma.

Ao ouvir passos se aproximando, o rei se afasta. Outra sensação que a Morte conhece muito bem.

—Blair, não…

O rangido das dobradiças abafa o sussurro de aviso. A TV entra em A cozinha, sem nenhuma preocupação no mundo; as botas afundam em uma poça de luz.

"Ah", diz ele indiferentemente. "É você."

Ele conta tudo para Kitt, claro, mesmo com Mara atrás dele, invisível e coberta de farinha.

Lenny para abruptamente atrás da garota que está de vigia. Quando vê o rei, engole em seco.

—Sua Majestade. Peço desculpas por esta intromissão.

E pensar que a Morte Pensei que a noite não poderia ficar mais interessante…

"Blair." Kitt pigarreia. Ele precisa se esforçar para não olhar para Mara. "Este é o último lugar onde eu esperava te encontrar."

Seu olhar recai sobre a massa disforme em cima da bancada.

-Eu também estou me perguntando a mesma coisa.

O imperador pigarreia em resposta.

—Majestade, ocorreu-me que, já que Paedyn foi competir Durante o segundo teste, Blair aproveitou a oportunidade para esticar um pouco as pernas. "Não queríamos interromper você enquanto cozinhava", disse ela, olhando para o que estava sobre a bancada.

"Não se preocupe, não é nada." O rei enxugou as mãos enfarinhadas nas vestes. "Nós... Eu terminei por hoje."

Sem perceber, seu olhar se volta para a Morte. Ela acena com a cabeça.

Sim, é muito bom que As pessoas notam a sua presença.

O olhar de Lenny percorre o que, para ele, é um quarto vazio.

—Ah… Obrigado, Vossa Majestade.

"Aproveite seu tempo livre, Blair", aconselha Kitt enquanto se dirige para a porta. "Mas se Paedyn voltar, você terá que retornar ao seu quarto, pelo menos por mais algum tempo."

O cavaleiro imperial fica um tanto surpreso ao descobrir que o rei não confia que sua noiva retornará. Mara não consegue deixar de se perguntar se, talvez, Kitt não tenha intenção de trazer Paedyn de volta. Não é uma acusação infundada, considerando o incidente fatal que trouxe a Morte para o seu lado.

Ela estava suspensa no ar, acima de um mar revolto. A essa altura, Mara já não se surpreendia com as situações em que Paedyn Gray se metia. Mas naquela ocasião, ela simplesmente... Ele a observava de longe, aguardando para ver se seus serviços seriam necessários. Não foram, é claro. O carrasco a arrastou de volta para o navio, e ela evitou outro encontro próximo com a própria Morte.

Sim, Mara teria que perguntar a ele sobre isso.

"Você não hidratou a farinha", aponta Blair com um desdém mal disfarçado. "É por isso que a massa está com essa aparência ruim."

Lenny Ele fica surpreso, mas o rei apenas lança a Blair um olhar que sugere a relação tempestuosa entre eles.

—Vou me lembrar disso para a próxima vez.

—Sim, melhor — diz a TV, enquanto o observa se afastar.

Kitt sai rapidamente da cozinha; a Morte tira a capa, joga-a sobre os ombros enfarinhados e o segue.

Eles ainda ouvem a raiva de Blair, cada vez mais. distante, através das portas que se fechavam.

"Que desperdício de ingredientes. Vou tentar aproveitá-los. Agora escute com atenção, cenourinha. Você, mais do que ninguém, deveria ser capaz de fazer isso. Preciso de limão, água morna, paus de canela..."

O rei balança a cabeça negativamente ao virar a esquina.

—Agora eu entendo por que você está assistindo a eles.

Mara olha para o final do corredor com uma expressão de saudade.

"Você quer ir vê-los agora, não é?" Kitt suspira.

"Algo está acontecendo com suas almas", diz a Morte. "Eu pensava que estivessem condenados, mas agora não tenho tanta certeza."

"As almas deles?", disse o rei com um gesto de incompreensão.

—É algo que você aprenderá quando eu lhe ensinar como morrer.

"Combinado." Kitt sorri tristemente. "E... obrigada . É muito fácil para mim ser eu mesma quando estou..." com você.

Mara não lhe conta que esse sentimento provavelmente se deve ao fato de sua alma estar se aproximando cada vez mais dela… da Morte. Ele se sente bem na presença dela por causa dessa conexão mórbida entre eles, e nada mais.

(Mas talvez, só talvez, haja algo mais).

"Boa noite", diz Azer docemente ao sair. Ele é como muitos daqueles que vieram antes dele. Kitt se vira para sair. Mas antes de fazer isso, ele lhe lança um olhar de soslaio. "Naquela noite, na sala de estar... Você estava falando sério sobre não dormir, não é?"

"Muito sério", ela responde calmamente . "Como sempre, receio."

Ele acena com a cabeça, com um leve sorriso que desperta um certo calor no peito frio da Morte.

—Sim, estou começando a perceber. Ah, e… —Ele gesticula vagamente em direção às feições de Mara—. Acho que você tem alguma coisa no rosto.

O sorriso que aparece no rosto da Morte pode não ter sido totalmente involuntário.

—Ainda bem que só você pode me ver.

"Sim." Kitt se vira para sair. "Tenho a Morte só para mim."

Ele tem razão.

Se ele já não estivesse condenado à morte, essa nova obsessão pela Morte certamente acabaria sendo fatal.



CAPÍTULO 19
Mara

A morte muitas vezes reflete a fragilidade da vida.

Não nos seres humanos em si, mas na negligência com que um destino caprichoso os trata. Um passo em falso, um erro de julgamento, e eles, ainda vivos, perdem o equilíbrio, apenas para serem arrebatados pela Morte. Porque a vida não tolera nada que a faça parecer fraca. E é por isso que tão poucos parecem Para obter sua aprovação.

É isso que Mara pensa enquanto observa o rei moribundo, tentando fazer jus ao seu poderoso irmão. Eles lutam na arena, suas espadas reluzindo na tímida luz da aurora. Seus sorrisos e risos ofegantes revelam muito sobre o profundo laço que os une.

Como são jovens. A morte os observa há pouco tempo, mas já chegou. Chegando a essa conclusão. Seu trabalho é extremamente injusto, e Mara não sente nenhum prazer em ter que separar essas almas. Mas a vida lhe tirou Kitt Azer, e ela deve arcar com a culpa de sua morte.

Ela geralmente não se importa de ser a vilã, de levar a culpa pelos atos impulsivos da vida. Mas não com ele. Não, por alguma razão terrível, a Morte quer que ele seja... Kitt a cumprimenta com carinho.

O choque das espadas chama sua atenção mais uma vez, e ele encontra os irmãos Azer em combate, com as espadas cruzadas, muito próximos um do outro. O carrasco tem um momento para estudar o rosto magro do irmão.

Você... você está bem?

A morte inclina a cabeça diante de uma observação tão perspicaz.

O rei empurra o irmão para longe.

—Por que você pergunta?

Kitt sabe exatamente por que seu irmão diz isso. Ele parece ainda pior que a Morte. Aliás, muita gente acha a Morte muito atraente.

Kai balança a cabeça negativamente.

—Notei algo diferente.

Esse príncipe é curioso.

"Não estou me sentindo muito bem." Kitt mente com naturalidade. "Vai passar, não se preocupe." "Não vai passar." "Você esteve aqui o tempo todo?" a noite?

O irmão solta uma risada. Sua respiração está ofegante.

—A esta altura, isso não deveria te surpreender.

Kitt está tão absorto que não percebe a presença da Morte. Ou talvez já tenha se acostumado com seu olhar atento. É o que ela prefere pensar. A familiaridade traz consigo uma certa intimidade.

—Pensei que você estaria com Paedyn—o rei diz com desinteresse que bilhete falso.

Eles trocam mais alguns golpes.

"Não..." Kai finalmente consegue dizer. "Não a vejo desde que estávamos no porão."

Ah, sim. A adega.

Mara observou o banquete extravagante oferecido em homenagem a Paedyn após seu retorno do segundo Teste, caminhando ao redor da mesa repleta de comida, em meio à conversa animada da corte. A celebração era uma farsa, é claro. O rei já havia Ele havia lhe dito que aquela mulher vulgar não passava de uma peça em seu grande plano para Ilya. Um plano com muitos problemas.

Mas a Morte se divertia. Ela ouvia os dilemas de Lenny sobre a quantidade de garfos à sua frente, enquanto Blair respondia com condescendência, em vez de apoio. Mara apreciava como os olhos de Kitt buscavam os seus repetidamente. ou o sorriso que ela me deu quando sussurrei em seu ouvido o que eu havia descoberto sobre o tribunal.

Um homem usava meias diferentes. Outro repetiu a refeição. A mulher ao lado dele comentou que, para alguém tão comum, Paedyn tinha um cabelo muito bonito.

A morte e a alma que em breve lhe pertenceria continuaram assim até que o rei... Ele se levantou para fazer um brinde. Então, sua futura esposa fez o mesmo, embora o dela não passasse de uma ameaça velada contra Blair. A tensão diminuiu quando o jantar terminou e o trio (junto com a Morte) desceu para o porão.

Ali, Mara viu todos os problemas de Kitt desaparecerem quando ele ligou para seu irmão Kaitty. Paedyn e os dois irmãos que ele havia enfrentado sem Sabendo disso, passaram quase a noite inteira bebendo vinho, e isso quando não estavam rindo.

Mas a atenção do rei estava voltada para Kai. Era ainda mais evidente do que a atração do carrasco pela noiva. Agora que o príncipe retornou a Ilya, Kitt não está perdendo tempo. Ele tem muito pouco tempo.

"Estou surpreso", disse o rei, ofegante, no círculo da terra. Era a resposta para a pergunta. Alegada falta de contato entre Kai e a futura rainha, claro.

Kai bloqueia um soco rápido.

—Por que isso te surpreende?

—Você sabe por quê.

"Ilumine-me", desafia o carrasco.

A morte se curva diante do suporte de armas, expectante.

"Porque você a ama!" murmurou o rei de repente. Ele baixou a espada, derrotado. "Talvez mais do que qualquer outra pessoa."

Desde que ele descobriu o pesadelo Mara está cada vez mais hábil em reconhecer o medo em Kitt, mas o medo que ela sente agora é agudo e assombra o rei em plena luz do dia. E

não se trata dela, da Morte, como acontece com a maioria, mas da falta de amor da única pessoa que realmente o conhece.

Kai engole em seco.

—Não diga bobagens, Kitty. Ela é sua noiva.

—E eu sou seu irmão —responde o Rei—Sempre. Não importa o que aconteça.

O carrasco acena com a cabeça.

—Você e eu. Sempre.

É tudo o que Kitt Azer deseja ardentemente desta vida que está lhe escapando por entre os dedos.

A Morte os observa treinar até altas horas da madrugada. Kitt, pior com a espada, esquece de esquivar de alguns dos ataques ensaiados do carrasco, então eles persistem até que cada movimento seja preciso. Mara se pergunta se ele faz isso de propósito. Se o rei age de forma desajeitada deliberadamente para passar mais tempo com seu amado irmão.

Passa-se um tempo considerável antes que Kai tenha que interromper seu treinamento para cumprir seus deveres como executor. O rei percebe a Morte pela primeira vez e sorri, ainda ofegante. Os dedos frios do inverno bagunçaram seus cabelos, e sua pele está escorregadia de suor. Naquele momento, ele parece completamente vivo. Apesar dos claros sinais de que a vida o está abandonando.

"O que você sabe sobre ele?", pergunta Mara, gesticulando na direção do carrasco que caminhava.

Kitt começa a rir, mas logo em seguida começa a tossir.

—Do Kai? Ele é meu irmão.

—Até que ponto você o conhece?

"Ele é um portador, um dos poucos membros da elite que podem usar os poderes daqueles que o cercam", explica o rei. Nós temos... Nós tínhamos o mesmo pai. E eu sei tudo sobre ele. —O sorriso de Kitt desaparece, e Mara se arrepende de ter feito a pergunta—. Eu sei tudo sobre Kai, e faria qualquer coisa por ele. Estou fazendo tudo por ele. Tudo isso é por nós.

-Muito bom.

Ultimamente, o rei tem estado cada vez mais irritável, então a Morte parou de fazer perguntas. Além disso, tudo o que ela queria saber era sobre Kai. Ele possui o poder de um portador. Suas suspeitas estão sendo confirmadas.

"Por que você quer saber?", Kitt finalmente pergunta com um suspiro.

Mara observa o carrasco desaparecer em meio à multidão de imperiais.

—Então vocês não nasceram do mesmo ventre.

"Minha mãe morreu ao me dar à luz", admite o rei. "Então, sim. Rainhas diferentes."

-Zumbir.

—Agora você está ficando enigmática, Mara?

O que muitas vezes motiva a Morte é a esperança de que eu diga o seu nome.

"Não é uma decisão minha", responde ele. "Está na minha natureza."

Mara se afasta do rei. Ela aprendeu há muito tempo que é melhor deixar os homens querendo mais. Ela percebe os olhos verdes fixos nela (porque a Morte não trouxe o manto de Mors. Não foi por causa de Kitt, claro, mas é que está tão quente...). Fiel a ela. Como parte

de sua rotina, ela verifica como estão as outras duas almas que protege. Ela tem uma figura muito maternal.

Quando a Morte aparece ao lado da porta fechada da TV, o chão está coberto de velas.

"Certo", diz Lenny. "Você vai me prender contra a parede porque sou um completo novato. Quando Pae não estiver olhando, você me solta e..."

—E você tropeça numa vela, o fogo começa e eu morro. —Blair Ela revira os olhos. — Ah, qual é, eu entendi.

O imperador inspeciona a sala, cada uma das velas.

—Preciso ir à cozinha pegar um pouco de óleo para colocar no chão.

Mara caminhou sobre o mar de cera até se sentar na cama, fascinada. Ela não imaginava que eles tivessem um plano como esse.

Blair suspira, irritada. A Morte entende que esta não é a primeira vez que eles revisam isso.

—O vulgar será deixado nas chamas…

"Ela não vai estar nas chamas", interrompe Lenny. "Elas vão estar... perto. E eu vou tirá-la daqui antes que ela se machuque. Ninguém vai se machucar", acrescenta ele, mais para si mesmo do que para ela.

"Nada vai acontecer com ele", suspira Blair. "A morte que simulamos é minha. Vou desaparecer nas chamas, direto pela passagem secreta."

Esse não é o plano. O mais elaborado da história, mas a verdade é que a Morte esperava algo pior. O Imperial acena com a cabeça.

—E eu te declararei morto.

Mara não está nada contente por ter sido falsamente acusada.

—E o meu corpo?

Lenny responde dando de ombros.

—Vou dizer que resolvi o problema.

"Mas minha mãe vai querer saber mais", responde a TV. "Você terá que contar a ela que o corpo estava tão..." Estou tão queimada que você me enterrou no cemitério para que eles não precisem me ver. Há uma área reservada para a família. Será um alívio para a sargento que você a esteja poupando do constrangimento do funeral.

"Do que ela poderia se envergonhar?", pergunta Lenny, intrigado. "Ela terá perdido a filha. Bem, não, mas é isso que ela vai pensar."

"Nas mãos de uma mulher vulgar", comenta ela. "A vergonha a consumirá." O sorriso A televisão é sinistra. É por isso que gosto tanto deste plano, entre outras coisas.

"Claro." Lenny pigarreia. Nesse instante, inclina a cabeça para o lado. "E agora que a mencionamos..."

Mara ouve o som alguns segundos depois: o clique de saltos altos se aproximando. Ela mal tem tempo de revirar os olhos antes que a porta se abra.

"Isto é ridículo", declarou a sargento ao entrar. Ele se dirige a Blair com uma confiança que só seria justificada se ele tivesse o dobro do tamanho dela. "Você está se escondendo dessa mulher vulgar há muito tempo. Está na hora de você voltar aos seus estudos para não envergonhar toda a família quando seu pai deixar o cargo."

Blair não desvia o olhar, mas encara diretamente os olhos de sua mãe.

Lenny apenas observa, inquieto.

E a Morte… Bem, a Morte está gostando do espetáculo .

—Não, obrigado, prefiro ficar aqui —é tudo o que a TV responde.

"Não seja boba", dispara a mãe. Ela agarra Blair pelo pulso e a puxa em direção à porta. "E pare de beliscar a palma da mão", ordena depois de examiná-la. "Que hábito horrível..."

Blair fecha a porta com a mente e se liberta do aperto do sargento.

“Sou imperfeita demais para você?”, ela debocha. Sua mãe se vira, muito lentamente, para encarar o desprezo na tela da televisão. “Quando eu tinha sete anos, você enfaixou meus dedos por um mês inteiro. Quando eu tinha dez, você colocou luvas em mim e as amarrou nos meus pulsos. E tudo porque você não suportava que ninguém visse meus defeitos.”

—Já chega. Pirralho ingrato. Eu sempre soube que você só nos traria humilhação…

—Não fale com ele desse jeito.

Mara vira-se abruptamente e ergue as sobrancelhas diante da audácia do oficial imperial. O rosto de Blair reflete a mesma surpresa. A sargento se assusta ao vê-lo, como se nem sequer tivesse notado sua presença até então.

—Pode me dizer por que não?

—Porque o rei me ordenou que protegesse Blair de qualquer ameaça—responde ele num tom invulgarmente firme. E neste momento, você representa uma ameaça.

A mulher pisca, incrédula, e finalmente solta uma risada desprovida de qualquer humor.

—Você é patético… Você não é ninguém, garoto. Não se meta em assuntos que não lhe dizem respeito.

Blair avança e interpõe seu corpo como um escudo contra o imperial.

"Sou a única que o insulta aqui", resmunga ela.

—Sim —Lenny confirma—. Só ela.

-Vá embora "Saia daqui, mãe." A porta se abre enquanto a TV está ligada. "Eu já disse que vou ficar no meu quarto."

O sargento observa as duas almas, agora mais entrelaçadas do que nunca. A Morte estuda a treliça dourada e verde, e a mulher bufa. É óbvio de onde Blair tirou essa personagem.

"Não acredito", ele murmura. "Você se importa com ele."

A TV Ele fica rígido.

-Sem chance.

Outra risadinha dolorosa, desta vez seguida pelo som de passos em direção à porta.

"Você sabe que não pode mentir para mim, Blair." Ele para na porta. "Bem, apodreça aqui se quiser. Você já humilhou esta família o suficiente."

E sem dizer mais nada, ele se retira, deixando para trás um silêncio ensurdecedor.

Mara assiste à televisão e à figura imperial. Sem perceber, ela tem começou a bater o pé no chão.

"É um blefe, não é?" murmura Lenny.

(Para Mara, o nome desse poder de elite dispensa explicações.)

Blair bate a porta novamente.

—Isso não significa nada.

—Com certeza. —O imperial ri, incrédulo—. Significa que você se importa comigo, e isso é verdade.

—A verdade, cenourinha —Blair responde em seu tom habitual. — em tom condescendente — Vou te partir ao meio se você não calar a boca.

—Seus batimentos cardíacos aumentaram, o que me leva a crer que você está mentindo…

A TV joga a bola roxa de volta na cara dele (Mara ainda não sabe de onde ela veio), o que o faz calar a boca.

A morte quase sorriu para o casal improvável. Talvez nem todas as almas entrelaçadas estejam fadadas ao fracasso, mas Essas duas coisas são diferentes. Existem conexões que têm a liberdade de decidir o que querem ser uma com a outra. E elas aspiram à união.

E o mesmo acontece com a Morte e com certa alma que aquece seu coração frio.



CAPÍTULO 20
Kitt

Ao luar, as folhas de grama parecem afiadas.

A Morte senta-se ao meu lado no gramado que se estende para além dos jardins. Tê-la tão perto é reconfortante. Eu não deveria me sentir tão à vontade ao lado da mulher que em breve me arrastará para Mors, mas sua presença me preenche de paz, como se estivesse me arrancando a morte. Um suspiro da minha alma cansada.

As misturas repugnantes que Eli me obriga a engolir todos os dias estão se mostrando tão ineficazes quanto Mara previu; não fazem absolutamente nada por mim. Minha cabeça dói constantemente e quase todos são insuportáveis. Em outras palavras, a peste está me matando lentamente de dentro para fora.

Mas com a Morte, eu me sinto muito mais vivo. Em sua presença, todos... As dores diminuem, a ponto de eu quase me esquecer de que em breve morrerei.

—Você sabe por que está morrendo?

Um raio de luar banha o rosto impassível de Mara, fazendo-o parecer esculpido em mármore. Ao ouvir a pergunta, suspiro e respondo o que acho que ela quer ouvir.

—Por causa da minha ambição?

—Sim, claro. Mas não apenas por esse motivo. —Ela estica as pernas na grama. Macias e reveladoras, as calças justas que as envolvem. A capa que normalmente a cobre desapareceu misteriosamente. Homens mais ambiciosos desfrutaram de vidas longas e prósperas.

Olho para o céu negro.

—Então por que estou morrendo, Mara?

"Porque nem você nem os outros habitantes deste reino sabem nada sobre poder", diz ele.

Eu franzo a testa lábios.

—Eu conheço o meu poder.

"Você sabe usar o que lhe foi dado." A Morte recosta-se e apoia a cabeça nas palmas das mãos. É um gesto casual que, ao mesmo tempo, lhe cai bem e mal. "Mas você não entende esse poder."

—E você? — pergunto, após refletir sobre essas palavras.

—Em primeira pessoa.

"Foi essa a razão da sua morte?", pergunto sem parar para pensar no que estou dizendo. Poder?

Em seu olhar penetrante brilha o profundo conhecimento de alguém que teve que descobrir tudo por si mesma. Não sei se gosto desse olhar. A morte pode me conhecer completamente, mas eu não ousaria adivinhar o que ela está pensando a qualquer momento.

Então ele responde, tão lentamente que meu coração dispara.

—Eu sou tudo o que fui e tudo o que em breve serei. Mas antes disso, eu estava apaixonado.

Engoli em seco, aliviada por descobrir que ele tinha razão em alguma coisa.

Mara nem sempre foi a Morte.

"O amor não é um poder em si mesmo?", murmurei.

"Para os sortudos, sim." Ele fala em tom ponderado, como sempre. "Mas para a maioria, significa morte certa."

Não consigo evitar encará-la, surpreso. Sob o céu estrelado, seu perfil é delicado. E ao mesmo tempo, é chocante. O mais assustador nela é a maneira como fala, com elegância e convicção. Cada vez que ela abre a boca, me pego concordando com cada palavra que diz.

O amor também já foi uma morte certa para mim.

Tudo o que acontece, tudo o que sou, se deve ao quanto amei um homem que nem sequer entendia o significado dessa palavra.

E agora eu sou um monstro, um rei, Um pouco de ambos.

Agora já não confio no amor, no que meu coração sente. Não por ninguém, exceto meu irmão.

Os grilos cantam por toda parte, preenchendo o silêncio com suas canções. O ar da noite esfriou. Mara deveria usar a capa. Se ela fosse apenas uma menina, e eu apenas um menino, talvez eu lhe oferecesse meu casaco.

—A propósito… —ele pigarreou—. Você prometeu Fale comigo sobre almas.

Não adianta continuar perguntando como ele morreu, ou melhor, especulando sobre a vida dele. Se ele quisesse me contar mais, já teria contado. E eu também não quero testar a paciência da Morte.

"Sim." Ela parece perdida em pensamentos. A verdade é que ela sempre parece assim e, por isso, sempre me sinto como se estivesse interrompendo-a. "Eu posso mudar a perspectiva e..." Concentre-se no plano espiritual. Ver a alma de alguém me ajuda a entender melhor que tipo de pessoa ela é.

Cruzo os tornozelos e imito a postura aparentemente relaxada de Mara. Ao colocar as mãos na grama, percebo que está úmida.

—Quando você diz que consegue ver almas, o que exatamente você quer dizer?

"É como uma massa de energia", explica ele. "Cada ser humano é único. As cores E as formas dessas almas, e até mesmo seus movimentos, são diferentes.

Tenho um acesso de tosse. Tento ao máximo ignorar a sensação de que a Morte está me observando atentamente, literalmente.

—Então —pergunto quando finalmente consigo falar de novo—como é o meu?

"É azul", ela responde suavemente. "Sem graça. Como uma poça d'água refletindo o céu do entardecer."

—E que forma tem?

—É oval.

Eu franzo ligeiramente a testa.

—Não parece muito interessante.

"E não é", afirma Mara calmamente. Em seguida, dá de ombros com alguma dificuldade, como se tivesse esquecido como fazer aquele gesto. "Já vi muitas almas."

Eu reprimo uma risada, e Mara dá um sorriso, quase como se estivesse me imitando.

—Fico feliz em saber que não me destaco em nada, obrigado.

A morte mantém meu olhar fixo por mais alguns instantes.

"Além disso, mal se mexe", diz ele finalmente. "Está desaparecendo."

Respiro fundo, mas não me detenho nesse pensamento.

—Então, o que minha alma diz sobre mim?

“Normalmente”, explica ela calmamente, “quanto mais escura a sombra, mais problemas a pessoa tem; no passado, na mente, em tudo. Mas nem sempre é assim. No seu caso…”— pela primeira vez Mara hesita; é estranho ver um gesto tão humano vindo dela — sua alma busca companhia. Há uma grande tristeza dentro de você.

Não adianta negar, então deixarei o silêncio falar por si só.

Sempre soube que a escuridão habitava meu interior. Senti isso pela primeira vez aos quatro anos de idade, quando descobri que havia matado minha própria mãe. Esse evento pode ter desencadeado algo em mim. Meu interior era diferente, não fosse o fato de que Kai era supostamente o irmão frio e calculista, e eu, o irmão gentil e amoroso. Então, enterrei essa semente de tristeza bem fundo em mim. E quando meu pai morreu, arrancando essa parte de mim pela raiz, me senti ainda mais perturbada do que me lembrava.

—Kitt?

Viro-me para Mara, assustada. Ouvir a Morte sussurrar seu nome é uma... Uma experiência muito estranha.

"Com licença", murmurei. "Estava perdido em pensamentos."

"Continue com eles." Ele abaixa a cabeça. "Quando você terminar, eu ainda estarei aqui."

Quase recusei a oferta por pura educação. Mas então um sorriso surgiu em meus lábios.

Ninguém, vivo ou morto, jamais se ofereceu para esperar enquanto eu penso. Então fecho os olhos e mergulho mais uma vez em meus pensamentos.

"Você ainda precisa de tempo para refletir?", pergunto, hesitante, após alguns minutos de paz e silêncio.

—Eu sempre as tenho em mente — responde Mara. — Mas posso deixá-las de lado por um tempo.

Observo o céu salpicado de estrelas.

—Se não for incômodo perguntar, no que a Morte pensa?

—Especialmente entre os vivos. —Ele ergue o olhar e encontra o meu—. Mas Esta noite, fico pensando por que você vai se casar com uma mulher que você odeia.

“Eu não odeio Paedyn”, retruquei. “Na verdade, jantei com ela hoje à noite.” Enquanto dizia isso, lembrei-me de sua expressão distraída. “E antes de tudo dar errado, éramos até boas amigas. Agora ela se tornou minha oferta de paz aos outros reinos para que abram suas fronteiras para o comércio.”

Mara não parece Muito impressionado.

—E assim vocês poderão infectar cidades com essa praga da qual vocês não sabem nada?

"Já comecei a fazer isso", esclareci imediatamente.

Isso consegue penetrar sua fachada impassível.

—Izram.

Assento.

—As rosas que Paedyn lhes deixou de presente estão contaminadas com uma dose diluída da peste. Basta uma pessoa adoecer e…

"Os outros serão infectados", conclui ela. Morte—. Como aconteceu aqui há um século.

"Exatamente." Minhas palavras transbordam confiança. "E os reinos logo me agradecerão por lhes conceder esse poder."

—Hum. —Mara não revela o que pensa sobre o assunto—. Mas isso não explica o quanto você detesta Paedyn Gray.

Fecho os olhos para tentar conter uma onda de irritação.

—Na verdade, não se trata dela. Trata-se do Kai. Eu só quero o Kai, mas ele a ama. Ele… — meu coração dói e eu luto para respirar, embora consiga cuspir as palavras em fúria — não poderia amá-la mais. Estou fazendo isso por nós. Eu… eu preciso que ele me escolha.

-Majestade!

Minha cabeça lateja no ritmo do meu coração acelerado. Me viro e vejo uma águia imperial correndo em minha direção. Mara continua me encarando com aqueles olhos penetrantes, e Eu diria isso com uma enxurrada de perguntas na ponta da língua.

"Vossa Majestade." O Imperial chega ofegante ao nosso pequeno canto do gramado. Instintivamente, endireito-me e olho de soslaio para a Morte, que está ao meu lado. É estranho ser o único que consegue vê-la.

O jovem soldado para na grama coberta de orvalho.

—Majestade, há um incêndio no castelo.



CAPÍTULO 21

Mara

A morte não sente o calor escaldante em que entrou.

As chamas devoram o assoalho onde ele tantas vezes se sentara, engolfando a janela pela qual ele tanto gostava de contemplar a paisagem. O cômodo resplandece com a destruição, e uma densa fumaça negra paira no ar. Mas tudo parece calmo em comparação a... As figuras entrelaçadas, cercadas pelo fogo.

A futura rainha colocou a TV no chão, enfraquecida.

Por trás da muralha de chamas, um imperial grita.

Algo deu errado com a morte de Blair Archer.

Mara caminha ao redor da cena que se desenrola no chão enegrecido. As duas mulheres estão dentro de um círculo de chamas. Os joelhos de Paedyn estão pressionados contra seus braços queimados. da TV e a força a gritar.

Aparentemente, a mulher vulgar, que com aquela expressão cruel no rosto não tem nada de vulgar, está virando o rosto pálido de Blair em direção à parede de chamas.

A morte não esperava tamanha brutalidade da noiva. Ela talvez não sobrevivesse a esse ataque violento, mas Mara reconheceu a expressão em seu rosto, porque vingança... Ela nunca muda, mesmo que suas feições sejam diferentes. Naquele momento, Paedyn só conhece a vingança que arde dentro dela.

"Por favor..." Blair geme.

Paedyn a empurra ainda mais para dentro das chamas.

-Por favor…

O homem imperial continua a gritar. O fogo ruge.

Mas a Morte só tem olhos para a garota que está sempre fugindo dela.

"Eu te avisei", diz a futura rainha. Com a voz rouca, sem desviar os olhos azuis do terror que se apoderava da televisão por um único instante, ele disse: "Eu te disse que te faria implorar."

Um grito dilacerante corta o ar quando um lado do rosto de Blair toca o fogo.

O canto está fervilhando, um cheiro repulsivo impregna tudo.

Paedyn Gray nem sequer pisca.

Mara acha que, em outras circunstâncias, seria uma morte maravilhosa.

E então, Com uma tosse rouca, o ser humano desmaia.

A morte completa a cena desoladora que ela presencia. Ela se agacha lentamente ao lado da televisão, que luta para respirar, consciente apenas pela dor e pela adrenalina. Um longo corte profundo e queimado vai de sua têmpora até o queixo. Sua pele está coberta de bolhas que supuram tanto que Mara estremece.

Mas continua sem saber o que decidir com essa alma que parece estar à beira do abismo.

Uma conexão palpável se forma entre Blair e a Morte, assim como durante a luta na favela. Ela já começa a se dissipar, porque a TV não corre perigo imediato, mas Mara se agarra a esse elo tênue entre elas.

Em outras épocas, eu teria deixado o destino seguir seu curso. Sua alma, mas ultimamente a Morte se lembrou do que é viver (talvez por causa do amor de alguém). E o que está acontecendo é que Mara não quer mais apenas assistir. Ela vai agir onde ninguém agiu por ela.

"Você precisa se levantar", ele diz simplesmente.

O olhar aterrorizado de Blair fixa-se no rosto da Morte, que usa todo o poder que possui (neste plano) para encontrar um ponto de apoio aqui. Neste momento, com esta alma.

O rosto na TV está coberto de lágrimas. Não diz nada.

Lenny irrompe pela parede de chamas com um grito, após finalmente encontrar uma passagem através do fogo.

"Você precisa se levantar, Blair!" ele diz enquanto pega a mulher vulgar e inconsciente no colo. "Por favor!"

Com um último apelo, ele emerge do fogo para levar a futura rainha em segurança.

Morte Ele volta a focar em Blair, que está soluçando.

"Você tem razão. Você pode ficar aqui e morrer neste castelo... agora ou depois de uma longa vida de amargura... Ou pode se levantar e viver. A escolha é sua, Blair Archer. Mas se eu pudesse escolher meu destino novamente", diz ela firmemente, "eu escolheria a vida, não a morte."

A TV encara Mara com uma mistura de horror e resignação. Então, ela se desliga. Ela olha para mim e acena com a cabeça. O movimento a faz gritar de dor, mas ela se controla e se senta . Lágrimas escorrem por sua pele ferida, mas ela consegue ficar de pé, tremendo.

Lenny retornou, atravessando mais uma vez as chamas.

"Você está bem?" ele grita. Ele abraça Blair, que quase desaba em seus braços. "Agora eu te protejo!"

A ligação da morte com a TV oscila, desaparece. E ele a deixa sozinha novamente. Mas continua observando, como sempre fez, como certamente sempre fará. Os dois atravessam o quarto em chamas, apoiando-se um no outro. Lenny protege Blair como pode, não por ordem do rei, mas por sua própria vontade.

Gritos podem ser ouvidos à distância. O rei, a quem Mara havia deixado para aparecer na sala em chamas, finalmente a alcançou. E ele vem acompanhado de um bom número de guardas.

O homem imperial move abruptamente a laje da base da chaminé.

"Entre no túnel", ele ordena, e ajuda Blair a descer a escada. "Eu cuido disso. Nos encontraremos mais tarde e decidiremos o que fazer."

A televisão se recusa a olhar para ele. Ele vira o rosto marcado por cicatrizes para o lado.

O desfile de botas pesadas está se aproximando cada vez mais.

Lenny tende Ele estende a mão trêmula. Acaricia a parte ilesa do queixo dela com os dedos, segura-o e levanta o rosto dela até que os olhos úmidos de Blair encontrem os seus.

"Sinto muito." Sua voz embarga. "Isso não deveria ter acontecido com você."

Uma lágrima escorre pela superfície queimada da TV. A jovem não passa de um receptáculo vazio, completamente desprovida de emoção. Nem mesmo da Morte. é capaz de sentir tamanha desolação.

Uma viga queimada desaba do teto, banhando-os com uma chuva de faíscas. Lenny se vira para proteger o rosto dos destroços que caem. E quando se vira novamente para a alma que já está unida à sua, ela desapareceu.



O silêncio entre a TV e o imperial é perturbador.

A Morte sentiu que nunca havia passado tanto tempo sem que uma palavra quebrasse aquele silêncio.

Os túneis são frios e úmidos, até mesmo para Mara. A lanterna bruxuleante que Lenny carrega pela escada em espiral projeta sombras dançantes nas paredes. Blair, muito rígida, caminha ao lado da Morte (sem saber, é claro). Com os olhos sempre cheios de lágrimas.

O imperador pigarreia e destampa uma pequena garrafa de vidro.

“Desculpe por não ter chegado antes”, murmurou ele. “Tive que enterrar o cadáver falso e depois tive uma conversa muito constrangedora com o rei e seu carrasco furioso. Mas você passou por uma situação muito pior, então é melhor eu ficar quieto.” Ele suspirou e então serviu a bebida. O líquido escuro do pequeno frasco estava sobre uma camisa amarrotada. "Peguei um pouco de pomada cicatrizante na enfermaria. Eles vão sentir falta porque não é fácil de encontrar, mas vou ver o que posso fazer com ela."

Blair não diz nada.

Lenny, hesitante, aproxima o tecido do rosto.

—Hum… Posso?

A câmera de TV aproxima seu rosto e concorda silenciosamente. A luz dourada acaricia as queimaduras vermelhas em seu rosto. Elas marcam uma das bochechas. É estranho ver a pele, antes tão perfeita, inchada e deformada assim.

A morte conhece a dor. Isto é dor.

Lenny engole em seco diante da visão horrível.

—A pomada vai curar, mas vai arder.

Mais uma vez, Blair permanece em silêncio. Ela faz uma careta quando a pomada toca sua pele queimada.

—Sinto muito. —O rosto desmascarado da figura imperial mostra Sua angústia... Não era isso que eu esperava. Não pensei que Paedyn fosse...

"Não", diz Blair entre dentes cerrados.

Uma lágrima escorre pela sua bochecha e se mistura com a pomada.

"Claro", concorda Lenny, com tristeza. "Imagino que você não queira falar sobre isso."

Mara, sentada, sente-se confortável no denso silêncio que se segue. Ela observa (com admiração, embora não admita) como o A pomada penetra na pele queimada, cauterizando-a de dentro para fora. As bolhas começam a diminuir e a vermelhidão da pele diminui.

E a Morte se enche de amargura diante de um espetáculo tão milagroso. Pois, há muito tempo, os curandeiros não tinham o luxo de poções tão potentes.

O imperador pigarreia para anunciar que vai falar.

-Eu sinto Eu deveria ter dito isso, mas você tinha razão. Sua mãe ficou feliz por eu ter te enterrado antes que alguém te visse. —Ele respira fundo—. O que eu enterrei foi um monte de travesseiros embrulhados em cobertores que tirei do quarto que pegou fogo. Eu disse aos Imperiais que ia cuidar do corpo, e eles não se opuseram.

Sem obter resposta, Lenny esboça um sorriso apático.

—Então… você morreu. Parabéns.

"Não", sussurra Blair. "Acabou para mim."

"Terminou?" O Imperial mal conseguia conter o riso. "Blair, você está incrível! Estou morrendo de inveja."

Agora que a pomada aliviou a dor, a TV pode mostrar a irritação.

"A única coisa que valia a pena em mim era a minha aparência", ela explode. "E agora terei cicatrizes para a vida toda."

Lenny está mesmo observando-a. Mara sente inveja de uma delas. Um olhar tão delicado. Houve um tempo em que ela sabia o que era ser observada assim. Agora ela se esqueceu.

“Trouxe outra coisa para você.” O oficial imperial finalmente quebra o silêncio. Ele enfia a mão em um dos muitos bolsos de seu uniforme chamuscado e tira algo embrulhado em um guardanapo. Mara se inclina para vê-lo abrir e mostrar-lhe dois doces brilhantes. “Tortinhas de limão”, anuncia ele. Com orgulho—. Para celebrar. Tenho certeza de que não são tão bons quanto os seus, mas pelo menos coloquei alegria e toda essa bobagem nos meus.

Sim, a Morte se lembra com carinho daquela noite na cozinha. Houve ameaças e vários ingredientes foram arremessados. Mas esses doces não são daquela noite (as tortinhas de limão que eles fizeram foram devoradas num instante, é claro). Mara se sente um pouco envergonhada. Ela não tinha notado a incursão imperial na cozinha. Embora estivesse um pouco distraída, o que é compreensível.

"Você... os fez?", pergunta Blair, incrédula.

—Espetacular, não é? —O homem imperial sorri de orelha a orelha.

"Nem pensar", responde a TV. "A base está tão seca que deveriam alertar sobre o perigo de asfixia. E, deixe-me adivinhar, você mexeu o glacê com a concha." Não com a colher.

"Não servem para a mesma coisa?" Os olhos de Lenny a encararam fixamente antes que ele voltasse a examinar os doces com preocupação. "Para mexer?"

É como reviver aquela noite na cozinha. Mara fica impressionada com a facilidade com que eles se envolvem nesse ciclo de discussões. Mas ela também percebe, melhor do que ninguém, que as constantes brigas se tornaram algo mais. sua linguagem única, a união de suas almas.

"Tá bom, tá bom", concorda Lenny. "Mas não é disso que se trata." Ele pega o guardanapo e as migalhas caem em seu colo. "Eu mesmo as fiz e gosto delas. Não porque sejam as mais

bonitas ou porque a base seja seca, que era minha intenção desde o início. Mas porque são ácidas. Como você."

"Estou ressentida", Blair a corrige rapidamente. "Você vai acabar cuspindo em mim." como todo mundo.

"Você é um gosto ao qual é preciso se acostumar." Na penumbra, o olhar do homem imperial é suplicante. "E você não é só um rostinho bonito... embora isso ainda seja. Você é engraçada, mesmo quando é às minhas custas, e inteligente, à sua maneira insultuosa. Mas acima de tudo..." Ele faz uma pausa para recuperar o fôlego. "Acima de tudo, você é forte. E agora você tem a chance de ser quem quiser ser." —Lenny pega o rosto na tela da TV com a ponta dos dedos e o vira em sua direção—. Eu sou a garota com a cicatriz incrível.

As palavras são sinceras, mas a Morte avisa que Lenny está apavorado. A estranha curiosidade que ele sentia pela televisão encontrou o caminho para o seu coração. E Blair Archer, com seu temperamento difícil, não é a melhor destinatária de qualquer tipo de afeto. Porque ela Isso certamente o afogará na vida.

Mas, mesmo assim, existe uma atração mútua entre eles, apesar dos espinhos.

Suas almas estão entrelaçadas; pode ser um laço de amizade, ou talvez algo mais.

Blair respira fundo. Ela abre bem os olhos castanhos e encara Carrot (a Morte gosta de pensar que agora esse é um termo carinhoso), que a paralisa no lugar.

Mas ele sai do transe e pega o guardanapo em uma das tortinhas crocantes.

—Que ótimo. Caso você tenha se esquecido, não me importo com o que você pensa.

Lenny não consegue esconder o sorriso ao ver Blair de volta ao que era antes.

—Claro, claro.

-Exato.

-Brilhante.

— Fico feliz em saber disso.

"Oh, céus." O imperador franze a testa. "Eu ia dizer 'Que bom', então você estragou a conversa..."

Ele é interrompido por um dramático verbalização do desprezo de Blair.

—Que bom que estou morto, agora posso me livrar de você.

"Certo." O sorriso de Lenny desaparece. Mara acha que ele havia se esquecido de que a separação fazia parte do plano. "E, felizmente, eles ainda não me expulsaram do castelo."

"É só uma questão de tempo", Blair o tranquilizou. "Como membro da família imperial, você é um desastre."

—Ei, foi você quem quis que eu deixasse você Eles vão te matar.

Essas palavras despertam uma lembrança em Blair.

—Eu vi alguém na sala. Era uma mulher.

A Morte estremece. Raramente é mencionada tão diretamente em uma conversa. É bom se sentir incluída. Ela percebe que está passando os dedos pelos cabelos, algo que ninguém consegue ver.

Lenny levanta uma sobrancelha.

-Que?

"Ele me mandou levantar", ela recorda. Blair franziu a testa. "Eu nunca a tinha visto antes. Ela simplesmente estava... lá. Não faço ideia." Ela revirou os olhos. "Devo ter imaginado."

Mara gostaria de ter ouvido mais sobre sua participação especial no mundo dos vivos, mas terá que se contentar com isso. Ela deixa as almas lá, naquele túnel escuro, conversando. Porque percebe que não há mais nada para ver ali. Ela começou Para espioná-los na esperança de testemunhar um desastre... e eles falharam com ele.

Mara estava enganada.

Ela não está acostumada a cometer erros. Nem a admiti-los.

Mas, é claro, a Morte achava que todos os laços estavam fadados ao fracasso: de amantes, de amigos, de inimigos.

Agora, existe uma pessoa que está fazendo com que ela mude de ideia.

Porque alguns laços simplesmente existem.



CAPÍTULO 22
Kitt

O cheiro de fumaça ainda impregna o corredor.

Levo a mão ao rosto e, sem pensar, limpo a poeira que cobre minha pele pela enésima vez. A irritação se espalha pelo meu peito, bem ao lado da dor aguda que ali reside permanentemente. Os curandeiros insistiram em esconder os sintomas, embora a essa altura as olheiras sob meus olhos... São impossíveis de esconder.

E pior ainda quando minha noiva acidentalmente mata sua arqui-inimiga, que por acaso é filha do general. Passei a maior parte do dia limpando a bagunça que Paedyn fez. Também me surpreendeu constatar que a morte de Blair me entristeceu mais do que eu esperava.

"Não fui muito gentil. Não sei. Isso dói..." cabeça".

Viro a esquina e respiro fundo.

A reação fria da mãe de Blair ao saber da morte dele foi de partir o coração. Pelo menos o General Archer teve a decência de se retirar para esconder as lágrimas. Felizmente, ambos pareceram aliviados com a rápida decisão de Lenny de enterrar o corpo carbonizado. O general, por não se sentir capaz de ver... sua filha naquele estado; e a mãe, inexpressiva, porque não queria lamentar sua perda.

Por essa razão, permiti que o oficial imperial mantivesse seu cargo. Por enquanto.

A martelada incessante retorna de repente, obrigando-me a parar no meio do corredor e a agarrar o peito. Encosto-me na parede, curvada por uma crise de tosse. Meu corpo inteiro dói; é uma dor tão intensa que nem consigo descrevê-la. que a morte possa me fazer sentir pior.

—Você não dormiu.

"Eu a convoquei."

Endireito-me. Respiro com dificuldade.

—Não desde que você me deixou naquele campo.

Ele inclina a cabeça e me olha como se eu fosse um espécime digno de estudo.

—Você está mais irritável. A peste está lhe fazendo mal.

"Não tenho tempo para morrer agora." Cubro a boca com o punho para tossir. Ignoro o olhar preocupado de um criado que passa. Estou absorto em uma conversa com a Morte, mas parece que todos os outros pensam que enlouqueci. "Preciso falar com meu irmão." Suspiro e continuo pelo corredor. Mara me segue. "Ele provavelmente está com minha noiva."

E é ainda mais provável que apenas um deles sobreviva até amanhã.

Testado Eu não penso nisso. Eu apenas faço o que precisa ser feito, o que a grandeza exige.

"Eu não sou um monstro."

Para além das fileiras de janelas, o sol timidamente se esgueira em direção ao horizonte, deixando para trás, na minha língua, uma noite de condolências intermináveis e misturas repugnantes. Cada passo que dou é mais difícil que o anterior. Meu próprio corpo me trai; e a Morte está testemunha do meu fim.

"Você vai contar para ele?", pergunta Mara.

Dou uma olhada de soslaio para ela.

—E se eu contar para o Kai?

—Que você está morrendo.

Desvio o olhar. Meu coração está batendo mais rápido que minha cabeça agora.

"Ele merece saber", acrescenta com firmeza.

—Ainda não—respondo, talvez rápido demais—. Eu não estou… eu não estou pronto.

Mara não diz mais nada durante nossa breve conversa. A jornada... e nem é necessária. O que ele já disse antes basta. Quando finalmente paro em frente à porta do quarto do meu querido irmão, entendo que nunca temi a Morte, mas sim a possibilidade iminente de que a vida o arrebate.

"Você vai entrar?", pergunta Mara, lançando-me um olhar intenso e penetrante.

Olho para baixo e vejo que minha mão está quase... A centímetros da maçaneta. Sento-me, um tanto confuso, e giro a maçaneta.

Kai está de pé ao lado de um poste de cama gasto, empunhando uma espada. É reconfortante saber que algumas coisas nunca mudam.

—Ah, graças a Deus—digo quando o vejo—. Você está acordado.

Embora o quarto me pareça familiar, entro com certa hesitação. Quando éramos crianças e uma tempestade batia nas janelas, Nós nos sentávamos ao lado da cama e comíamos os doces que conseguíamos roubar da cozinha. Agora essas lembranças parecem tão frágeis…

Kai ergue a espada que está empunhando.

—Aliviar a pressão.

A Morte entra no quarto e examina cuidadosamente a cabeceira da cama estilhaçada. Em seguida, fixa o olhar no guarda-roupa atrás dos irmãos.

—Sim. —Minha mente divaga. Ultimamente, ele tem feito isso com mais frequência e sem aviso prévio.

"E se ele me odiar por tudo isso? E se eu fracassar e tudo o que fiz tiver sido em vão? E se ele a escolher?"

As palavras escapam dos meus lábios dormentes.

—Nada, eu só queria te avisar que o terceiro Teste será amanhã.

A expressão de surpresa que ele me lança... não é nada surpreendente.

Minha cabeça dói.

"Amanhã?", pergunta ele. "Você não vai anunciar isso ao tribunal?"

Passo a mão na nuca. Meu pai costumava fazer o mesmo. Mas eu não quero ser como ele. Ou será que já sou?

"Tem que ser... inesperado", consigo dizer. "Pelo menos para Paedyn. E será na Arena."

-Já.

Kai me observa atentamente.

E a Morte também, ao meu lado.

Suas expressões são muito semelhantes, como um Um olhar de pena dirigido a algo frágil e patético.

Eu não sou frágil, apesar do que meu pai disse.

"Serei tudo aquilo que ele não conseguiu ser..."

—Kitt, você está bem?

—Hã? —Tento olhar para Kai, mas meu olhar se desvia para Mara, que agora está atrás dele e começou a circular ao seu redor.

"Diga a ele, Kitt", diz ele em tom sério.

—Este não é o momento… —ele Respondi com um murmúrio : "Não é a hora certa..."

Kai olha por cima do ombro e então dá um passo hesitante em minha direção.

—O quê? Aconteceu alguma coisa, Kitt?

O tom de preocupação me obriga a organizar meus pensamentos confusos. O ruído constante que ecoava na minha cabeça de repente se dissipa. Eu pisco e até sorrio.

—Sim, sim, não se preocupe. É só que Preciso dormir mais. Só que… —Então me lembro da prova final e a preocupação me invade de novo—. Não, acredite, está tudo sob controle.

Meu irmão acena com a cabeça sem o menor sinal de dúvida.

—Claro. Eu confiaria minha vida a você.

Uma escolha de palavras bastante irônica, considerando os eventos planejados para amanhã.

Não consigo conter a tosse, então termino com uma forte tosse. sorriso.

—Nunca duvidei disso.

Mara me segue em direção à porta. Meus pensamentos começam a divagar novamente; mas, mesmo assim, há uma coisa da qual tenho certeza.

—Você e eu, irmão.

-Você e eu.

Entro no corredor com a Morte me perseguindo. Se ela demonstrasse alguma expressão, suponho que seria a mesma inquietação que transparece em todos os olhares que se voltam para mim; então Sua falta de expressão é um alívio.

—Não tive a chance de te ensinar a morrer— ele diz simplesmente enquanto caminhamos pelo corredor mal iluminado. —Fomos interrompidos.

—É verdade… —Estou achando cada vez mais difícil me concentrar—. Você não conseguiu.

Mara para de repente e eu faço o mesmo.

"Talvez, quando você estiver mais preparado, consiga contar ao seu irmão", aventurou ele.

"Improvável".

-De "Concordo", tento tranquilizá-la. "Ensine-me a morrer."

Uma emoção fugaz e indecifrável suaviza suas feições.

-Farei isso.

Estenda uma mão pequena, com a palma macia.

A modéstia da morte é aterradora.

Com certa apreensão, coloco minha mão, bem maior, sobre a dele.

"Isso pode te deixar um pouco desconfortável", diz ele com uma voz distante. "Tipo, pode te dar um nó no estômago."

-Que…?

Mas antes que eu tenha tempo de protestar, já está acontecendo, e é exatamente como você descreveu. O chão cede sob meus pés e meu estômago revira. Sinto como se estivesse sendo puxado em duas direções, ou talvez em duas dimensões, até que de repente meus pés tocam o chão firme.

Uma brisa fresca acaricia minhas bochechas; meu olhar encontra apenas escuridão.

-Que…? —Engoli em seco. Estou tonto… Pelo menos, mais do que o normal.—. Que diabos foi isso?

— Achei que você talvez não quisesse caminhar até Sack.

Mara caminha calmamente para a penumbra, à qual meus olhos começam a se acostumar. Estou na periferia de um beco em um bairro pobre. Pisquei, incrédula.

—Como chegamos aqui?

A morte se vira no meio da rua vazia. para me olhar.

"Atravessamos entre dois pontos diferentes neste plano." Ele diz isso com a mesma calma com que alguém mencionaria o tempo. "Concentrei o pouco poder que possuo neste reino e trouxe você comigo."

Elevo o olhar para o céu noturno, que ocupa o lugar onde, momentos antes, havia um teto. Em seguida, volto a abaixá-lo para a personificação de A morte, que espera de pé, perfeitamente à vontade, sob um lago de luar.

"Uma vez, nos jardins, você mencionou que possuía esse poder." Paro em frente a ela. É estranho que eu me sinta melhor quando estamos sozinhas. "Do que você é capaz, Mara?"

Ele torce os cantos dos lábios, um gesto que me surpreende.

-De tudo.

Eu levanto as sobrancelhas.

-Todos?

—Nada disso O que eu posso fazer é algo que você desconhece. — Ela diz isso como se eu devesse entendê-la.

"De onde veio esse poder?", pergunto, tentando uma abordagem diferente.

"Del Mors", responde Mara, batendo o pé no chão. "Me fornece tudo o que preciso. É por isso que, se eu me afastar dele, meu poder fica limitado."

—Mas… —Falar é difícil para mim—. De onde Mors tirou tanta força?

O olhar que a Morte fixa em mim reflete uma curiosidade sutil. Creio que minha ignorância a diverte.

"O Mors é tudo o que foi e tudo o que em breve será", diz ele finalmente. "Seu poder não foi inventado nem criado. É infinito."

Eu me sento, embora ainda não entenda nada.

Ela se vira para uma cabana com teto de palha e aponta para as árvores entrelaçadas ao lado. Galhos retorcidos, frágeis e pálidos, sob a brisa suave, se entrelaçam. É impossível dizer onde um tronco termina e o próximo começa.

"Foi aqui que o Destino encontrou a Fortuna e a Morte nasceu." Mara baixou a voz. "Onde a eternidade começou."

Mais uma vez, não tenho certeza se entendi. Mas tenho a sensação de que esse enigma não era para mim. pelo menos não completamente.

—Essas árvores parecem com as de Mors—comentei, em vez de fazer outra pergunta que ele provavelmente não responderia.

—Sim. —O olhar dela é distante—. Elas se parecem.

O som do seu pé batendo no chão se repete pelo menos uma dúzia de vezes antes que ele olhe para mim novamente e murmure duas palavras:

-Calmamente.

"Serenidade?" Repito.

—É assim que tem que ser feito morrer.

Não consigo evitar rir.

—Eu pensava que era o contrário. Não era para eu lutar até o fim?

“É o que muita gente faz”, responde ela, seriamente. “Mas não adianta resistir. Quando o destino de alguém está selado, a esperança não passa de um obstáculo .”

—Então você não tem nenhuma esperança? —Perguntei sem pensar.

—A esperança é para os vivos.

Me entristece ouvir a tensão em sua voz. Talvez a conexão que tenho com ela se deva apenas ao fim iminente para o qual ela em breve me arrastará, mas mesmo assim, parece muito real para mim. Como se eu tivesse passado a vida inteira procurando por uma companheira e finalmente a tivesse encontrado na Morte.

—Nesse caso… —Dou de ombros e balanço a cabeça—, serei a batida do seu coração.

Uma onda A emoção se choca contra a máscara de impassibilidade de Mara.

-Que?

"Por enquanto, ainda estou viva", lembro-lhe. "Então você pode ter esperança através de mim. Se o que a esperança precisa é de um coração pulsante, eu serei o seu."

Os olhos, enormes e castanhos, me observam em silêncio e depois piscam.

—Ninguém, nunca… —Ela engole em seco—. Obrigada.

Eu sorrio tristemente.

—Até a Morte merece um pouco de esperança.

"Você não precisa morrer em paz", gagueja Mara. Nunca vi ninguém corar tão discretamente. "Morra como quiser. Seja qual for a sua escolha para deixar este mundo, eu irei buscá-la."

Eu medito por alguns instantes.

—Será mais fácil para você se eu não resistir?

-Muito.

—Então está decidido. —Eu olho para o Estrelas—Eu irei sem resistir. Por vocês.

Quando finalmente baixo meus olhos para a Morte, mal consigo acreditar no que vejo.

Ele está sorrindo.



CAPÍTULO 23
Kitt

Pétalas murchas caem como chuva, como cinzas carregadas pelo vento.

Como um presságio ao qual eu deveria prestar atenção.

No entanto, deixei que se acumulassem em meu cabelo, acariciassem meu rosto. Algumas flores teimosas ainda se agarram aos galhos que se entrelaçam acima de mim, apesar da força implacável do vento. Tempo Naquela época, aquelas flores vibrantes fervilhavam de vida, antes da chegada daquele frio intenso. Antes da morte de tudo que eu conhecia.

Talvez seja algum paralelo estranho que eu não esteja interessado em explorar agora.

Enquanto caminho pela trilha, um medo familiar se instala em meu peito. Acelero o passo e, felizmente, a nuvem sufocante de imperiais recua para trás de mim. Prefiro para que não testemunhem a fraqueza de seu rei.

Ao adentrar a sombra ameaçadora da Arena, o zumbido em meus ouvidos abafa os gritos de excitação que ecoam em meu interior. Uma crise de tosse sacode meu peito e dilacera meu corpo dolorido. É algo antinatural que espreita dentro de mim, envolvendo meu poder duplo, sufocando-o até que me falte o fôlego. Ofegante, coloco a mão em um dos túneis de entrada do estádio. Sinto como se minha alma estivesse sendo dilacerada em duas.

Quando levanto os olhos, encontro o olhar da Morte, que me observa. Ela estende a mão em minha direção, compassiva…

-Majestade!

O grito do imperialista interrompe minha conexão com a peste que queima em minhas veias. Balanço a cabeça negativamente. Para clarear minhas ideias e me libertar daquela provação dolorosa.

"Estou bem", murmuro entre dentes cerrados; soa fraco e pouco convincente. Tossi novamente e senti o gosto de sangue ao fazê-lo.

Endireito-me e, depois de reunir a pouca dignidade que me resta, entro firmemente no túnel de pedra. Os soldados imperiais estão em meu encalço; os olhares desconfiados que me lançam são como beijos rápidos. na parte de trás.

"Eles me veem como fraco. Como me viram durante toda a minha vida."

Esse pensamento sinistro me invade a mente sem aviso prévio. Até mesmo minhas próprias forças parecem estar no limite; minhas emoções, cada vez mais intensas, ameaçam transbordar e me arrastar consigo.

—…Deseja se recuperar antes de se dirigir ao povo, Vossa Majestade?

Viro abruptamente meu olhar de volta para a figura mascarada.

Um imperialista preocupado com o meu bem-estar, como aqueles curandeiros irritantes. Como se eu fosse o bondoso príncipe de outrora e não o grande rei que sou agora. Ele não faz ideia do poder que corre nas minhas veias.

Minha cabeça está latejando insistentemente.

"Fraco. Fraco. Fraco."

Algo se quebra dentro de mim.

—Se você sugerir novamente que sou menos que um deus, acabará implorando pelo meu perdão.

O imperador, sem palavras, luta para encontrar uma resposta.

—Claro, Vossa Majestade — ele finalmente gagueja.

Fecho os olhos por um instante para controlar a fúria que me cega. Mal consigo ficar de pé.

"Que diabos acabou de acontecer?"

Essa histeria passageira é como uma lembrança turva à qual me esforço para me agarrar. Ela me deixa tonta e, de repente, me pergunto por que isso aconteceu. Pânico. Sacudo um pouco o corpo para clarear a mente, e o que quer que tenha causado a aceleração do meu coração é relegado a algum canto da minha consciência.

"O que estamos fazendo aqui parados?" Minha irritação surpreende os Imperiais. "O teste final nos aguarda."

E com essas palavras, aventuro-me no coração da Arena.

Enquanto toda Ilya acolhe seu rei, meu corpo vibra com Poder. Observo a multidão frenética e sinto-me mais poderoso do que nunca. Aceno e sigo em direção à caixa de vidro; o estrondo dos passos ao meu redor amplifica o som dos meus próprios passos mil vezes.

Entro naquele espaço aconchegante e me acomodo suavemente na poltrona almofadada. Observo o estádio barulhento enquanto deslizo os dedos pelo apoio de braço acolchoado . Da cadeira, em ritmo cadenciado. Sob meus pés estende-se o Poço; um mar de areia onde quatro figuras se distinguem. Suas vestes brancas contrastam com a parede de pedra, embora apenas três delas possuam a habilidade que as torna dignas de vestir as roupas dos visitantes.

"Este é o começo do fim."

Mudar de posição na cadeira é desconfortável.

"Agora não há mais volta."

A dor de cabeça latejante retorna no instante em que Paedyn pisa na areia. Ele se vira para me olhar novamente, e meu coração para. Sinto o peso do olhar de Calum na minha nuca ; ele entrou no território. Instintivamente, me levanto na presença de Paedyn, talvez porque eu saiba que esta pode ser a última vez que estou aqui. Os olhos de Paedyn

imploram por uma resposta minha: fé, perdão, amizade. Algo... Abro a boca numa tentativa fútil de formular uma despedida adequada. Talvez um "obrigado" pelo papel que ela, sem saber, desempenhará no meu legado. Mas tudo o que sai é uma culpa que me aperta o estômago com tanta força que acabo colocando a mão no copo.

Já não sinto por ela o que sentia antes. Não como Kai se sente. Não, agora Paedyn Gray não passa de um peão num... Um jogo que nem sequer sabe que está sendo jogado.

Mas não sei se é possível odiar algo tão inegavelmente vivo quanto ela.

Eu me endireito e depois me sento novamente, aos poucos.

De qualquer forma, tenho que tentar.

Uma tosse de Calum me lembra que devo me concentrar em proteger meus pensamentos dos leementes. Talvez até demais; mal consigo ouvir a pergunta que ele finalmente me dirige.

—Como você está se sentindo, Kitt?

Mantenho o olhar fixo no estádio.

—Muito forte.

-Claro.

“Vamos lá, não finja que não está surpreso”, murmurei. “Os charlatães esperam que eu morra a qualquer minuto, e os acadêmicos mal conseguem conter a empolgação.” Olhei para ele de soslaio. “Mas estou me sentindo melhor do que nunca. Então não prenda a respiração enquanto…” Você espera que o meu pare.

"Claro, Vossa Majestade." Calum gesticula para um membro da realeza do outro lado do vidro. "Só estou perguntando porque aquele membro da realeza ali parece convencido de que o senhor está perdendo a cabeça."

—O quê? —A risada incrédula quase me fez engasgar.

Calum cruza os braços atrás das costas.

—Isso mesmo. É possível que tenha ocorrido algum incidente? antes de entrar na Arena?

Balanço a cabeça, surpreso com a mentira absurda que o imperialista inventou para se divertir. Nossa caminhada até o estádio transcorreu sem incidentes. Depois de atravessarmos o túnel de árvores, nós…

Uma dúvida me assalta, como se minha mente estivesse frustrada com a mera suspeita de que eu pudesse ter esquecido algo.

Limpar a garganta.

—Nada aconteceu enquanto estávamos a caminho da Arena.

Após essas palavras, viro-me para encerrar a breve conversa. Observo um grupo de Imperiais empurrando Paedyn em direção ao Poço e, em seguida, saio para a galeria que o circunda. Um tanto atordoado, fico parado junto ao parapeito; uma locutora para ao meu lado e gentilmente coloca a mão no meu ombro.

—Ilynos, bem-vindo ao julgamento final. De Paedyn Gray. —Minhas palavras ecoam por todo o estádio— . Hoje ele terá que provar sua brutalidade.

Continuo falando, mas tudo o que me lembro é do rosto de Paedyn, que empalidece; e mesmo isso não passa de uma imagem borrada por trás da máscara de indiferença que me forcei a adotar. Kai não é o único Azer forçado a representar seu papel.

"Kai".

Ele está no poço e ele está Ele caminha em direção a Paedyn em ritmo lento. Ela é incapaz de se virar e encarar o destino ao qual eu mesmo a condenei.

Mas esse não é meu irmão. Não, na verdade estou fazendo isso pelo meu irmão.

Apesar da admirável tenacidade de Paedyn, Makoto Khitan finalmente terá a oportunidade de nos livrar dela. Quando o encontrei em um beco mal iluminado, ele estava grato por ter da oportunidade de vingança. E vou usá-la para manter Kai ao meu lado. No entanto, não consigo evitar olhar para baixo quando ouço o primeiro grito escapar da garganta de Paedyn. Exatamente como ele me prometeu naquele beco escuro, quando nos tornamos aliados relutantes, meu hospedeiro disfarçado libera sem restrições o poder cobiçado que possui.

A mulher vulgar é forçada a confrontar para a elite suprema.

"Estou fazendo isso pelo Kai. Por nós."

Uma nuvem de areia os envolve, obscurecendo seus movimentos. Aperto os olhos e, através da névoa, consigo distinguir a figura ensanguentada de Paedyn, suspensa na ponta de uma espada. Sem fôlego, levanto-me de um salto e quase encosto a testa no vidro. Volto meu olhar para a tela que se ergue acima de nós. E observo a tristeza e a resignação que tomam conta do rosto de Pae dyn. Ela murmura palavras destinadas ao homem que ama… Mas não é ele quem as ouve.

"Eu não sou um monstro. Eu não sou um monstro. Eu não sou um monstro."

Prendo a respiração, esperando que a espada perfure o peito da minha noiva. Mas o que vejo é algo bem diferente, uma mudança repentina. Testemunho o exato momento. Em que Kai—Mak, na verdade—se condena por sua fraqueza. Por Paedyn Gray.

Ele não é o primeiro homem a cometer esse grave erro.

O portador rompe a conexão que o liga ao poder de teletransporte. E, quando Paedyn se ajoelha, ele também se curva.

Balanço a cabeça negativamente e reprimo uma risada histérica.

Ao que parece, seja qual for o corpo, seja qual for a ocasião, Kai Azer Ele sempre escolhe Paedyn Gray.

Então, quando a mesma adaga que rasgou o pescoço do meu pai perfura seu peito, eu me obrigo a olhar.

Esse é o resultado de amar Paedyn Gray: destruição.

Juro que salvarei meu irmão do destino que ela representa.



A morte me aguarda no meu escritório.

"Levei a alma dele para Mors", diz ele.

Estou sentada na poltrona de couro gasta do meu pai.

—Ele a escolheu. Não foi Kai, e mesmo assim ele a escolheu.

"Você está com uma aparência pior", comenta ela, sendo essa sua única resposta. Sua honestidade é admirável, embora talvez um pouco exasperante.

Olho para ela, que está de pé junto à lareira.

—Nunca senti melhorar.



CAPÍTULO 24

Mara

A Morte ficou muito surpresa ao ter que arrastar a alma vingativa do amante de Adena até Mors.

Ela era a última pessoa que ele esperava encontrar. Ele era um homem bastante discreto; um telefonista nas favelas, um carregador na Arena. Mas o homem poderoso não resistiu, nem implorou. Não, ele escolheu encontrar Mara. E foi Paedyn Gray quem o entregou à morte.

Neste momento, ela está sentada no chão de uma cela, entre os dois irmãos, e parece querer ficar ali. O homem jaz frio no chão; sua alma já não está sob a adaga que crava em seu peito imóvel. Seu semblante parece relaxado, tranquilo. Ao contrário da maioria, ele encontrou paz em seu destino.

Seu nome era Mak. Ninguém nunca mais o chamará assim.

Paedyn o lamenta em silêncio por um longo tempo. Kai a acompanha para um lado; Kitt, para o outro. O olhar do rei frequentemente encontra o de Mara, que está do outro lado das grades. Ela compreende com indiferença que a morte desse homem mancha ainda mais as palmas das mãos de Kitt, já manchadas de tinta. Mas, como tantos outros As más decisões que ele tomou não a perturbam. Ela é a Morte. Não lhe cabe julgar as falhas de um ser humano que se agarra à esperança.

Além disso, sua própria bússola moral é mais do que questionável, e este garoto é o primeiro a tê-la visto desde o início da eternidade. Agora ele é sua estrela-guia (uma concessão muito perigosa do afeto da Morte). Todo o resto foi esquecido.

Kitt é a razão da sua paixão.

Mara não fica ali por muito tempo. O silêncio reunido em volta do cadáver a entedia. A morte tornou-se insensível à dor; parece-lhe inútil e, acima de tudo, entediante.

Ele tem outras almas para cuidar.

Lenny e Blair estão sentados em um catre caindo aos pedaços nos bairros pobres. Eles tiveram a sensatez de partir para o Eles estão na residência imperial e estão comendo um pão amanhecido.

A TV parece estar com raiva. Isso é promissor.

A morte está sentada no chão diante deles, como uma menina se preparando para ler uma história interessante.

—Não acredito que você more aqui.

"Não me tornei imperialista por dinheiro", murmurou Len , com a boca cheia de migalhas secas. "A verdade é que foi para ajudar a Resistência."

"E agora que você fracassou?", pergunta Blair em seu tom desdenhoso de sempre. "Por que você ainda vai bancar o imperial?"

A pessoa em questão engole em seco. Mara observa-a enquanto pondera sobre a questão.

-Eu não tenho certeza.

"Bem, deixe para lá", sugere ele.

Um longo momento se passa enquanto os dois tocam CDs em seus pães. A Morte os observa. Eles são sua última fonte de entretenimento, e agora mesmo Eles não estão dando a mínima atenção a ela.

"E se eu for com você?", sugere Lenny de repente.

Ah, as coisas estão ficando interessantes.

Blair lança-lhe um olhar inquisitivo.

-Que?

"Vamos ver..." Ele se vira para ela no catre. "Está decidido, vou te levar para Tando. E se... e se eu ficar lá? Eu realmente não sei o que quero, mas vou descobrir ", acrescenta rapidamente. "Não há hierarquia de poder lá, eu seria..." Mais perto da mãe…

—Do que você está falando, cenourinha?

A TV parece assustada. Está prendendo a respiração.

A Morte observa as duas almas, satisfeita por ter deixado a cela úmida.

Lenny olha timidamente para aquela que era sua protegida (agora ela é muito mais do que isso), que o encara fixamente.

—Já pensei que poderíamos dar uma vida um ao outro.

—Não. Não pense isso —ele ordena. Blair—Não pense em mim. Não deposite suas esperanças em um coração vazio.

O oficial imperial balança a cabeça negativamente. Ele está começando a ficar irritado.

"Você sabe como eu te encontrei na favela naquela noite, quando você fugiu?" Blair o encara, com um olhar menos desafiador. "Porque eu te conhecia naquela época. Seu coração não está vazio. Eu o ouço no silêncio. Tento memorizar seu ritmo." E eu me odeio porque não consigo fazer isso.

Essas palavras equivalem a agarrá-la pelos ombros e sacudi-la. Mara não consegue desviar o olhar.

"Blair! Você não entende?" Ele engoliu em seco. "Eu te reconheceria pelo seu batimento cardíaco. Isso significa muito."

(Mara recorda com amargura como era ouvir tais declarações. Apesar de tudo, ela passou a última parte da eternidade.) Em busca de algum espinho de amor que permanecesse cravado em sua pele. Talvez para se lembrar por que se tornou a Morte e para decidir se valeu a pena.

A TV o encara, incrédula, com a respiração presa na garganta.

"Não estou pedindo que você me ame", continuou Lenny suavemente. "Nem preciso que gostem de mim. Ainda não. E talvez seja só minha intuição falando, mas..." Sinto-me atraído por você, Blair Archer. Por mais cruel que você seja. —Ele ri incontrolavelmente—. E não sei o que fazer a respeito, apenas seguir o som do seu coração aonde quer que ele me leve.

Blair olha para ele e pisca.

A Morte ficou profundamente comovida com aquelas palavras (embora sua expressão não tenha revelado nada). Ela começou a acreditar no amor novamente. Não nas promessas vazias do passado, mas no amor verdadeiro. Uma amizade intensa do presente. Essas almas não ardem com uma paixão desenfreada, mas, para seu grande desgosto, podem florescer em algo especial.

—O que você disse —a TV começa muito devagar— foi tão estúpido quanto sempre.

—Olha, eu sei que parece bobagem…

—Mas, de todas as suas palavras —ela interrompe—, essas são as únicas que eu não detestei ouvir.

Na face de Lenny abre um largo sorriso.

—Você sente o mesmo?

Mara se aproxima um pouco para olhar a TV.

—Eu não disse tal coisa.

—Seu coração está batendo muito rápido.

"Você pode ficar no Tando", responde Blair. "Mas se quiser ser vista comigo, vai precisar de roupas."

"Feito", concordou o funcionário imperial.

"Tudo bem." O tom de Blair foi seco. "Quando vamos embora?"

-Em "Quando Paedyn assumir o trono", responde Lenny.

—Eu já imaginava. —O sarcasmo combina bem com a revirada de olhos.

O imperador, já habituado a essa atitude, ignora-a.

—Preciso falar com ela. Vou dizer que vou embora depois do casamento.

Ela se levanta e estica suas longas pernas.

Blair bufa.

—Estarei aqui.

-Eu sei.

"Por causa do som do meu coração?", ele resmunga. A TV, quase que a contragosto.

Lenny se vira para lhe dar um sorriso.

—É o som que me guiará de volta para casa.

"Saia daqui." Blair se esforça para esconder o sorriso. A Morte começa a achar que, no fundo, ela é uma romântica incurável. "Ou eu mudo de ideia sobre deixar você vir comigo."

O homem imperial obedece, partindo com a alma luminosa e um sorriso tolo. O rosto. Ao vê-lo, Mara sente uma certa tristeza. Quase não há mais nada ali para ela estudar. Seu eu cínico procurou esse casal impossível, esperando vê-los condenados, mas agora a Morte considera a conexão única entre eles quase enjoativa.

Não importa. Mara os verá novamente algum dia.

Nesta vida, talvez.

Mas na morte, sem dúvida.



CAPÍTULO 25
Kitt

Eu esculpo cada pensamento no papel.

Os respingos de tinta ameaçam afogar as palavras.

Mas continuo escrevendo.

Preciso libertar minha mente.

Um momento de silêncio… Preciso de um momento de silêncio.

Já não me lembro da maioria dos meus dias. E isso é quase um alívio.

A peste está devorando minha mente… Eu não Por favor, não tire isso de mim... É tudo o que me resta.

"Não me tire a cabeça."

Surpreso, olho para as palavras rabiscadas à minha frente.

Não me lembro de tê-las escrito.

Ao perceber o que está acontecendo, pego uma das garrafas enfileiradas sobre a mesa e engulo seu conteúdo turvo e de gosto forte, mesmo sabendo que não me fará bem algum. Estou morrendo; a própria Morte confirmou. E fingir que o remédio está fazendo efeito me ajuda a recuperar um pouco do controle, a não sentir que estou deslizando para o desconhecido, que estou sucumbindo a um destino que eu mesma criei.

Mas o abismo solitário de Mors terá que esperar. Algo infinitamente mais traiçoeiro me aguarda hoje.

Vou me casar.

Eu costumava acreditar que tal declaração seria fruto do amor. Agora Eu sei que não é.

Com os dedos sujos de poeira, abro uma gaveta e revelo a tampa ornamentada de um porta-joias. A poeira se acumulou sobre a filigrana ondulada do brasão de Ilya, mas, ao retirar o objeto de madeira desgastado e colocá-lo sobre a mesa, ele ainda parece liso ao toque.

Eu reflito essa memória íntima com os meus olhos.

Meu pai e minha mãe são a prova de quão ingênuo eu fui. Havia Houve um tempo em que acreditei que a devoção deles um pelo outro era inabalável. Mas as evidências contidas na caixa de joias de Iris Azer provaram que eu estava errado.

A deslealdade deles pesa sobre mim como uma maldição.

Aquele que está sentado no trono pode não ser nada mais do que um bastardo.

A dor me atravessa o peito. Tossi e senti o gosto de sangue na boca. Minha cabeça gira violentamente…

E então, reina a calma.

Durante um momento maravilhoso.

—Kitt?

De repente, a Morte está ao meu lado.

"Mara", sussurrei, ofegante. A dor havia passado. Na verdade, eu me sentia quase bem. "Você veio me desejar boa sorte antes do casamento?"

Ele inclina a cabeça, com aquele gesto peculiar dele.

—Eu já fiz isso. A onda de poder e dor que você sentiu foi o que me trouxe até aqui. —Ela me estuda com Atenção—. Isso já faz algum tempo.

—É verdade—digo, hesitante—. Eu… eu sei.

—Não, você não sabe—responde a Morte, num tom que em outras pessoas soaria como repreensão, mas nela é apenas curiosidade—. Você não se lembra da nossa conversa.

Estou prestes a dizer algo, a negar a terrível verdade que ele descobriu, até que meus olhos se deparam com a mesa vazia.

"Onde foi parar o porta-joias?", perguntei, confusa. "Estava aqui, eu..."

—Você deu para sua noiva—Mara explica. —Eu fui com você.

"Por quê...?" Aperto a ponte do meu nariz; a dor de cabeça insuportável está voltando. "Por que eu faria uma coisa dessas?"

A morte tenta dar de ombros, embora nunca consiga fazê-lo direito.

—Os humanos são muito sentimentais. Você queria que Paedyn estava usando uma joia que havia pertencido à sua mãe.

As cartas de amor ainda estavam lá dentro.

Que diabos está acontecendo comigo?

Talvez ele pense que meu pai os escreveu.

"Merda", murmurou ele.

Preciso que você acredite que são do meu pai.

Ela não pode descobrir. Ninguém pode saber.

Eu não sou um bastardo. Eu sou um rei.

Eu não posso ser um canalha. Eu tenho que ser um rei.

Um monstro… E se eu for apenas isso, um monstro?

-Merda!

Pronunciei o último palavrão bem mais alto. Apertei a cabeça, como se isso bastasse para silenciar o ruído interior. A copa dos galhos entrelaçados arranhava as palmas das minhas mãos.

Mara me encara sem piscar.

—Perda de memória. A peste está começando a tomar o controle. Há um limite para o que eles podem fazer. suportar a vida.

"Estou bem", digo entre suspiros.

"Por que você ainda está tão determinado a alcançar a grandeza?" É uma pergunta direta. "Você sabe o destino que o aguarda, e mesmo assim vai se casar."

Minha boca está seca.

"Você sabe por quê, Mara. Essa grandeza não é só para mim. Mesmo que eu não consiga desfrutar deste novo mundo que estou criando, pelo menos Kai poderá. O legado dele será..." Objeto de reverência. —A ideia me faz sorrir—. Vou garantir isso, porque, embora a vida lhe tenha atribuído um papel macabro, ele não é forte o suficiente para realizar o que é necessário.

Mara me observa, embora com menos intensidade do que o habitual. Seus olhos castanhos estudam meu rosto, percorrendo minhas sobrancelhas, meus lábios, a alma que cintila sob minhas feições. Que o toque dela... O olhar da Morte é uma sensação íntima e estranha.

Ela inclina a cabeça e seus cabelos castanhos caem sobre os ombros, que estão descobertos pela capa.

"Você é o melhor que esta linhagem Azer tem a oferecer. Digo isso por experiência própria."

Vejo um pergaminho manchado de tinta.

—Quando descobrirem o que eu fiz, muitos discordarão de você.

Eu começo a tocar bateria dedos sobre a mesa de madeira.

Mara dá um passo lento para a frente e estende a mão para roçar na minha. O toque é frio e desconcertante.

"A maioria das pessoas não aprecia a arte da brutalidade necessária", ele me garante. "Mas eu não sou a maioria. Eu sou todo mundo."

A agonia me despedaça em dois.

E então…

Estou em frente ao tribunal e observo o público da plataforma coberta . de flores. Ao meu lado, a coroa da rainha aguarda a cabeça de Paedyn.

As portas se abrem de par em par.

Estou no meio do meu casamento e não me lembro de como cheguei aqui.

Paedyn Gray avança em minha direção com um olhar de horror nos olhos.

Eu não sou o irmão que ela quer.

Sou eu o que meu irmão quer? Ou ele escolherá ela, sempre ela, somente ela…?

Eu aperto o dentes e luta para se manter no momento presente.

Eu mexo nos botões da minha elegante túnica.

Paedyn junta-se a mim no altar. Estendo-lhe a mão.

Analiso-a rapidamente, procurando o brilho de alguma joia. Mas minha futura esposa não está usando nada que tenha pertencido à minha mãe, nem tem a expressão de alguém que acaba de descobrir um segredo escandaloso.

Não encontrou as letras.

O acadêmico recita uma série de frases que mal consigo ouvir.

Estou muito concentrado em evitar que minha mente mergulhe na confusão.

Eu digo "sim, eu quero" quando me pedem.

Fico surpreso que Paedyn seja capaz de pronunciar essas mesmas palavras. De verdade, eu faria qualquer coisa por uma Ilya unida. E pretendo cumprir essa promessa.

Em breve, todos nós seremos Unidos. Como elites.

Eles me mandam beijar a noiva.

Uma parte de mim pensava que, a essa altura, Kai já teria invadido a sala do trono furioso. Mas isso não aconteceu, e isso me dá esperança.

Dou um beijo fugaz na minha amada.

Kai ainda não sabe, mas tudo isso é para ele. Para nós. Sempre.

Nos viramos para a multidão, com os dedos entrelaçados.

Entre o Em meio a um mar de rostos, descubro a Morte, que me observa.

A presença deles é muito apropriada.

Porque uma parte de mim acabou de morrer.

O amor é um luxo.

E o menino inocente que acreditava no contrário agora jaz em um túmulo coberto de flores.



CAPÍTULO 26

Mara

Os olhos de Mara se fixam no rastro de sangue que escorre pelos degraus de pedra.

Mana extrai energia do homem caído ao seu lado, cuja vida escapa pela ferida em seu peito. A Morte precisa cumprir seu dever, levar essa alma para Mors e tudo mais, mas ela dedica um momento para admirar um ato de violência tão desnecessário.

Kitt cravou uma espada em seu coração com uma indiferença implacável que surpreendeu até mesmo a Morte. Ele nunca vira aquela alma antes, mas não havia dúvida de que o rei a havia entregado a ele por algum motivo. A convicção de Kitt era admirável.

É exatamente como a Morte.

Ambos fazem o que têm que fazer.

Mara leva a alma estoica para o outro mundo enquanto o rei e o A rainha e a Morte conversam em sussurros, e ela não consegue deixar de pensar no casal feliz enquanto caminha pelos terrenos pantanosos de Mors. "Casal feliz" é apenas uma figura de linguagem, é claro. Para deleite de Mara, eles parecem infelizes quando estão juntos. Não, a Morte não se sente ameaçada por Paedyn Gray. Ela admira sua alma obstinada, sem dúvida, mas este vulgar — como chamam aqueles que a peste não tocou (Mara) — é um estorvo. (Ela vai falar sobre o assunto das árvores) não está destinada a este Azer. Não, sua alma está ligada à de seu irmão.

E KITT pertence à Morte. Para sempre.

Isso deixa o homem desorientado em uma área de terra seca.

—…ele me matou. A mim! Eu fiz tudo por ele, pelo pai dele… E tudo por medo, porque ele é um desgraçado…

Mara sente uma dor aguda no peito, bem onde Seu coração está se descongelando.

Kitt não confia nela.

Ele quer atribuir esse erro de julgamento à sua fragilidade mental. Porque ele teria compartilhado algo tão importante com ela, ele sabe. A conexão entre eles é mais profunda

do que qualquer Morte já experimentou (pelo menos nesta vida). Tal relacionamento é intrínseco aos seres que o compartilham.

É o destino. (e o último homem em quem Mara pensava que encontraria a sua própria vida... de uma forma brutal).

A morte é, acima de tudo, obsessiva. Todos os seres acumulam defeitos, e Mara está mais consciente dos seus do que qualquer outra pessoa. Sua inteligência e curiosidade insaciável só são comparáveis à sua tendência à possessividade. Ninguém é perfeito. Mas ela há muito enterrou essa parte de si mesma e, sinceramente, finalmente conseguiu. Ela está começando a ficar cansada.

A morte não é a culpada por Kitt Azer se sentir jovem. Viva. Como se estivesse olhando nos olhos de um antigo amor.

Mara passa um tempo (em Mors é impossível saber quanto) coletando almas presas em cadáveres frios. Ela negligenciou sua missão desde que começou a se sentir intrigada (alguns diriam atraída) pelo rei. É por isso que a Morte Ele ouve as queixas das almas que arrasta consigo e até se desculpa por não ter cuidado delas antes. Ele não é um monstro.

Quando Mara retorna ao mundo dos vivos, a noite já caiu sobre Ilya. Ela se dirige ao escritório do rei com um entusiasmo exagerado pela Morte, algo evidente em sua expressão. Kitt está lá como sempre, debruçado sobre uma pilha de pergaminhos, escrevendo. Sem pausa.

—Aparentemente, perdi seu segundo casamento—Mara cumprimenta.

Eu sabia dos planos para realizar uma segunda cerimônia em Saqueo. Esses humanos são muito estranhos.

O rei não levanta os olhos das palavras que escreve a tinta no papel. Seus cabelos dourados espreitam por baixo da coroa de galhos entrelaçados. Ele mal pronuncia algumas palavras:

—Não… preciso continuar escrevendo… primeiro que já é tarde demais…

Hum. Parece que a Morte o pegou em um momento ruim. A praga já controla sua mente, ou talvez seja um poder avassalador; Mara sabe disso muito bem. Mas isso não a impede. Kitt deixará de se agarrar à Vida e pertencerá inteiramente à Morte.

"Arrastei até Mors a alma que você matou." Mara sentou-se à escrivaninha do rei. "Não fiquei nada satisfeita."

Essas palavras parecem dissipar a névoa dos olhos de Kitt. Ele pisca como se estivesse acordando de um sonho.

O rei retornou. Mesmo que apenas por um instante.

"Calum", ela murmura. Seus olhos verdes (a fraqueza de Mara em todas as suas vidas) fixam-se na tinta que mancha suas mãos. "Não sei o que me deu. Ele era uma ameaça e, de repente... De repente, eu o atravessei com minha espada."

A Bota da Morte tambores contra o tapete gasto.

—Você não me disse que está preocupado por não ser um filho legítimo.

Uma ruga de confusão se forma em sua testa, logo acima daqueles olhos pelos quais Mara mais uma vez se deixou seduzir.

—Não quero que você carregue esse fardo.

A Morte o aponta.

—Tudo o que você tem é meu. Nossa eternidade começa muito em breve.

É óbvio que Kitt tem dificuldade em se concentrar. Ele balança a cabeça negativamente. Ele passa a mão pelo rosto.

—O que você quer dizer com "nossa" eternidade?

"Bem, estamos destinados, é claro", diz a Morte simplesmente. "Você sacrificou sua alma para estar comigo. Juntos, governaremos Mors." Ela pega a mão do rei, acariciando seus dedos com os seus próprios dedos frios. "Nunca mais estarei sozinha. Estaremos juntos."

Kitt olha para as mãos entrelaçadas.

—Mara… —Ela gosta disso O som do nome dela até ela ouvir a risadinha... Adorei sua companhia e aprendemos muito uma com a outra. Mas...

—Mas o quê?

A voz da morte é gélida. Ela já ouviu essas palavras antes, vindas de lábios como esses.

—Mas você é a Morte —ela conclui com um suspiro.

Mara para de bater o pé no chão.

"Eu não queria te conhecer." —Kitt Ele fala no mesmo tom que os humanos usam quando dão de ombros; sem pensar, sem significado. "Suponho que você entenda. Eu realmente gostei do tempo que passamos juntos, mas não podemos... ficar juntos." Ele a olha com uma expressão triste. "Você entende, não é?"

A morte entende. Muito bem.

Ela retira a mão da do rei com uma fúria gélida.

—Você acha que é melhor do que eu?

-Não Eu disse isso…

Mara ri, e o som é agudo e cortante, muito diferente de seu estoicismo habitual. O rei se assusta.

"Você acha que eu não sou exatamente o poder que você procura?" Ele se levanta muito devagar. "Poucos tiveram a sorte de me ver e sobreviver. Mas nenhum foi tolo o suficiente para me rejeitar."

Kitt levanta as mãos como se pudesse domar um ser como a Morte.

"Eu te conheço, Mara." Ele olha em seus olhos gélidos. "Não tenho medo..."

"Pois bem, você deveria tê-la!" ela ruge. Seu coração parado está se partindo em dois, e ela conhece bem essa dor. "Eu sou a sua Morte, e não terei misericórdia."

O rei leva as mãos ao peito, fazendo uma careta de dor latejante.

—Mara… Por favor…

"Ninguém zomba de mim", ele ruge. "Isso não vai acontecer de novo!"

Kitt vai para Pela primeira vez, todas as emoções que alteram seu rosto, e todas ao mesmo tempo: dor, traição, a lembrança de um momento idêntico a este.

"Você não me ama, mas a vida também não te ama mais." A Morte se apoia na mesa, imobilizando Kitt na cadeira. "Sua alma é minha. E o que restou de mim poderia ter sido seu", sussurra ela. "Agora, não serei mais tão delicado."

Mara não é um monstro... se não Eles a forçam.

Ela desaparece do estúdio e se lembra por que detesta os vivos. Eles são tão volúveis quanto o destino que brinca com eles. Sim, se Mara tinha desejos, se ansiava por um ritmo que reanimasse seu coração, um carinho que aquecesse sua face, olhos verdes fixos nela, tudo isso morreu novamente.

O coração dele é um caixão.

E qualquer homem que ele deixar entrar estará perdido.

Mara pensa nisso com prazer.
Não é um monstro, não.
Mas ela é vingativa.



CAPÍTULO 27
Kitt

Estou à deriva, perdido em um lugar escuro.
Meu consultório está lotado de curandeiros.
Eles trocam olhares tristes.
"Ele está morrendo", dizem seus olhos.
"Eu sei", responde minha família, com semblante cabisbaixo e olheiras profundas.
Então, nada.
Nada.
Nada.
Eu pisco os olhos e volto a mim. Há várias cartas novas sobre a mesa.

Eles detalham a morte de Calum pelas minhas mãos.
Absorvo a triste verdade com meus olhos e percebo que deixei uma filha órfã. Agora ela é igual a mim.
Eu explicaria a Mara por que tive que fazer isso se ela ainda não tivesse desaparecido.
Levanto os olhos da página.
A morte está diante de mim.
A confusão nubla minha mente. Mal consigo entender o que ele está me dizendo.
Ele quer ser Comigo.
Devo tê-la entendido mal.
Ela é a Morte. Estou lhe dizendo.
Mara não está reagindo nada bem.
Comecei a acreditar que sua reputação era exagerada.
Mas a Morte merece o medo que tão facilmente inspira.
Sinto dor de cabeça e aperto no peito.
Acabei fazendo exatamente o que queria evitar: transformar a Morte em minha inimiga.
O que se segue É o nada.

Então, meu irmão.
Ele está ao lado da minha esposa. Uma cena que não me surpreende.
"Ele matou seu pai, não o meu", ouço Kai dizer, com a voz abafada em meus ouvidos.
A peste me concede um alívio, o suficiente para que eu ouça as palavras de condenação.
—Paedyn é sua irmã. Eu não sou.
Mais uma vez, vagueio sem rumo, subjugado pelo poder traiçoeiro que... consome.
Não. Não, não, não… Preciso falar com meu irmão.
Eu me rebelo contra a escuridão.
Por favor!
Estou afundando no esquecimento.
Me deixem sair! Me deixem sair!
Preciso do meu irmão. Preciso ter certeza de que o que estou lhe dizendo...
Nada.
Quando me libertar das garras da peste, terei uma espada na mão.
Levanto a lâmina para bloquear o atiçador que ele está brandindo. Kai.
Ele solta um suspiro de espanto. Eu também.
Estamos lutando.
Nós sorrimos.
Caímos mais uma vez numa dança familiar e mortal.
Tenho dificuldade em permanecer com ele neste momento.
Mas desaparece, como tudo o mais.
Uma onda repentina de dor me traz de volta ao presente.
Levanto meus olhos cansados.
É Kai quem empunha o atiçador de lareira.
Mas é a Morte quem me transpassa o peito com ela.

Ele esboça um sorriso torto; suas mãos frias agarram a barra de ferro.

Mara, com seu sorriso gentil. Mara, com o nariz sujo de farinha. Mara, com a batida do coração que eu lhe emprestei.

Mara, a personificação da vingança, empurra o atiçador de lareira de forma que ele perfure minha carne.

Ela é a minha Morte.

"Não!" grita Kai. "Você devia ter desviado dessa, Kitt!"

Eu cutuco a ferida com o dedos, que ficam manchados de sangue.

-Eu esqueci.

Assim como esqueci todo o resto.

Meu irmão me segura antes que eu caia no chão.

Eu jamais imaginei que morreria assim.

A peste se retira para um canto da minha mente e me permite desfrutar dos últimos momentos de vida.

Na verdade, não sinto nenhuma dor.

É um alívio.

A morte paira sobre o ombro trêmulo de Kai. com uma expressão impassível em seu belo rosto.

Eu me agarro à minha alma que se esvai.

Estou com meu irmão. Não gostaria de estar em nenhum outro lugar.

—Eu escrevi… cartas para você—consigo dizer. A presença de Mara em meu peito oprimido está aumentando.—Então você sabe… por que sou um monstro.

Preciso que ela saiba. E que continue me amando. Para sempre.

Por ele, eu faria tudo de novo. Tudo de novo.

"Chegou a hora", diz a Morte friamente.

Concentro meu olhar nela, que está ficando cada vez mais turvo.

—Irei sem resistir. Por você.

Não houve nenhum clarão de luz.

Sem som alto, sem transição para o preto.

Kitt (agora apenas uma alma) sente-se um pouco enganada.



Algum tempo depois (ou, provavelmente, muito tempo depois, porque ele já não tem consciência da passagem do tempo, é claro) da morte anunciada de Kitt, a Morte perturba seu descanso.

A verdade é que ele estava começando a se acostumar com aquele vazio absoluto. Apenas duas estrelas lhe faziam companhia, embora geralmente mantivessem distância. Sim, o falecido rei estava sozinho, mas não se sentia solitário. Não. como quando eu estava vivo.

Kitt está sentado, deixando-se acariciar pelo nada (que não é nem para cima nem para baixo, nem nada que possa ser descrito) quando Mara se materializa ao seu lado na escuridão. Ela tem a aparência que se esperaria da Morte, sombria e distante. Os belos traços que o rei outrora admirava, embora sem paixão, agora estão desprovidos de qualquer emoção e parecem mais inertes do que ela. mesmo.

Seu olhar vazio o examina com gélida indiferença.

—Você está aproveitando o intervalo?

Kitt acena com a cabeça, cauteloso com a presença instável.

"Cada vez mais. É muito tranquilo." Ela percebe que é verdade; ela gosta disso. "Faz muito tempo que não consigo aquietar meus pensamentos assim."

"Ótimo." A palavra soa cortante nos lábios de Mara. Ela não parece feliz por ele, mas sim presa. Com uma satisfação mórbida ao vê-lo vulnerável. Quando seus lábios frios esboçam um sorriso, Kitt teme pela vida que não lhe pertence mais. Agora posso tirar essa paz de você.

O rei caído olha para ela, perplexo.

-Que?

—Eu só te mostrei essa paz para que pudesse tirá-la de você—a Morte o informa friamente. Ela o encara com a cabeça inclinada, um gesto que Kitt certa vez achou curioso e cativante—. Você realmente achou que eu deixaria você aproveitar esse descanso que você tanto deseja?

Kitt se levanta ali, no meio do vazio.

—Não… não entendo.

(Ele ainda tem muito a compreender. Acima de tudo, o significado do ódio aparentemente repentino que Mara sente por ele, ou melhor, pelos Azer a quem ele um dia pertenceu. Muitas vezes, o ódio é reconhecido nos outros. E nesta vida, é Ele se apaixonou

por outro par de olhos verdes, mas quando eles encontram os da Morte, continuam dizendo a mesma coisa de antes: que é impossível alguém amá-la.

“Eu te disse que a morte não teria misericórdia… Que eu não teria misericórdia”, ruge Mara, e a escuridão estremece ao seu redor. Ela respira fundo, embora Kitt suspeite que não precise. Então, lentamente, o sorriso perturbador retorna. aos seus lábios—. E agora, você possui mais de mim do que qualquer outra alma.

Kitt sabe que ela não espera que ele entenda, e isso o assusta muito.

—Mara, por favor…

"Você sempre esteve destinado a ser rei, Kitt." Ele segura o braço dele, sorrindo. "Mas não o de Ilya."



CAPÍTULO 28
Mara
5 anos depois

A lama gruda na barra do manto de Mara.

A distração de olhos verdes agora não passa de uma alma humilhada à sua disposição, permitindo que a Morte se dê ao luxo de retornar à sua eternidade. Ela passa seus dias (e noites também, pois não dorme) coletando almas com uma nova aprendiz. E com uma indiferença recém-descoberta. Mara aprendeu com seus erros. Pelo menos, nesta vida.

A morte de um velho a leva a Tando. Ela viaja pelo reino espiritual até encontrar o corpo em uma casinha pitoresca. Sua esposa ainda chora diante do corpo de aparência serena quando Mara liberta a alma, que sai da casa protestando, pois queria se despedir da mulher que chora em voz alta. Mara teria achado um gesto doce se ainda acreditasse no amor.

Ele vagueia com a alma pelas ruas tranquilas, entre os prédios de tijolos bem cuidados, até que o som de uma voz familiar o faz parar abruptamente…

—…você é inútil, cenourinha.

—Sinceramente, não sei o que você estava pensando quando me mandou buscar os ingredientes.

—Sim, idiota que sou, imagine só, você achou que ia me trazer O que estava na lista…

Mara ignora os protestos da alma que arrasta e vira a esquina.

E lá estão eles, caminhando diretamente em direção a ela: a TV e o imperial.

O capuz da capa cobre os cabelos lilás de Blair, mas exibe com orgulho a cicatriz que percorre seu rosto. Lenny caminha ao lado dela, quase irreconhecível sem seu uniforme engomado. Seu cabelo está mais comprido e ele veste roupas. Simples, e coloca o braço em volta dos ombros daquele que era seu protegido.

"Me deixe em paz", ela ordena, tentando se livrar dele.

Mas o dono do hipermercado a abraça com mais força e até se atreve a beijá-la na têmpora.

Blair disfarça o sorriso com um suspiro de desgosto, mas é inegável: suas almas estão irrevogavelmente entrelaçadas. Sim, um brilho verde e dourado. Isso os envolve, os torna um só.

A Morte os encara com incredulidade (e isso pode até transparecer em seu rosto).

Porque, apesar de todo o tempo que passou, eles ainda estão condenados.

Lenny está com um sorriso de orelha a orelha e quase passou por Mara quando, de repente, olha nos olhos dela.

A morte permanece imóvel.

O jovem sorri.

-Bom dia.

Para alguns, é uma simples saudação. Educada. Para Mara, é a primeira vez que alguém a vê em anos. Tudo porque o hipermercado despertou seu sexto sentido.

Blair olha na direção da Morte e bufa antes de se virar para Carrot (um apelido que, sem dúvida, agora é um carinho).

—Com quem diabos você está falando?

"Com a senhora", murmura Lenny. "Tudo bem, ela não trouxe a farinha peneirada nem nada do tipo, mas Não é motivo para ser grosseiro.

Ele se vira para lançar um olhar de desculpas para Mara, que simplesmente pisca.

Ele os ouve discutindo (aparentemente, algumas coisas nunca mudam) enquanto caminham pela rua e param em frente a uma loja. A Morte percebe que é uma confeitaria.

Atrás da grande vitrine, Blair veste um avental. Lenny o amarra para ela.

É a confeitaria deles.

Contra a sua vontade, Mara sente… algo quando os vê. Ela não quer analisar muito a fundo, principalmente porque tem medo de descobrir o que sente. Talvez felicidade. Ou, pior, inveja.

Então ele continua caminhando pela rua, com uma alma destinada a Mors.

Mara não espera mais interrupções, mas não consegue ignorar o impulso que sente no peito. Ela segue a direção do chamado sem pensar, porque a Morte nada sabe. É apenas isso, seja lá o que for, que a atrai.

Uma rua comercial se abre diante dela, mas o olhar de Mara atravessa a multidão.

E ele vê uma menininha pulando por aí com uma espiga de milho na mão.

Seus pais são de Ilya.

A mãe tem cabelos grisalhos; o pai, uma alma intrigante.

Mas é a garota que atrai a Morte.

Ele se agacha ao lado dela; os cabelos grisalhos de A menina brilha ao sol.

—Olá, pequenino—diz Mara.

O sorriso que aparece em seu rosto é radiante.

"Seu cabelo é muito bonito", diz a menina docemente.

Paedyn pega a filha pela mão.

—Com quem você está falando, Kit?

O nome quase faz a Morte sorrir.

Sinceramente, eles poderiam ter se esforçado um pouco mais.

Mara inclina a cabeça para olhar para a menina. Ela observa. Assim passa uma família feliz.

A menina e sua alma promissora se despedem da Morte.

Mas eles se verão novamente.

Mara bate a bota no chão. E já não finge que é o ritmo do seu coração. Não, agora ela aprecia não sofrer com essa fragilidade.

Porque nada pode aprisioná-la. Nem a vida, nem um homem, certamente.

Mas talvez uma mulher…

A morte sorri.

Ele finalmente encontrou seu rival.



EPÍLOGO
Kitt

As árvores murmuram enquanto ele passa por baixo delas, e galhos cobertos de musgo acariciam seus ombros envoltos em capa.

Kitt não consegue distinguir a voz da mãe entre elas porque não sabe o que deveria ouvir. A voz dela é apenas uma lembrança, tão distante e delicada que ele prefere mantê-la confinada à sua mente. Lá, ela está a salvo de Mors.

O chão sob suas botas amolece, dando lugar à lama, enquanto os troncos finos das árvores se tornam cada vez mais esparsos. Kitt deixa para trás, sem pensar duas vezes, outro rei como ele, chorando inconsolavelmente ao lado da casca esbranquiçada de uma árvore. Houve um tempo em que a ideia de ser ignorado por toda a eternidade pelo pai que tanto o desprezava o enfurecia. Mas ele aprendeu Ele aprecia a solidão de seu papel em Mors… porque transita entre as almas que lamentam sem se darem conta. Agora, encontra sua própria paz ao contemplar o homem atormentado que, no passado, era tudo para ele.

Porque Kitt observou (desde o início desta eternidade) os esforços fúteis de seu pai para libertar Iris Moyra de seu repouso. Nesse exato momento, o sangue flui. Das unhas quebradas do outrora temível Edric Azer, que arranha a casca de uma árvore como qualquer outro, Kitt o vê bastante convencido de que sua esposa está descansando lá dentro .

(Embora eles nunca saibam. O poder de Kitt é limitado, e ele é incapaz de distinguir sua mãe ou sua irmãzinha de qualquer outra alma serena entrelaçada na própria essência de Mors. Mas, com certo egoísmo, ele se alegra com) Sem saber onde seus entes queridos repousam, Kitt Azer sente vergonha. Ele não quer que eles saibam o que aconteceu com ele.

O céu, sempre cinzento, paira sobre os cabelos loiros de Kitt, sem uma coroa dourada para adorná-los. Uma súbita pontada no peito o obriga a acelerar o passo… Sua existência na vida após a morte é repleta de exigências. Na verdade, ele passou quase toda a eternidade (até) Agora, ele pensa em como as coisas poderiam ter sido diferentes. Talvez se tivesse oferecido a Mara a companhia que ela tanto desejava, não seria escravo de Mors

agora. Ou talvez esse sempre tenha sido o plano da Morte… só que ela queria possuir não apenas ele, mas também seu afeto. Mas Kitt não tem mais amor para dar.

(Será que Mara não percebeu que era quase incapaz de sentir essa emoção?).

Ela ainda o castiga por esse amor não correspondido. E, embora Kitt agora entenda a praga e saiba a verdade por trás dela, ele ainda não entende como tudo aconteceu. Ou melhor, como tudo começou com Mara.

"Vá e fique de olho nela", diz a Morte a Kitt assim que chega ao local de encontro habitual. É uma área acidentada e particularmente perigosa, e eles mantêm uma presença constante ali. Uma de cada lado. Mara mantém distância, fria e indiferente . Kitt mantém a compostura, com a esperança ingênua de uma amizade na próxima vida, se tiver sorte (e é bem claro que não terá).

"Por algum motivo específico?", pergunta ele, embora saiba que Mara talvez não se digne a respondê-lo.

Desta vez, para sua surpresa, ele o faz.

—É aniversário dele. Quero saber o que está acontecendo. planejamento.

Kitt não faz mais perguntas; apenas acena com a cabeça e fecha os olhos para se concentrar.

"Lembre-se do que eu lhe ensinei", acrescenta a Morte, incapaz de se conter. Pois, enterrados no fundo daquele coração gélido, ainda persistem sentimentos pelo Azer. "Deixe-se levar."

Kitt concentra-se nesse núcleo de poder mutável dentro de si e segue as instruções de A morte. Sim, ela desperta a sonolência formidável que se esconde entre suas costelas. Mas agora ele não luta mais contra ela. Ele a compreende.

Ele desliza de um plano para outro até sentir um tapete macio sob os pés. A cada vez, acha mais fácil suportar a tontura e a onda de poder. Mas ele é apenas uma pequena fração da própria Morte, e tal esforço o exaure. No entanto, Kitt, que detesta admitir essas coisas, não se importa de seguir as ordens de Mara. Isso o faz sentir-se necessário, algo que raramente sentia enquanto estava vivo.

Kitt, ofegante, olha ao redor e observa o que um dia fora seu lar. O castelo parece diferente, mais acolhedor do que da última vez que a Morte o enviou a Ilya. Ele se pergunta, sem muito interesse, quanto tempo ficará ali. já se passou o tempo desde que ele deu seu último suspiro no escritório no final do corredor.

Ele caminha rapidamente em direção ao quarto da garota , apreensivo com quem quer que tenha despertado o interesse da Morte. Ele sabe muito pouco sobre esse ser misterioso, apenas detalhes vagos obtidos em breves conversas com Mara. Mas Kitt estava errado da primeira vez em não temer a Morte, porque O medo o teria mantido vivo.

Kitt vira a esquina do corredor e caminha por ele até que, de repente, para abruptamente.

Ali, com uma caixa de mirtilos maduros na mão, está a única pessoa que Kitt Azer aprendeu a amar.

—… Gatinha?

O olhar de Kai recai sobre o fantasma do irmão e seus olhos se enchem de lágrimas. Ele estremece, algo que o carrasco raramente fazia quando Kitt ainda estava vivo. Mas agora

ele era rei, e talvez isso, por mais estranho que pareça, lhe tivesse dado o poder de expressar seus sentimentos com mais liberdade.

"É você mesmo?" Kai gagueja, quase caindo na gargalhada.

Kitt percebe que o tempo só deixou marcas em um deles. A barba por fazer esconde o maxilar forte de Kai, sob olhos com rugas nos cantos . Durante anos, eles compartilharam risos. E, não é a primeira vez, Kitt se sente enganado. Era ele quem deveria ter envelhecido ao lado do irmão.

"Você..." O servo Mors tenta pigarrear, tomado pela emoção. "Você consegue me ver?"

Os olhos cinzentos de Kai se encheram de lágrimas.

—Claro que consigo te ver, Kitty… Mas não sei porquê…

Naquele momento, Kitt não se importava com a morte, nem com a vida. Nem o que poderia ter sido. Não, tudo o que lhe importa é o que Kai pensa dele... nesta vida ou na próxima. Mas, depois de tantos anos, Kai ainda o vê como seu irmão, não como o monstro em que se transformou.

"Não foi sua culpa", insiste o irmão falecido.

—Eu poderia ter te salvado. Você estava doente, mas…

"Eu estava morrendo, irmão", murmura Kitt, e seu coração se parte. voz—. Quem cravou o atiçador no meu peito não foi você, mas a Morte.

Kai passa a mão pelos cabelos; alguns fios brancos já começam a aparecer nas têmporas.

"Morte? Não entendo." Ele está prestes a cair na gargalhada. "Estou ficando louco?"

"Não, irmão." Por ele, Kitt se esforça para se lembrar de como sorrir. "Mas eu me pergunto como você consegue me ver."

—Eu te vejo em todo lugar, Kitt. Em cada sorriso, em cada ondulação da água, em cada espada que não consigo empunhar. —Kai se aproxima dele—. E agora você está verdadeiramente aqui…

"Eu não estou aqui." Kitt fecha os olhos verdes com força (os mesmos que o meteram nessa enrascada) e lágrimas escorrem por suas bochechas. "Na verdade, não."

—Você é…? Nossa, isso soa ridículo. Você é um fantasma ou algo assim?

O rei O morto ergue o olhar na direção do rei vivo que está diante dele.

—Eu sou algo muito pior.

Kai estende a mão em direção ao irmão, que evita o contato.

—Deixe-me ajudá-la, Kitt. Por favor…

"Em Mors, ninguém pode me ajudar." As palavras soam abafadas. "Eu sou a Morte. Não completamente, mas o suficiente para ser útil. E a culpa é minha." Ele balança a cabeça. "Eu brinquei com a poder, e acabou me controlando.

O rei encara, sem piscar, o gatinho à sua frente, tão familiar e, ao mesmo tempo, um completo estranho.

"A peste", ele murmura. "É por isso que você está assim?"

O fragmento da Morte não responde. Ele também está se tornando cada vez mais enigmático... Deve ser um risco da profissão.

A voz do rei assume um tom mais grave.

—O que é a peste, Kitt?

—Você não quer saber.

Kai esfrega os olhos, cansado.

-Eu não entendo.

—Não é seu destino entendê-lo.

"E você é a Morte?" As palavras transbordam de incredulidade, até que uma onda de compreensão as dissipa. "Eu vou morrer, Kitt? É por isso que eu consigo te ver?"

Os irmãos se encaram por um instante que assustaria até a própria eternidade, porque o laço que os une é profundo. O vínculo entre eles é infinito.

—Ainda não, irmão.

E de repente Kitt desaparece, arrastado por sua amante daquele plano físico.

Cambaleando, ele retorna ao Mors, onde Mara o espera. Ela não olha para ele.

—Como está meu prodígio?

Kitt responde com mentiras que mal ouve, pois seus pensamentos estão distantes, na terra dos vivos, onde seu coração parou de bater há muito tempo. anos.

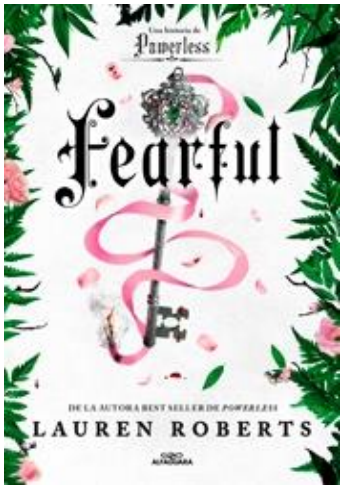
Apesar de tudo, a Morte parece satisfeita com as respostas.

—Ótimo. Temos muito trabalho pela frente.

Ele curva os lábios num sorriso cruel e então pronuncia o título zombeteiro que lhe conferiu:

—Bem-vindo de volta, Rei de Mors.

Um novo romance da saga Powerless, a história de amor que cativou mais de 5 milhões de leitores em todo o mundo.



Mara havia jurado nunca mais voltar a Ilya. Mas quando o rei toma uma decisão crucial, seu interesse se reacende, e a Morte está determinada a compreender a mente de Kitt Azer, contanto que ele esteja disposto a encontrá-la em El Mors.

Passar um tempo com o rei enquanto ele observa os habitantes do castelo faz Mara se lembrar de que a vida é muito mais do que a morte. Há Amor. Mas até as intenções mais puras acabam levando à vingança e à busca pelo poder. E nenhum deles conseguirá escapar do seu destino: viver, governar, amar e, sem dúvida, morrer...

Embora **Lauren Roberts** tenha vivido toda a sua vida em Michigan, sua mente viajou para inúmeros mundos extraordinários. Além de escrever sobre eles e sobre os romances nada convencionais vividos por seus habitantes, ela também consegue mergulhar nesses reinos mágicos por um tempo através do poder da leitura. *Powerless* , o primeiro livro da trilogia, marca sua estreia como escritora, o que causou É um enorme sucesso em plataformas de mídia social como o TikTok. Além de viver em mundos de fantasia, também gosta de atividades mais mundanas, como tricô, caça-palavras ou colorir.



Título original: *Temeroso*

Primeira edição: outubro de 2025

© 2025, Lauren Roberts
POWERLESS é uma marca registrada da Lauren's Library LLC
© 2025, Penguin Random House Grupo Editorial, SAU

Travessera de Gràcia, 47-49. 08021 Barcelona
© 2025, Patrick Knowles, pelos mapas
© 2025, Cristina Macía Orio, pela tradução

Design da capa: Penguin Random House Grupo Editorial / Adaptado do design original de Simon & Schuster
Imagens da capa: © Bob Lea

O Grupo Editorial Penguin Random House apoia a proteção da propriedade intelectual. Propriedade intelectual Estimula a criatividade, defende a diversidade no âmbito das ideias e do conhecimento, promove a liberdade de expressão e fomenta uma cultura vibrante. Agradecemos por adquirir uma edição autorizada deste livro e por respeitar as leis de propriedade intelectual, abstendo-se de reproduzir ou distribuir qualquer parte desta obra por qualquer meio sem autorização. Ao fazê-lo, você apoia os autores e possibilita a sua preservação. Esperamos que a PRHGE continue publicando livros para todos os leitores. De acordo com o Artigo 67.3 do Real Decreto-Lei 24/2021, de 2 de novembro, reservamo-nos expressamente o direito de reproduzir e utilizar esta obra e todos os seus elementos por meio de leitura mecânica e outros meios apropriados. Contate o CEDRO (Centro Espanhol de Direitos de Reprodução, http://www.cedro.org). Caso necessite reproduzir alguma parte desta obra.

ISBN: 979-13-87741-22-8

Composto em punktokomo.com

Facebook: PenguinEbooks
Facebook: somosinfinitos
X: @somosinfinitos
Instagram: @somosinfinitoslibros
YouTube: penguinbooks
Spotify: penguinbooks

«Para viajar lejos no hay mejor nave que un libro.»

EMILY DICKINSON

Gracias por tu lectura de este libro.

En **Penguinlibros.club** encontrarás las mejores recomendaciones de lectura.

Únete a nuestra comunidad y viaja con nosotros.



Penguinlibros.club

Penguin Random House Grupo Editorial

Penguinlibros

Índice

Medroso
Prólogo. Mara
Capítulo 1. Kitt
Capítulo 2. Mara
Capítulo 3. Kitt
Capítulo 4. Mara
Capítulo 5. Mara
Capítulo 6. Kitt
Capítulo 7. Mara
Capítulo 8. Kitt
Capítulo 9. Mara
Capítulo 10. Mara
Capítulo 11. Kitt
Capítulo 12. Mara
Capítulo 13. Kitt
Capítulo 14. Mara
Capítulo 15. Mara
Capítulo 16. Kitt
Capítulo 17. Mara
Capítulo 18. Mara
Capítulo 19. Mara
Capítulo 20. Kitt
Capítulo 21. Mara
Capítulo 22. Kitt
Capítulo 23. Kitt
Capítulo 24. Mara
Capítulo 25. Kitt
Capítulo 26. Mara
Capítulo 27. Kitt
Capítulo 28. Mara
Epílogo. Kitt
Sobre este livro
Sobre Lauren Roberts
Créditos

Pontos turísticos

1. Cobrir